REVISTA DA SEMANA

Nº 16 ★ 22-4-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



NO TEXTO

MODAS DE OUTONO



NA TIJUCA MORA A ABNEGAÇÃO

SENSACIONAL!

INÉDITO NA IMPRENSA ESPORTIVA DO BRASIL

O ANUÁRIO de ESPORTE Ilustrado



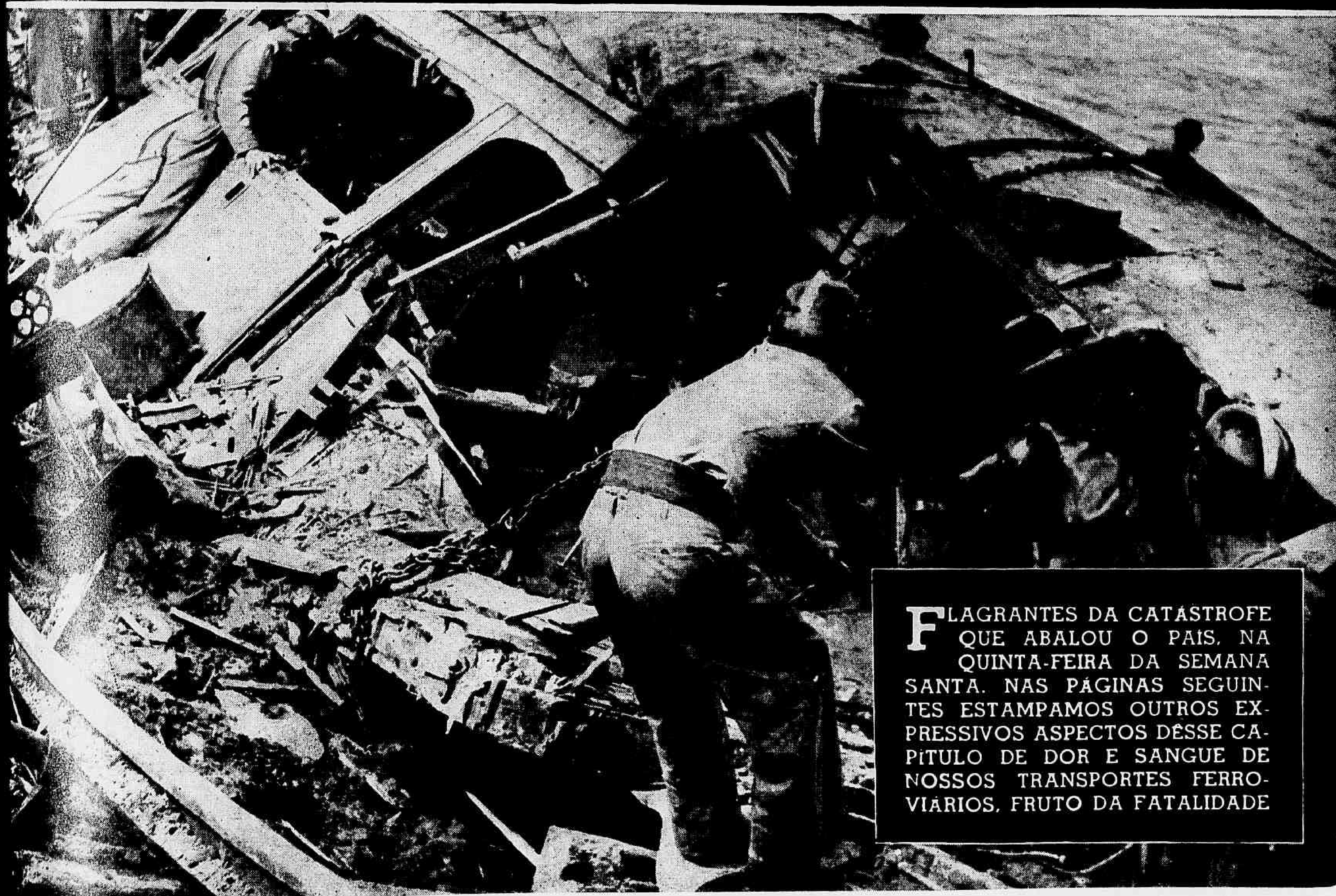
70 PÁGINAS -- Cr$ 10,00

O TIME DO VASCO EM TRÊS CÔRES (32,5x47) -- PÁGINA SÔLT

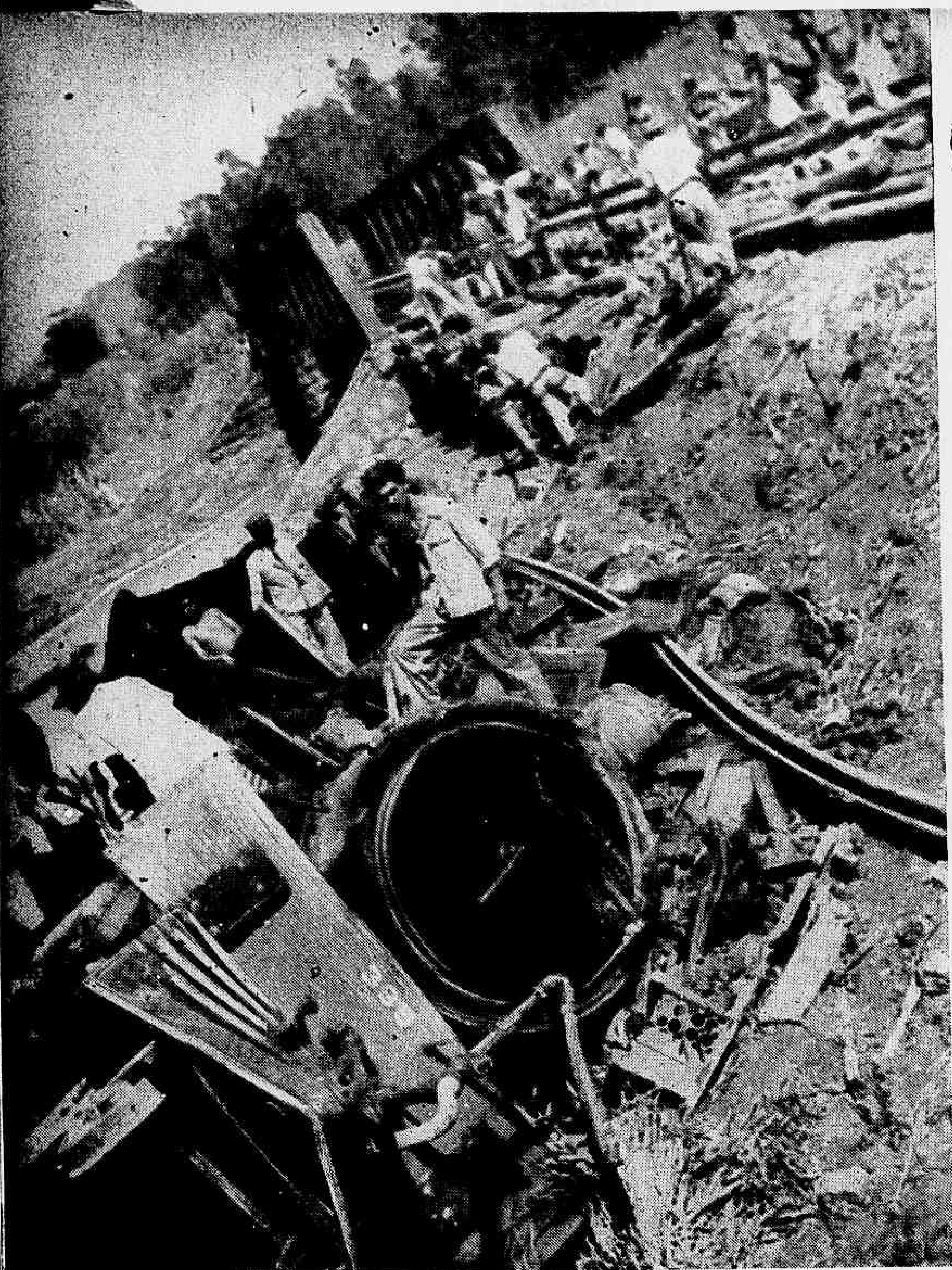
À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAI



A VIAGEM SINISTRA

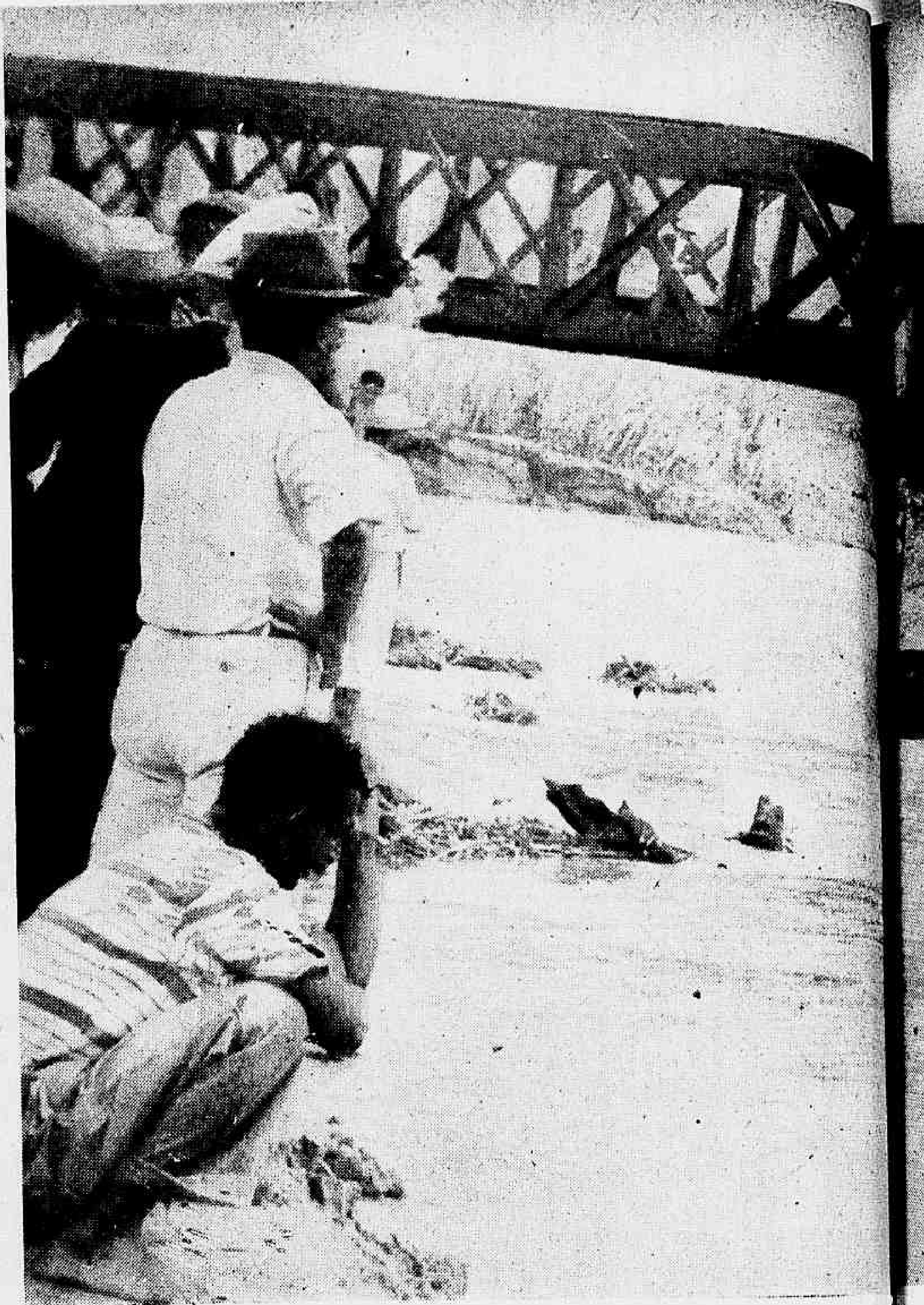


FLAGRANTES DA CATÁSTROFE QUE ABALOU O PAIS, NA QUINTA-FEIRA DA SEMANA SANTA. NAS PÁGINAS SEGUINTES ESTAMPAMOS OUTROS EXPRESSIVOS ASPECTOS DÊSSE CAPÍTULO DE DOR E SANGUE DE NOSSOS TRANSPORTES FERROVIÁRIOS, FRUTO DA FATALIDADE



ASPECTOS IMPRESSIONANTES da tragédia. Em cima, os escombros que cercavam a locomotiva, após retirarem alguns vagões. Em baixo: um vagão entre a ponte e o abismo





O TREM SINISTRO, após o baque espetacular. Do outro lado da ponte ficaram os [carr]os-dormitório e outros vagões, que por felicidade, se separaram do restante da composi[ção]

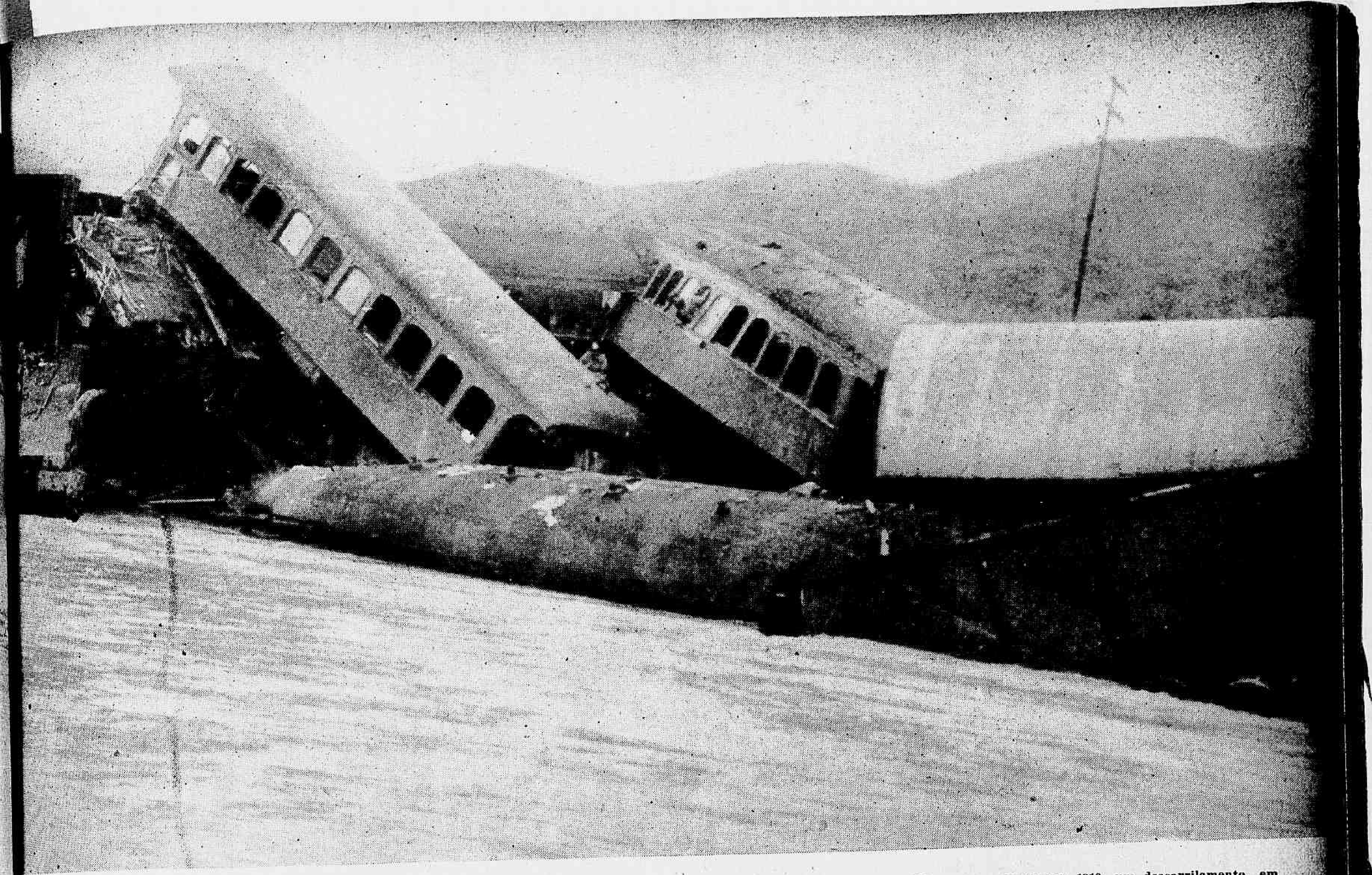
MOMENTOS DE INDESCRITÍVEL PAVOR E SOFRIMENTO PARA OS PASSAGEIROS DO EXPRESSO RIO-VITÓRIA ★ FOI O 3.° GRANDE DESASTRE FERROVIÁRIO DO BRASIL ★ QUEM INDENIZARÁ TANTAS LÁGRIMAS E VIDAS?

Texto de CARLOS DUARTE ★ Fotos cedidas pelo "O Globo"

A fatalidade escreveu mais uma página na história dos nossos transportes ferroviários. A catástrofe de Tanguá foi o mais doloroso e impressionante desastre já ocorrido em nosso país, não só pelo grande número de vítimas, mas também pelas circunstâncias em que se verificou. Duas semanas se passaram da tragédia, mas até agora nem todos os seus pormenores são conhecidos do público, e muitos jamais o serão, pois a morte roubou a dezenas de passageiros do trem sinistro os momentos de pavor, de lágrimas e sangue por êles vividos. O N-1, "noturno campista", como é conheci[do]



ENCAVETARAM-SE alguns vagões que ficaram ainda tôbre os trilhos, devido à violência do choque conseqüente à queda da locomotiva e dos primeiros vagões no leito do r[io]

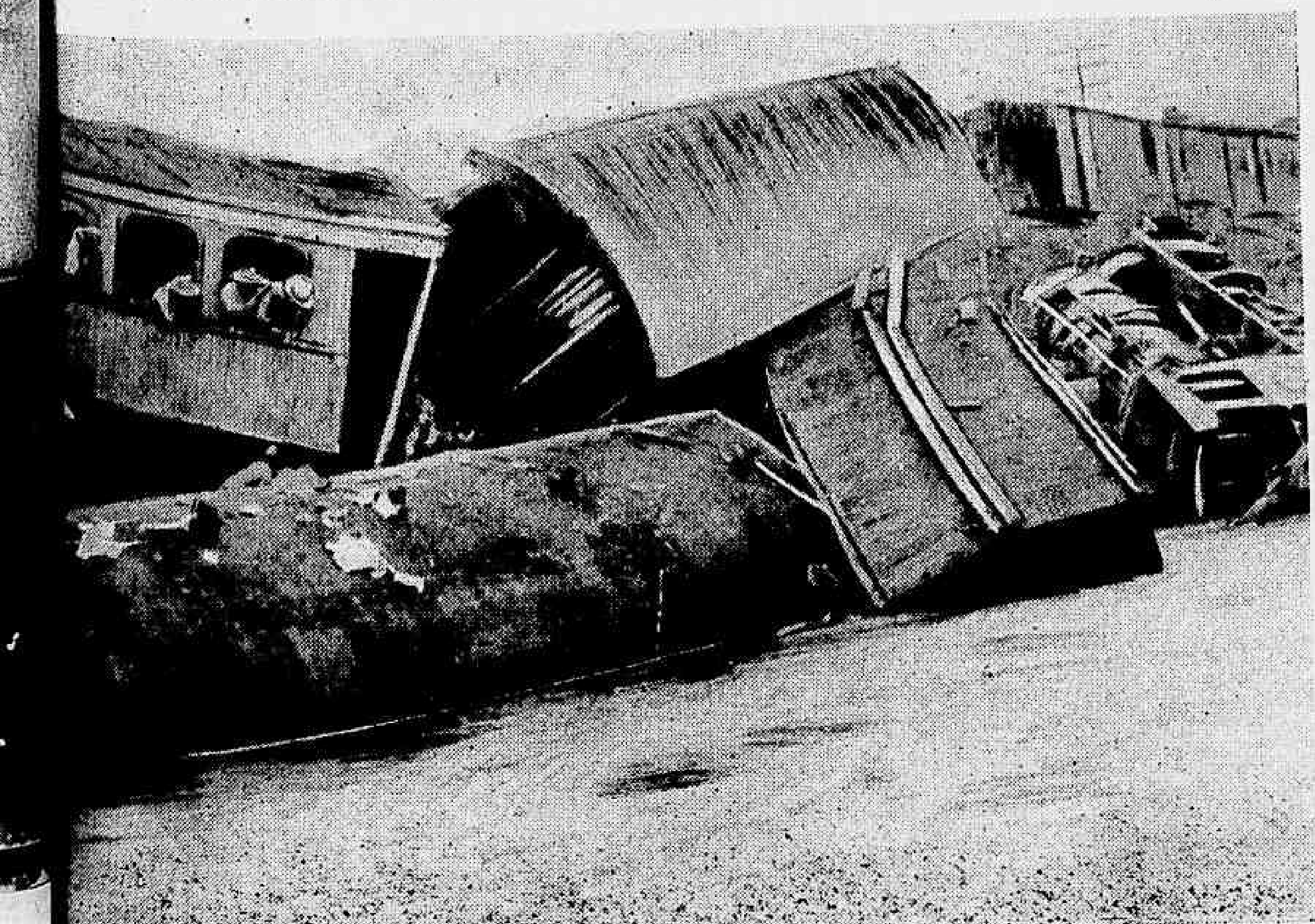


Êste foi o maior desastre ferroviário já ocorrido no Brasil. Antes dêste, há a registrar dois outros, com trens da Central. O primeiro em 1912, quando uma composição se precipitou do viaduto junto à Praça da Bandeira, e o segundo em 1919, um descarrilamento, em plena Serra do Mar. Também nestes dois, o número de mortos atingiu várias dezenas

cêrca das 10,30 da noite da quinta-feira da Semana Santa largou a gare Barão de Mauá, para encontrar-se com o "noturno de Vitória" que, saído da vizinha capital fluminense com o mesmo destino, a êle se juntou, em Visconde de Itaboraí, formando uma composição única, comprida, grande, de 28 vagões, conduzindo aproximadamente 1.200 passageiros para Campos, Vitória, Cachoeiro do Itapemirim e diversas outras cidades do Estado do Rio e Espírito Santo, homens, mulheres e crianças de tôdas as idades que iam passar aquêles dias de folga junto aos entes queridos afastados do reboliço do Rio. Outros voltavam aos seus lares, depois de umas férias no Rio. Ninguém estranhou ou se aborreceu por causa do atraso de hora e meia com que partia o comboio naquele dia, porque os atrasos são mais frequentes que a pontualidade nos trens de nosso país. Pelo contrário, o atraso deu margem ainda para que muita gente embarcasse, superlotando todos os vagões, seus corredores e plataformas, centenas de pessoas viajando em pé. Foi necessário até o refôrço do policiamento na estação, para que mais pessoas não embarcassem de qualquer maneira, segundo o depoimento de um dos diretores da Leopoldina. Quem adivinharia que estava caminhando para a morte?

O BAQUE TERRÍVEL

O N-1, depois de sua junção com a composição que saiu de Niterói, avançou acelerado o quanto podia a sua máquina, e se mais depressa não corria era porque puxava um pêso muito grande; a locomotiva rugia, gemia, como um ranger de dentes, ao subir as partes mais altas. E não parava nas estações pequenas, pois não havia lugar para mais ninguém. Para um amigo sempre se encontra lugar, no entanto; e assim o chefe da estação de Tanguá, atendendo ao apêlo do sr. Ernani Gomes de Aguiar, sub-gerente da usina de energia da localidade, fêz sinal ao comboio para que parasse na sua estação. Apenas durante dois minutos, tempo suficiente para que êle, sua senhora e três filhinhos menores de cinco anos se acomodassem num dos vagões. Foi a infelicidade para o jovem industrial (da família, apenas êle se salvou), mas, talvez, sorte para muitos que conseguiram sair com vida da catástrofe, pois não houvesse o trem parado em Tanguá, a sua velocidade ao atravessar a ponte seria muito maior e consequentemente muito mais graves as consequências do desastre. O que foi êste é algo indescritível. Correndo a 15 quilômetros por hora, a locomotiva atravessou a ponte sôbre o rio Casserebu e já a havia transposto quando, alguns metros após a armação de aço e concreto armado, os trilhos cederam ante a pressão que sofriam, precipitando uma parte da composição ao leito do rio e ribanceira adjacente, inclusive a máquina, enquanto a outra parte, com a violência do choque, foi desligada dos vagões que caíam, por terem se arrebentado as amarras de aço que os uniam. Momentos de horror. O choque colheu todos os passageiros de surprêsa, pois era cêrca de uma e meia da madrugada e quase todos que estavam sentados dormiam, além dos que estavam recolhidos aos carros-dormitório. Ouviu-se um estrondo tremendo, ao mesmo tempo que os passageiros foram



UM DETALHE dos vagões imersos no rio ou amontoados sôbre os que caíram na frente. O teto mais em baixo, comprido, é a única parte da locomotiva que ficou fora dágua



O OUTRO LADO da ponte na manhã seguinte. Vê-se que o leito do rio já havia descido alguns metros. Se o trem estivesse em grande velocidade, nenhum vagão se salvaria



UMA VÍTIMA sendo retirada dos escombros, sem vida. Préso às ferragens e madeiramento de dois vagões que se chocaram, vê-se ainda um outro passageiro aguardando que o salvem



O MAQUINISTA Alberto de Miranda Jesus, salvo por milagre. Seus companheiros, os foguistas pereceram, horrivelmente mutilados. Nenhuma culpa cabe ao condutor do comboio

sacudidos e jogados ao chão, por todos os cantos, enquanto outros, mais infelizes, se viam estraçalhados pelas armações de ferro e madeiramento das carrocerias. Os que viajavam nos vagões tombados sôbre o rio, pior sorte tiveram ainda, porquanto se viram obrigados a lutar contra a fúria da correnteza do rio em enchente motivada pelas grandes chuvas que há dias seguidos vinham caindo na região. Muitos passageiros morreram afogados por não saberem nadar presos no interior dos vagões alagados, ou, feridos não poderem fazer qualquer esfôrço para salvar a própria vida. Os gritos de dor enchiam a madrugada sinistra, gritos de pessoas desesperadas pelo sofrimento, outras de pavor. Por sorte — se se pode falar em sorte dentro de tão grande tragédia — as luzes de alguns vagões não se apagaram, o que facilitou a fuga dos que puderam se livrar dos carros despencados na ribanceira ou dos que, tendo desgarrado da composição, permaneceram no leito da estrada. Dificilmente se poderia ver algo mais trágico, mais pungente mais sinistro, dantesco. De fora ou no interior dos vagões, os que nada sofreram se quedavam semi-mudos de emoção e horror pelo que passaram e seus olhos viam, muitos chorando ante a imensa tragédia. E chovia copiosamente no momento.

O DEPOIMENTO DO MAQUINISTA

O depoimento dos sobreviventes diz bem do que se passou. O maquinista da composição, sr. Alberto Miranda Jesus, que sofreu fratura de várias costelas, queimaduras e outros ferimentos por todo o corpo, assim descreveu a tragédia:

"— Tudo corria bem. Íamos em pequena velocidade; ninguém poderia suspeitar da tragédia que nos esperava. Atingimos a cabeceira da ponte, atravessamo-la, mas, ao atingir a outra margem, senti-me arrastado, como numa vertigem, para o fundo do abismo. Compreendi que a máquina saltara dos trilhos e afundava no lençol de água que extravasara do leito do rio e cobria enorme extensão da baixada em tôrno à ponte. Aos trancos fui arrastado com a máquina para o fundo das águas. A custo safei-me e galguei o tôldo da cabine, de onde atirei-me às águas, mas, desta vez, para nadar até a margem mais próxima do rio. Apesar de ferido, sentindo dores atrozes, em consequência da fratura de duas costelas e das queimaduras que recebera, pude, num relance, avaliar a extensão da catástrofe: a máquina mergulhara no lamaçal arrastando o "tender", o carro-correio, o bagageiro e o primeiro "pullmann", repleto de passageiros, que ficou

(Cont. na pág. 45)



FERROS RETORCIDOS em todos os cantos. Acima vemos uma turma trabalhando no reparo da linha. O pessoal da estrada em dois dias colocou-a em condições de tráfego



O ATÊRRO FATÍDICO estava neste ponto. Os trabalhadores dão aos trilhos o apoio que êles não tinham. Por isso, tantas vidas foram roubadas naquela madrugada sinistra

A SEMANA EM REVISTA

REVISTA DA SEMANA

Ano XLIX ★ Nº 16 ★ 22-4-50

JORNALISTAS OCASIONAIS

A profissão de jornalista contém algumas vantagens previstas em leis, como aquela que concede abatimento de 50% nas vias férreas da União, e também constitucionais, como a da isenção de impostos de transmissão "inter vivos", o que, na verdade, constitui grande vantagem aos profissionais da imprensa quando adquirem seu cantinho para morar.

Além disso, também não paga o jornalista o imposto sôbre a renda e continua a ser motivo de dúvidas o pagamento do impôsto sindical. E' interessante notar, porém, que o benefício do impôsto de transmissão de bens quando o imóvel é adquirido pelo jornalista, muito pouco efeito está tendo, pelo simples motivo de serem insignificantes os jornalistas que podem comprar seus imóveis. Essa isenção o que tem feito é despertar a esperteza de vários indivíduos malandros, que, de um dia para outro, viram jornalistas profissionais com o fim exclusivo de fazer jus aos benefícios determinados em lei. Faz poucos dias teve o Juiz de Direito da Primeira Vara da Fazenda Pública um dêsses casos ali distribuídos e que despertou no espírito do respectivo titular os mais oportunos comentários. Acha o juiz Eduardo Jara que o requerente que tanta fôrça fêz e está fazendo junto ao diretor do Departamento de Rendas Diversas da Prefeitura, a fim de não pagar imposto de transmissão do imóvel que acaba de adquirir, é apenas um dêsses inúmeros jornalistas improvisados ou ocasionais, com o exclusivo fim de escapar a tais pagamentos. Surgiu então o órgão em que trabalhava o impetrante: "Alerta". Mas, como não há notícia da existência de tal revista, quem ficou alerta foi a Justiça e denegou o mandado de segurança. Com vistas ao sindicato da classe.

A FILHA DE ADÃO

Há gente para tudo neste mundo. E ainda sobra. Pois não é que o sr. Guido Kisch, residente em Nova York, acaba de fazer uma comunicação sensacional? Enquanto os seus amigos e colegas das ciências naturais e sobrenaturais estavam interessados em provocar chuvas que viessem aliviar a sêca em tôda aquela região este do país, o sr. Kisch meditava em segredos do primeiro casal que viveu neste mundo: Adão e Eva. Dez anos de estudos, pesquisas, deduções ,perda de sono e de apetite sofreu e passou o sr. Guido, debruçado sôbre alfarrábios e documentos antigos, olhando abismado uns rabiscos já apagados por nove séculos, de um manuscrito que lhe caiu às mãos...

E tudo isso para que,. caríssimo leitor? Para descobrir um meio de evitar as nossas quatro refeições diárias? Para introduzir-se em nossos hábitos uma pílula sintética com fôrça nutritiva bastante para evitar tanta perda de tempo, de gás e eletricidade com tanto prato de pirão? Para fazer-se uma viagem cômoda e barata à lua, numa noite de verão? Para encontrar-se a quadratura do círculo ou descobrir-se o motu-contínuo? Nada disso! O que amolava a paciência do sr. Guido Kisch era puramente uma questão de família em plena vida no paraíso terrestre: a existência de um terceiro filho de Adão e Eva! Até hoje, segundo as Escrituras ou Velho Testamento, só houve dois filhos dos primeiros colonizadores da Terra: Caim e Abel. O primeiro matou o segundo e foi condenado; mas fundou uma cidade e se casou lá com uma senhora, da qual teve muitos filhos. Ora, o sr. Guido ficava encalistrado com essa história. Devia haver uma filha de Adão e Eva. E, depois de dez anos, descobriu o mistério: Noaba! Noaba era a filha de nossos primeiros pais! Agora podem esperar que vão aparecer outras Noabas...

ÁGUA PELA BARBA

Não sabemos se foi abolido o uso da barba, em virtude da crise de navalhas, lâminas, aparecimento das estampilhas nos documentos de obrigações de pagamento, ou mesmo da impossibilidade de se dormir tranqüilamente com tanta barba a fazer cócegas no tórax.

O que é certo e ninguém nega é que já ninguém usa barbas como era comum nos homens sisudos de ontem. Com o desaparecimento da barba, lá se foi também o bigode. O rosto masculino passou, assim, por sensíveis transformações no panorama facial, andando todo mundo escanhoado, rosto limpo, sem barbas nem bigodes. Mas agora desejam os senhores barbeiros instituir uma nova taxação sôbre o rosto dos homens que fazem barba nas barbearias: querem cobrar o bigodinho. O bigodinho, leitor, em verdade, não é bigode. E' um fiozinho que se estira de lado a lado do lábio superior de alguns rapazes elegantes e frajolas, que ainda estão com o buço negro, não lhes sendo em nada comprometedor a manutenção do bigodinho. O alarma, como era natural, se deu entre os portadores dos bigodinhos. Uma barba já está muito caro, não sendo possível que seja cobrada a arrumação do bigodinho que, até agora, é um anexo legal do barbear. Já houve quem fôsse saber dessa novidade junto ao presidente do Sindicato dos Proprietários dos Salões de Barbeiros e Cabeleireiros desta cidade, sr. Edgar Soares Guimarães, o qual, mais uma vez, contestou a notícia, embora reconheça que há alguém trabalhando para obter essa sobretaxa numa barba, sempre que houver um bigodinho. Seja como fôr, os que têm bigodinho vão pondo as barbas de môlho, ou tratem de rapá-lo também. Do contrário sairão bigodeados...

APOSTAS POLÍTICAS

Não resta dúvida de que o Brasil vai progredindo vantajosamente em matéria de costumes políticos. O caso sensacional da última semana foi a desistência do sr. Ademar de Barros em relação à sua candidatura ao Catete no próximo quinquênio.

Todos sabiam que o governador de S. Paulo andava a sonhar com a Presidência da República, não sòmente pela atividade político-partidária que vinha desenvolvendo há meses, como pelas próprias declarações que fazia à imprensa; mas o que nem todos esperavam era que o sr. Ademar de Barros resolvesse manter-se no govêrno paulista, sem desincompatibilizar-se até 3 de abril. E isso causou entre os políticos um dos mais sérios nervosismos dos últimos tempos. Como sucede na Inglaterra e nos Estados Unidos, o nosso povo gosta muito de apostar; entretanto, a aposta de caráter político ainda não havia chegado a êsse grau de agitação que se viu agora, especialmente em S. Paulo. Vamos transcrever aqui a notícia divulgada pela Agência Meridional em tôrno do movimento de apostas políticas em tôrno da atitude que teve o sr. Ademar de Barros: O coronel Vieira Sobrinho, da ala liberal do PSD, ganhou cêrca de cento e vinte mil cruzeiros, apostando que o sr. Ademar de Barros não deixaria o govêrno; mas, segundo declarou à mesma agência, não ficou com aquela bolada tôda, destinando a maior parte do dinheiro a várias instituições de caridade da zona sul do Estado. O deputado Manuel da Nóbrega, por sua vez, ganhou Cr$ 5.000,00 do sr. Arruda Viana, cunhado do sr. Novelli Junior, mas a maior vítima foi o deputado Ferraz Igreja, que perdeu Cr$ 20.000,00. O sr. Joviano Alvim, que apostara Cr$ 100.000,00 com o colega Mota Bicudo, conseguiu reduzir seu débito para dez mil, pois quem estava bicudo era êle. Mas teve um gesti digno: ofereceu à Santa Casa de Atbaia.

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ..	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A PERSONAGEM DA SEMANA

Sr. Daniel de Carvalho, ministro da Agricultura

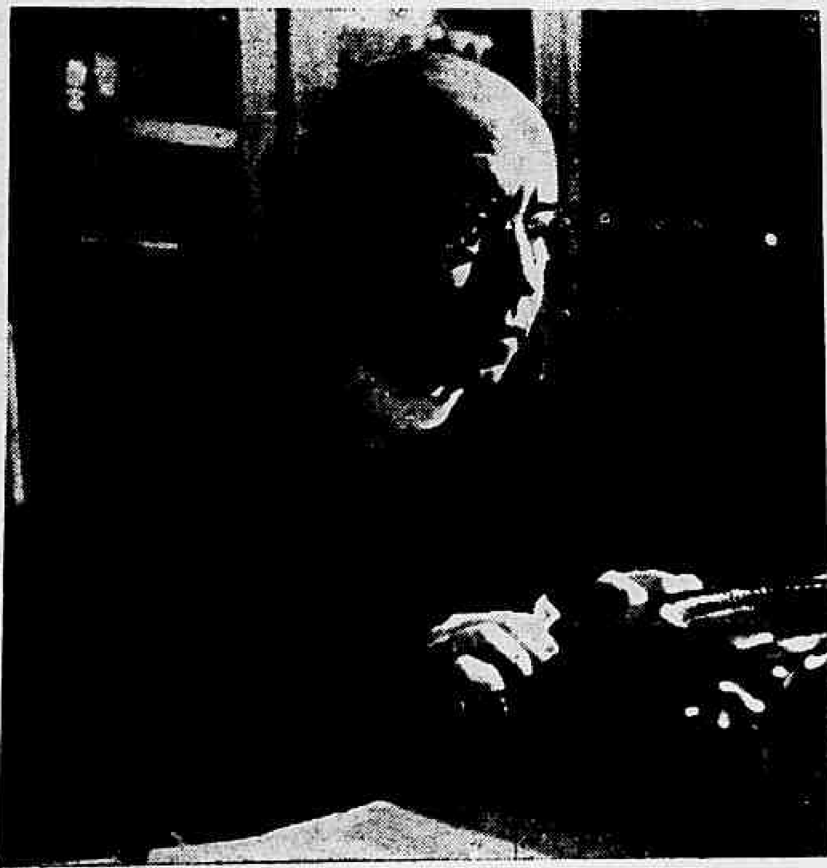
Não foi muito fértil em acontecimentos de maior importância a semana que passou. Na seara da alta política, os níveis de interêsse se mantiveram na curva dêstes últimos dias, embora se esperassem fatos da maior significação. Contudo, os entendimentos conseguiram deter a marcha de casos mais ou menos sensacionais e tudo continua em expectativas. Entretanto, um fato se tornou público, divulgado, aliás, em órgãos de conceito e que atraiu sôbre si as atenções dos políticos e o interêsse popular. Queremos referir-nos à notícia que circulou com muita insistência de que ia ser substituído na pasta da Agricultura o sr. Daniel de Carvalho. Por si mesma, essa substituição em nada causaria surprêsa ou espanto, uma vez que é comum o pedido de exoneração de ministros, quando os seus afazeres ou interêsses políticos noutros setores a tanto os obrigam; mas, no caso do sr. Daniel de Carvalho, o episódio se revestiu de umas tintas de excentricidade e esquisitismo pouco comuns em nossos hábitos político-administrativos. Os jornais abordaram o assunto da seguinte maneira: estava o titular da pasta em férias no balneário de Araxá, quando é surpreendido com o noticiário de alguns jornais que o davam como demitido ou demissionário, já estando escolhido o seu sucessor pelo presidente da República: — o senador Novais Filho, figura de destaque nos nossos meios políticos. Como era de esperar, o sr. Daniel de Carvalho voltou ao Rio e aqui procurou esclarecer o assunto, uma vez que no momento não apresentara pedido de demissão ao Catete. Essa primeira parte do caso é o que se diz. Resta agora a segunda, de natureza particular, a qual, embora não tenha sido divulgada até escrevermos estas linhas, deve ter-se passado da seguinte maneira: em alguma oportunidade teria o sr. Daniel de Carvalho colocado à disposição do govêrno o seu cargo, no que não fôra atendido, continuando à frente do Ministério da Agricultura. Em verdade, a atuação do eminente economista, professor de Direito e deputado do PR mineiro à Câmara Federal, tem sido das mais proficuas naquele Ministério. O sr. Daniel de Carvalho vem realizando uma obra sensata de indiscutível mérito, promovendo sistemático combate às epizootias nos meios rurais e estimulando a cultura, a produção científica, a melhoria das espécies no setor do trigo, de maneira que, dentro em breve, esteja o nosso país emancipado da importação do cereal. Além do mais, está elaborando a reforma do Código de Minas, obra que exige cultura, conhecimento especializado ,em legislação e das nossas necessidades. Houve quem visse no afastamento do ministro, uma contingência política, pelo fato de pertencer êle ao PR e ser o único elemento dêsse partido contemplado no govêrno da República. De qualquer maneira, não houve notas oficiais a respeito.



EDIFÍCIO DA FACULDADE DE TEOLOGIA da Igreja Episcopal Brasileira, em Pôrto Alegre. Aí ensina-se, por meios racionais e modernos, que quem se dedica ao serviço de De... não deve prescindir dos conhecimentos da vida dos homens para melhor compreender as suas necessidades e de maneira mais convincente, ensinar o caminho reto conforme a lei di...

ESCOLA DE PROFETAS

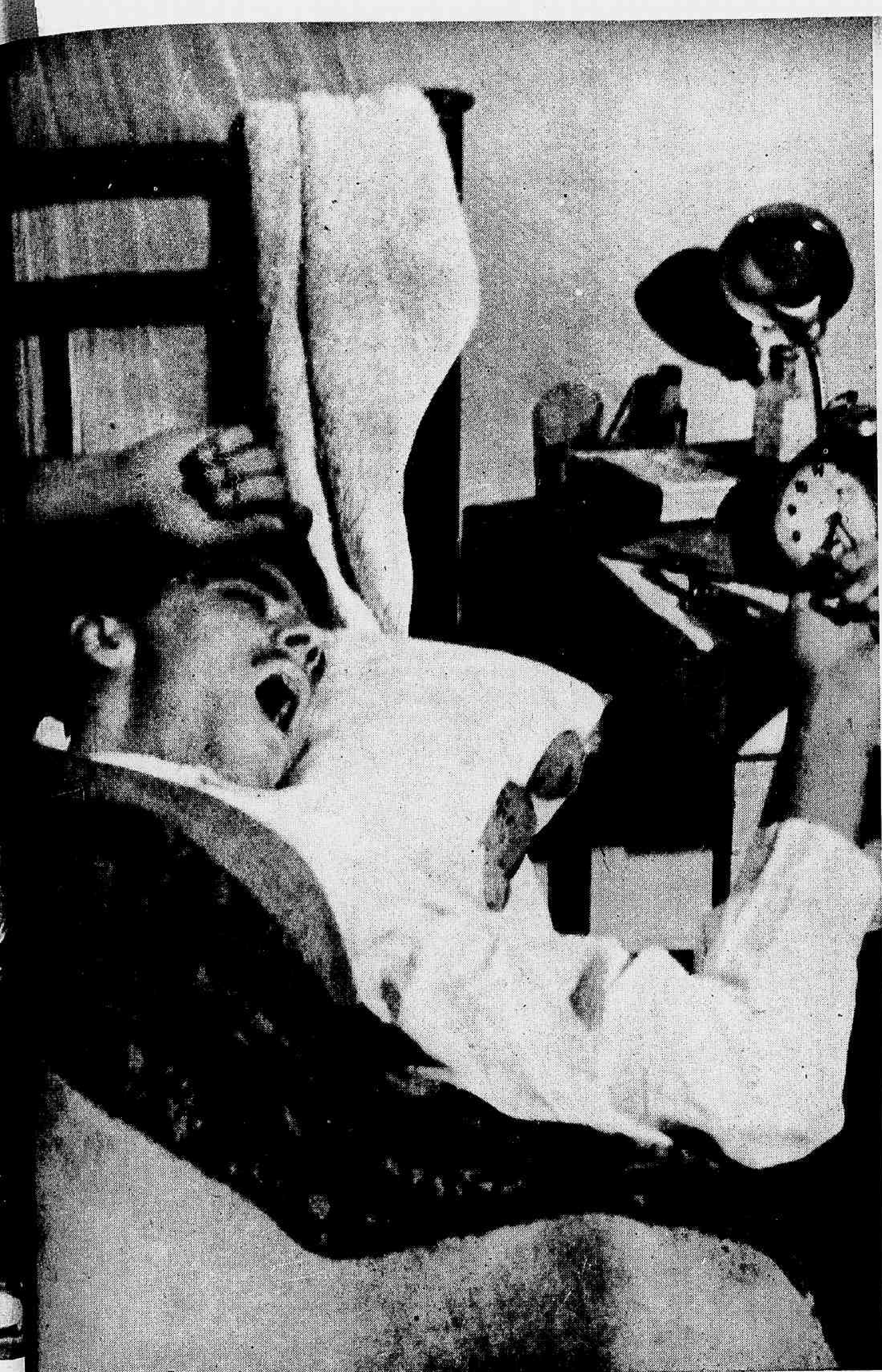
COMO SÃO EDUCADOS OS FUTUROS MINISTROS DA IGREJA EPISCOPAL BRASILEIRA E ONDE SE COMPREENDE QUE NEM SEMPRE O CAMINHO QUE CONDUZ A DEUS E' CHEIO DE ESPINHOS E SOFRIMENTOS



O REITOR DA ESCOLA é o rev. Orlando Batista. Fêz êle um curso especial nos Estados Unidos, para melhor ensinar

Texto de NATHANIEL GUIMARÃES

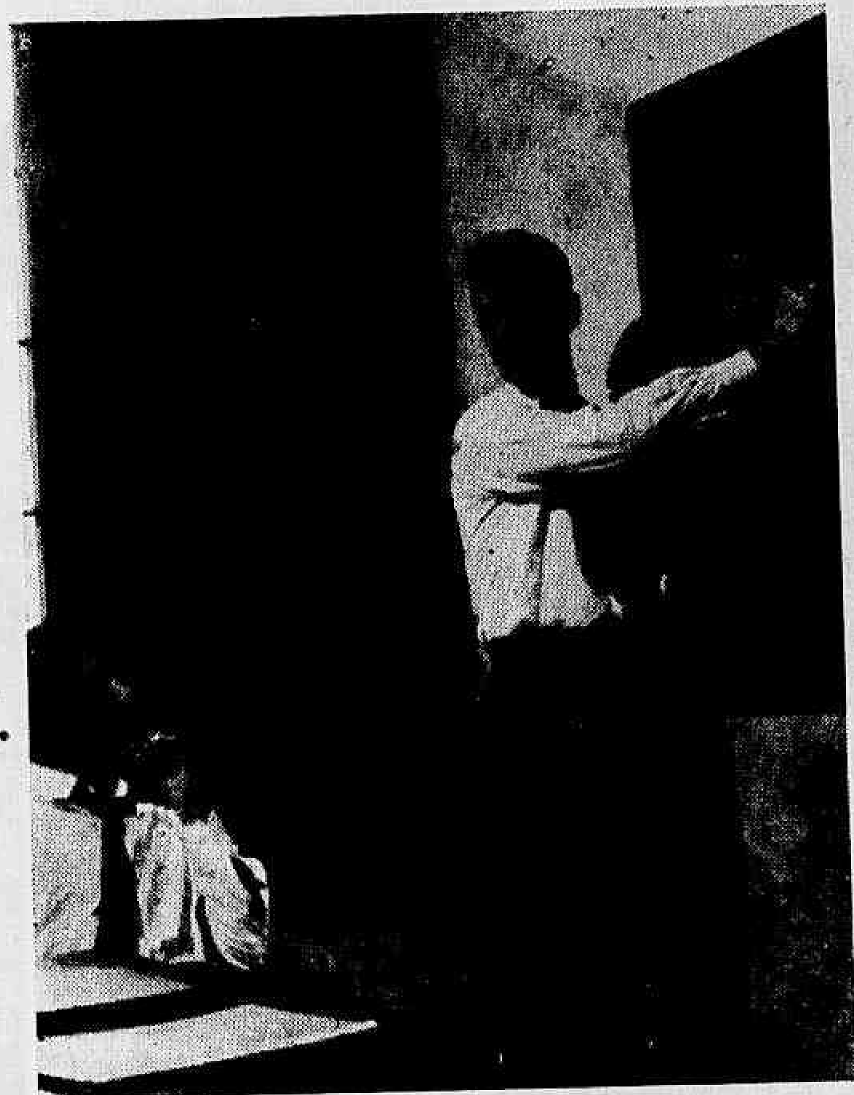
Fotos de NESTOR NADRUZ



SEIS E TRINTA DA MANHÃ, é hora de acordar. O seminarista se levanta com cara de sono. Tem pouco tempo para dormir. Apesar disso está animado para mais um dia que será vivido na aprendizagem das coisas de Deus e dos homens



AOS DOMINGOS os rapazes capricham no cuidado pessoal e vão para o trabalho nas igrejas, com as melhores roupas



A LINGUA GREGA é das mais difíceis. Às vêzes a tradução é demorada. Vê-se, no quadro negro, um trecho bíblico



TODOS SE ACERCAM com alegria da mesa, após o trabalho. "Damos-Te graças por êste alimento, ó Senhor!"

AO transpormos o pesado portão de entrada verificamos o caderno de apontamentos. O enderêço estava certo, avenida Belém, 273. E como para nos dar maior certeza, lá estava a bela Igreja da Ascensão, templo episcopal, com sua alta tôrre branca erguida acima dos melancólicos ciprestes do jardim.

Andamos sôbre o largo caminho de lages e nos aproximamos da porta principal. O pátio está deserto e os pardais barulhentos esvoaçam entre o arvoredo e a beira dos telhados. Inútilmente buscamos encontrar sob a sombra das árvores os vultos escuros e curvados dos seminaristas. Por certo êles estariam encerrados no silêncio da igreja a desfiar os velhos rosários em intermináveis e fervorosas orações.

Quando chegamos diante da larga e envernizada porta de cedro ouvimos o ritmo preguiçoso de um moderno fox. Paramos um tanto surpreendidos. Afinal, era ali mesmo o Seminário.

Poucas pessoas, entretanto, acreditariam existir uma escola religiosa como essa da avenida Belém, em Pôrto Alegre. Ali não exigiam dos jovens estudantes o afastamento do mundo, a ignorância de tôdas as coisas belas e simples da vida. Os rapazes não cursavam uma escola de sacrifícios deliberados, mas buscavam preparar-se para combater os males do mundo e poder julgar com equilíbrio o quotidiano que forma a colcha de retalhos de um sacerdote.

Dentro em pouco estavamos em contacto com os seminaristas e nossa surprêsa não tinha limites. Eram aquêles então os canditatos às sagradas ordens religiosas? Vendo-os assim, camisas leves sôbre o corpo, bombachas ou pijamas comuns, ainda mais nos surpreendiamos.

Êstes são os estudantes de um Seminário realmente diferente e seus hábitos diários estão longe da subordinação a severas disciplinas.

— Não vivemos debaixo de rigorosos regulamentos ou horários, — diz Lauro Borba da Silva, quando lhe pedimos para contar alguma coisa sôbre a vida no Seminário. Êle é um rapaz de corpo miudo que conversa com animação e desembaraço. Observando-lhe os olhos claros e repousados tem-se a impressão de que resolveu tôdas as dúvidas de sua alma.

Estamos cercados pelos estudantes do Seminário Teológico da Igreja Episcopal Brasileira e procuramos prestar atenção a tudo o que nos contam. Enquanto um dos seminaristas prepara o chimarrão os outros ariscam opiniões, lembram fatos, ou explicam seus estudos afim de nos orientrar. Assim vamos conhecendo como vivem

os futuros profetas dentro de sua moderna e democrática escola religiosa.

Geralmente os rapazes acordam entre as seis ou seis e meia. Alguns, entretanto, preferem levantar mais cêdo e estudar no silêncio da bibliotéca. Grande parte das atividades da escola são realizadas no período da manhã. Antes de qualquer refeição os rapazes reunem-se com seus professores no interior da bela igreja e assistem à Oração Matutina, que um deles dirige como parte de seu treinamento litúrgico. Êsse ofício religioso consta da leitura de cânticos ou versetos escolhidos e alguns hinos sacros que o organista da turma, seminarista Paulo Dalfollo, acompanha no exelente órgão elétrico de três teclados.

Depois da Oração os seminaristas retornam ao Seminário, onde fazem a primeira refeição do dia, um café reforçado, tipo do brekfast inglês. Pouco depois é que começará a parte mais árdua da vida no Seminário — o horário escolar.

— Nossas aulas principiam às oito horas e terminam às doze e quinze, Explica-nos Saulo, o mais môço dos rapazes.

Durante a semana inteira, com exceção de domingo, dia em que trabalham nas igrejas e segunda-feira, que é seu dia de descanço, os seminaristas são cumpridores dêste puxado horário escolar.

Escutamos os estudantes exporem seus problemas e dificuldades. Fala-se no preço dos livros e lastima-se a carência de obras teológicas escritas em português. Para melhor aproveitamento de seus cursos os rapazes tiveram de aprender inglês, pois a maior parte da bibliotéca escolar vem dos Estados Unidos.

O Ministério compreende três anos de Seminário, além do curso pré-teológico, tirado no Instituto José Manoel da Conceição, em São Paulo.

Durante êstes três anos de estudos êles aprendem grêgo desde o primeiro ano, conhecem História da Igreja e do Velho e Novo Testamentos, exercitam-se em Homilética e descobrem todos os segrêdos da Liturgia. Isso nas matérias mais importantes do curso e sem mencionar outras, como Histórias da Filosofia, Ética, Apologética e Doutrina, cuja parte mais interessante é a Cristologia, um estudo sôbre a pessoa de Cristo.

Com o estudo destas matérias os rapazes tomam um conhecimento minucioso das coisas religiosas que vae desde o modo de visitar um enfêrmo até ao manejo dos difíceis cordéis finânceiros.

Estamos conversando no quarto do Lauro e aceitamos o chimarrão que um dos rapazes nos oferece e enquanto sorvemos o doce-amargo observamos em redor.



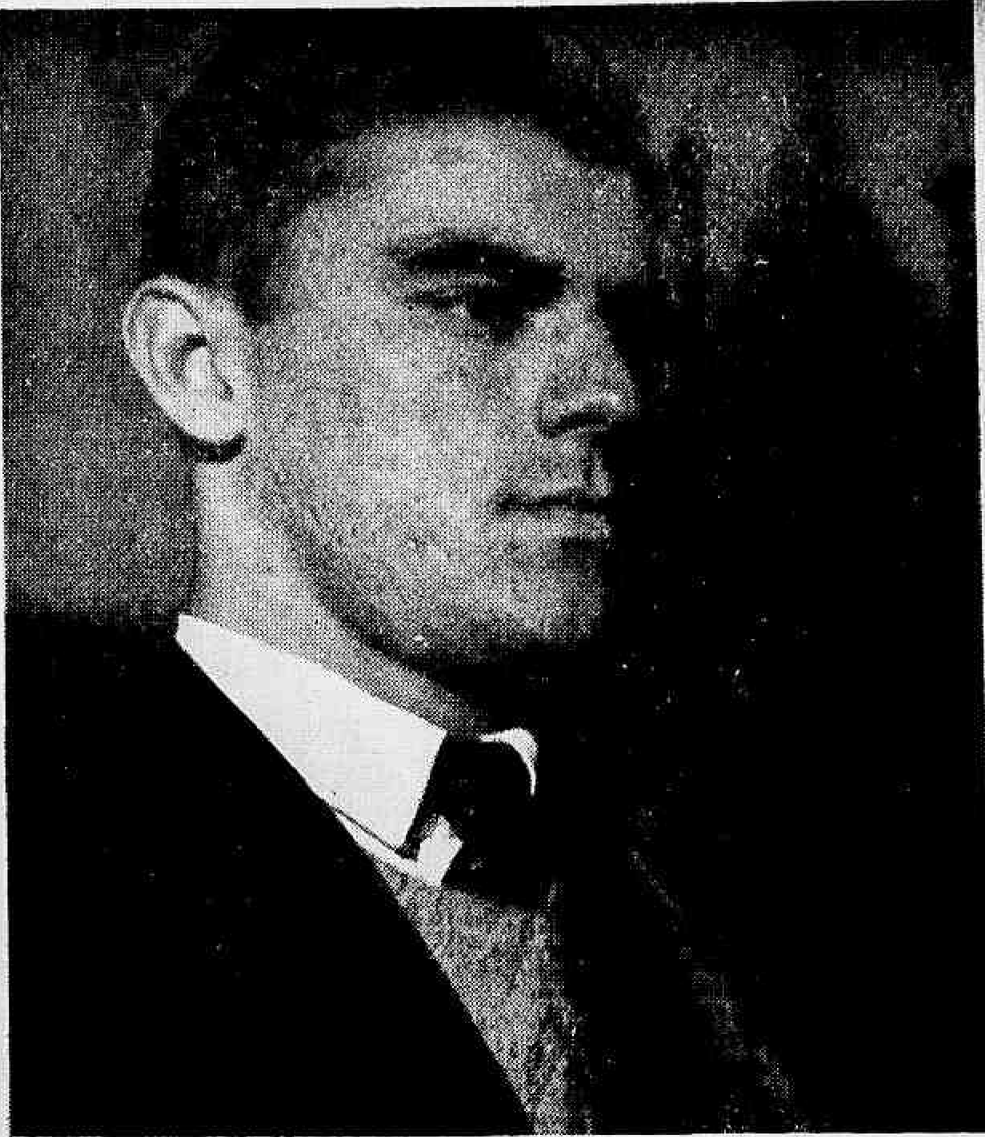
LAURO BORBA DA SILVA foi caixeiro numa loja de fazendas de sua cidade natal. Hoje é estudante de teologia



OS SEMINARISTAS PASSAM por cuidadoso treinamento. Aqui vê-se uma simulação de batismo. O professor, além das palavras, ensina o lugar onde deve ser feito o sinal da cruz. No primeiro plano, para dar sabor realista, o "padrinho"



SAULO MARQUES DA SILVA, filho de um ministro da Igreja. É êle o encarregado da Escola Dominical, quase um jardim de infância



PAULO DALFOLLO é o organista do Seminário. Pratica ginástica tôdas as manhã, numa barra que foi ali deixada pelos seminaristas japonêses



KURT KLEEMANN possui a melhor voz do quarteto local. Está noivo e pretende casar-se logo após a conclusão de seu curso especializado

O quarto onde estamos é amplo, ordenado e limpo, coisa não muito comum em um quarto de estudante. As paredes de pintura verde clara estão cheias de pequenos quadros com fotografias de igrejas, pôses de ministros e paisagens bíblicas. A colcha da cama dá gôsto de tão bem esticada e as estantes estão limpas e repletas de livros. Tanta ordem e asseio juntos satisfazem ao mais exigente dos observadores. O organista Dalfollo, porém, bate-nos no ombro e confessa sorrindo:

— Êste é o único quarto que está sempre arrumado!

Quando perguntamos se as mesadas de cento e cincoenta cruzeiros que recebiam eram suficientes, êles sorriam sem dar muita importância e o Kurt explicou:

— Antigamente o pessoal recebia menos.

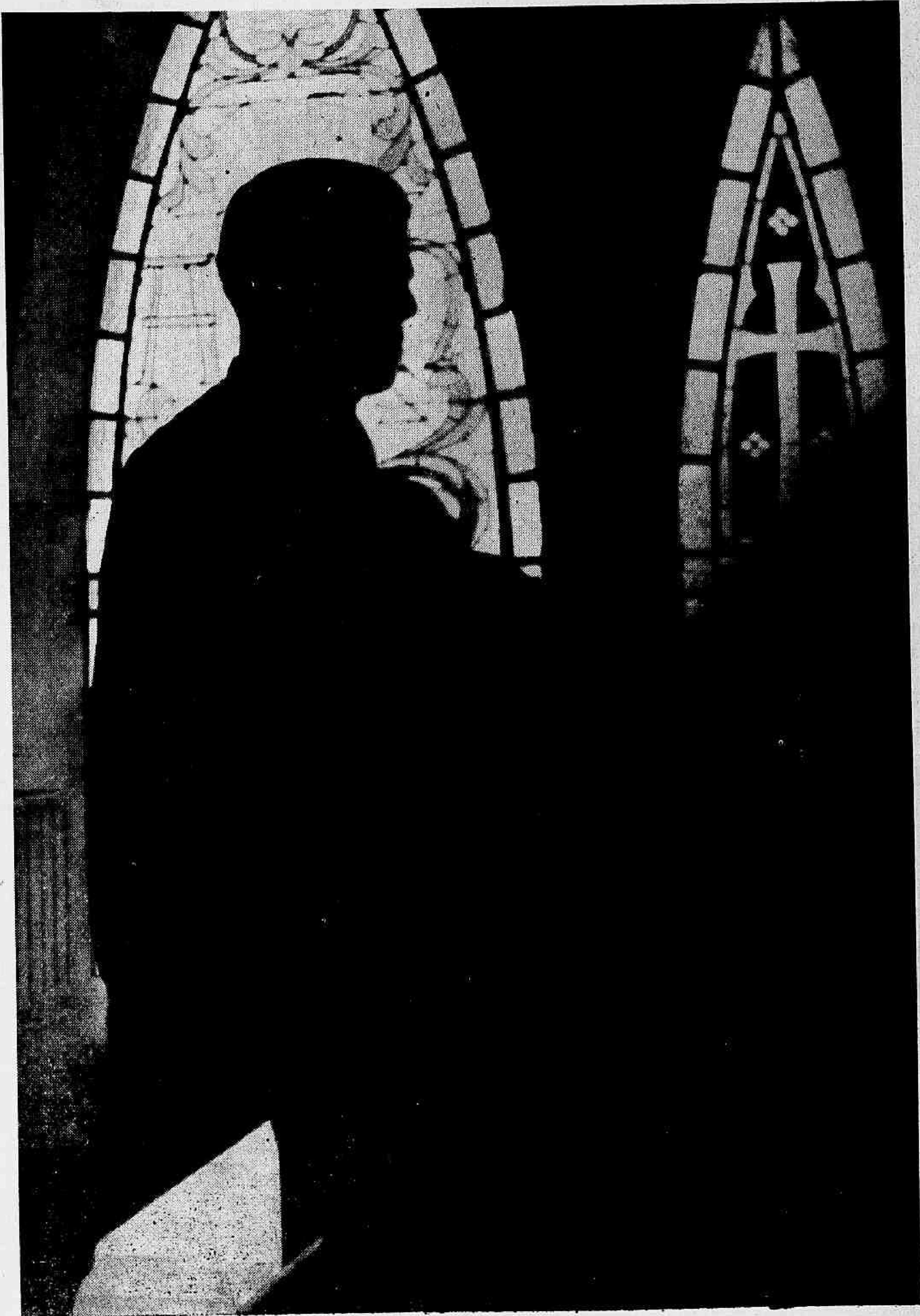
Aos seminaristas, entretanto, o dinheiro não parece interessar. E isto talvez se explique por estarem nas últimas semanas de estudos e cada dia que passa mais aproxima do tão esperado dia da Ordenação. Depois da solenidade de Ordenação os jovens seminaristas deixam de ser estudantes e passam ao diaconato, primeiro pôsto da carreira eclesiástica. Recebem, então, vencimentos de dois mil e cem cruzeiros, além de casa para residência paroquial.

Mas nem só de alegria e expectativa vivem os seminaristas, pois que nestes últimos dias estão fazendo um intenso curso-extra de Escatologia, ciência dos fins últimos do homem, em vinte aulas semanais.

Passamos para a sala ampla do refeitório. Na parede um grande relógio de pêndulo. Os seminaristas estão sentados a nosso redor e contam pequenas histórias acontecidas no Seminário. Cada um tem algo interessante a contar e os fatos e histórias se vão sucedendo com riquezas de detalhes.

Nossa visita ao Seminário caiu em uma segunda-feira, dia de descanço para os rapazes. Justo descanço, como êles reconhecem, pois que o domingo é um dos mais atarefados dias para os seminaristas, que têm a seu cargo, auxiliar os serviços nas igrejas vizinhas. Isto, contudo, lhes traz incalculáveis vantagens, visto reforçarem seus conhecimentos de Homilética, que explicaremos como a arte de bem convencer por meio do sermão sacro.

No domingo atarefado, entretanto, não se poderia dizer que o seminarista sonha com a segunda-feira, seu dia de descanço, porque é no início de semana que devem fazer a faxina ge-



NO SILÊNCIO DA NAVE o organista constrói harmonias. E' nessas horas que o homem compreende a sua pequenez



"NÃO ROGO que os tire do mundo, mas que os guarde do Maligno". São João, 17:15. Os que se destinam ao sacerdócio não se devem relegar ao isolamento. Êles são preparados para enfrentar o mundo e tudo o que êle tem de bom e de mau

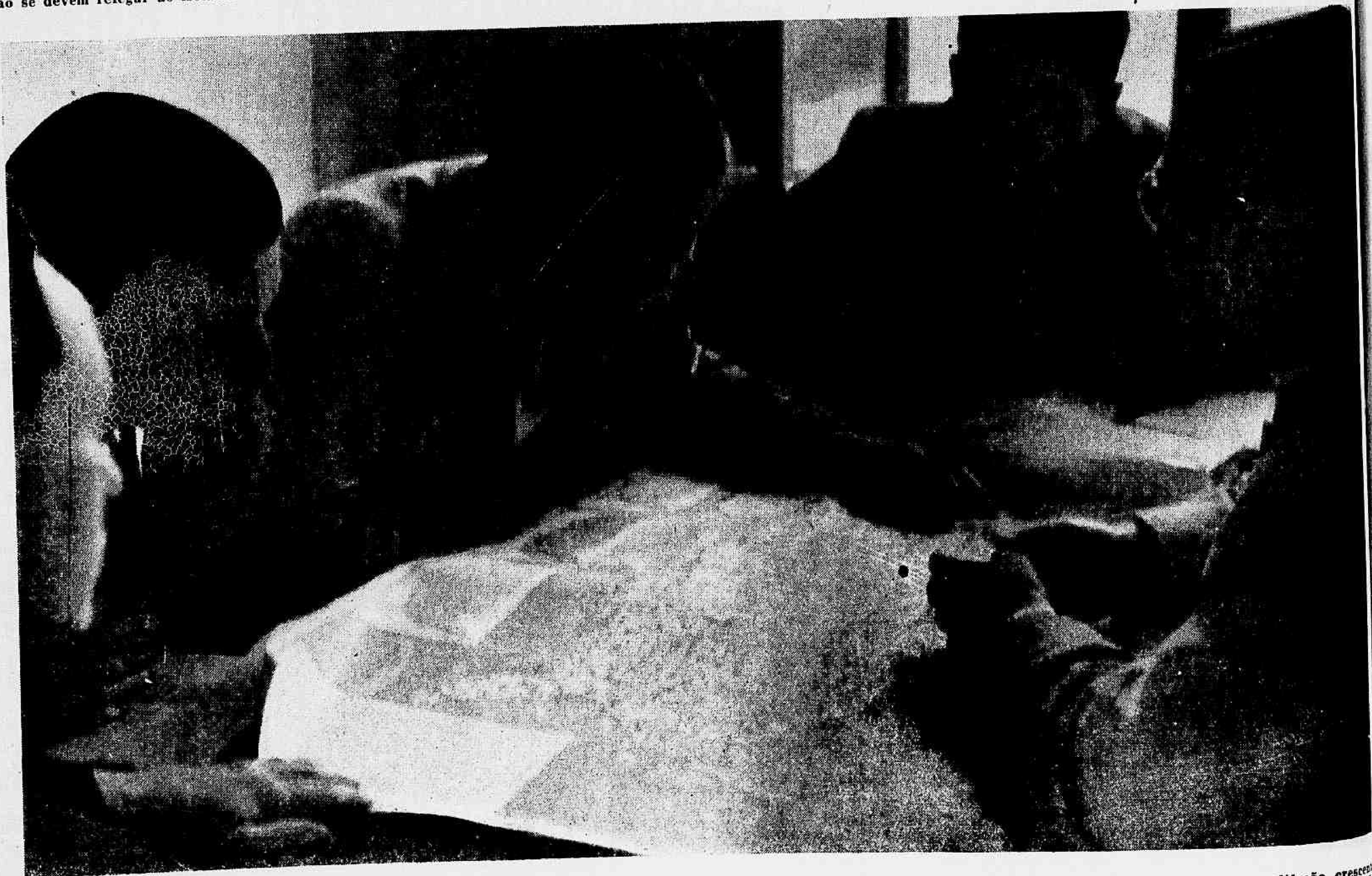


O SEMANEIRO é o escalado para o plantão: toca o sino, atende o telefone, distribui as cartas e dirige as orações

ral em seus quartos, acumulada, muitas vêzes durante tôda uma quinzena. Assim é que daí há pouco vemos os rapazes de vasouras e espanadores em punho.

Depois que tudo fica em ordem podem dispor do resto do dia. E êles o aproveitam escrevendo aos parentes, namoradas ou noivas distantes. Em certas ocasiões ensaiam o quarteto vocal cantando alguma nova canção popular.

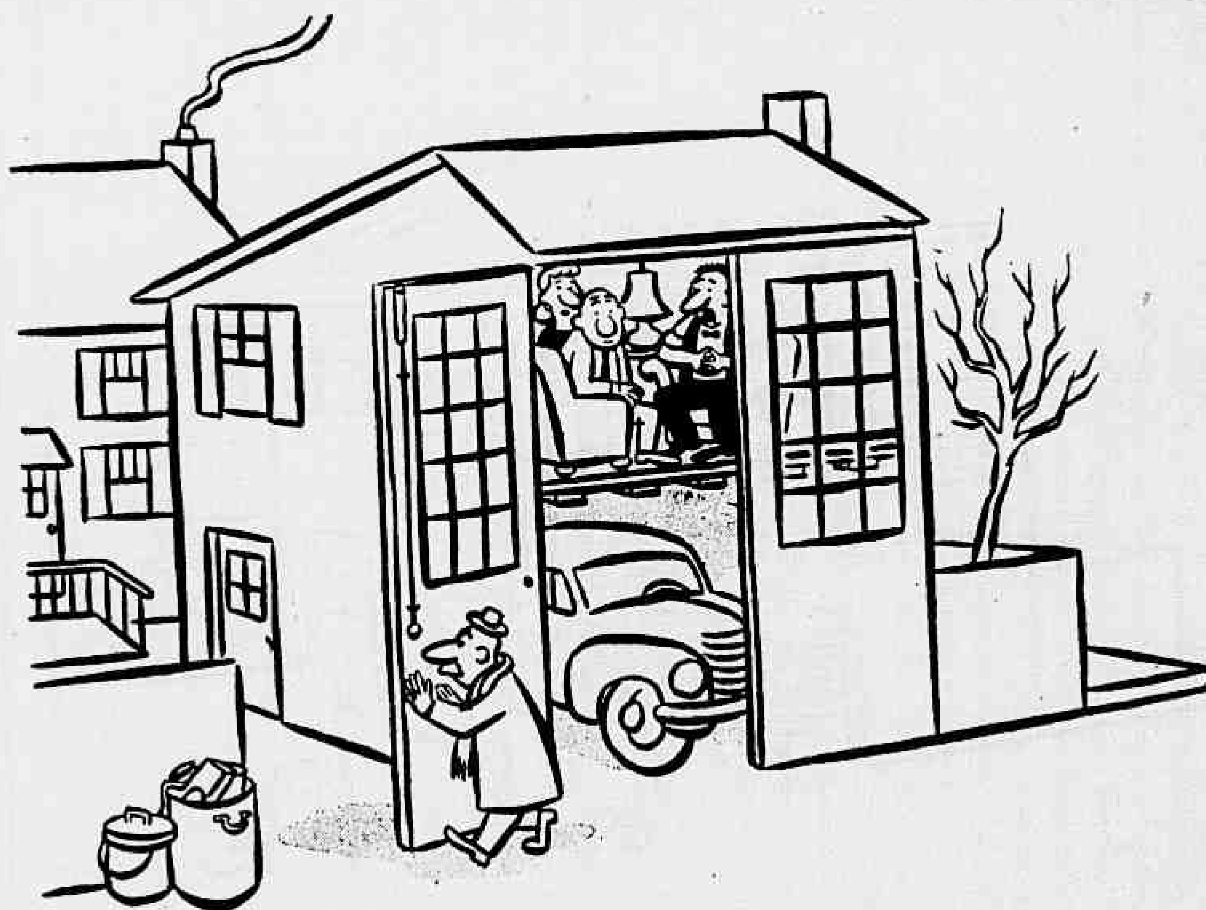
Quando nos despedimos dos seminaristas havíamos compreendido que o caminho de Deus para os homens de coração justo, nem sempre é um caminho de espinhos e sofrimentos.



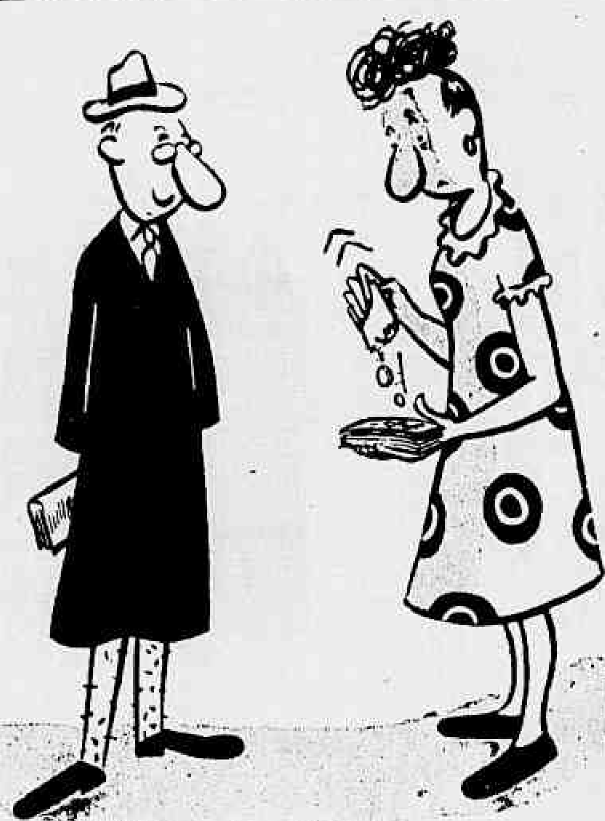
A IGREJA EPISCOPAL BRASILEIRA é filiada a um organismo cuja sede é nos Estados Unidos. Conta com muitas diramações no mundo inteiro, sendo a sua difusão crescente. Numa aula sôbre o progresso de sua igreáa, o professor explicu, diante de um mapa, detalhadamente, a verdadeira situação da Igreja-Mãe no próprio território dos Estados Unidos.



— Oba... Oba... é menino, pessoal!...



— Juro que nunca mais alugarei apartamentos sôbre garage...

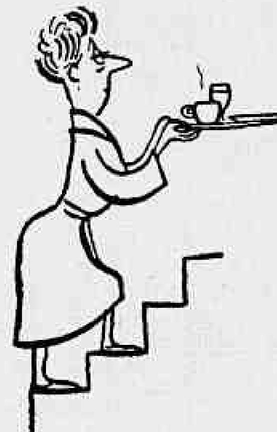


— Isto é o aumento, querida...










BOM HUMOR



— Acho que já estamos bem treinados para o nosso número...



— Onde encontrei minha mulher? Bem. Para ser franco, foi ELA QUE ME ENCONTROU!...



ITALA FERREIRA, exímia pianista, só reconhece o gênio de Beethoven. Acredita em vocação, pois ela é uma conseqüência dessa queda artística. Deu o que pôde pelo teatro



ITALA em companhia de sua mãe. Com orgulho diz-se avó e talvez muito cedo, bisavó. Não teme a idade, pois ainda está moça,, após trinta anos de trabalho em prol do teatro

TRINTA ANOS DE PALCO

ITALA FERREIRA FALA DE TEATRO

COMO E QUANDO ELA COMEÇOU ★ TUDO E' QUESTÃO DE VOCAÇÃO ★ SÓ ACREDITA EM GÊNIOS NA MÚSICA ★ BEETHOVEN, APENAS BEETHOVEN ★ CASAMENTO CONTRARIADO ★ SUCESSO NO PALCO ★ UMA BONITA VOVÓ

Reportagem de ARMANDO PACHECO

Fotos de ARNALDO VIEIRA



NA OPINIÃO de Itala Ferreira, nenhum governante fêz tanto pelo teatro brasileiro como Getúlio. Os artistas no Brasil trabalham por amor à arte. Coitados dos imprevidentes!

ITALA Ferreira é uma veterana da arte cênica no Brasil. Vinda dos tempos do começo difícil de Procópio, a aplaudida "estrêla" do teatro nacional faz agora, precisamente, trinta anos de ribalta. São, portanto, seis lustros — seis vêzes cinco trinta — trinta anos consecutivos de trabalho no palco interpretando tôda espécie de papéis e personagens, desde a "pontinha" ligeira como um meteoro aos mais importantes e exigentes desempenhos. No melancólico e rotineiro decorrer de trinta primaveras (uma existência), ano após ano, chovesse, roncasse trovoada, fizesse calor de se virar torresmo, ela entrou em cena para representações que às vêzes (drama, tragédia ou comédia) eram justamente o contrário do seu estado d'alma ou das sutilezas de sua vida real. A vida do artista é assim. Essa Itala Ferreira dos distantes dias, será melhor dizer das recuadas noites do Tró-ló-ló, está festejando seu aniversário artístico. Evidentemente seria exagêro declarar que ela é da geração dos que vieram da infância do nosso teatro, mas não será demais acentuar que Itala integra a luzida equipe dos elementos aos quais muito deve o Brasil pelo sacrifício, idealismo, espírito de renúncia e devotamento com que encheram suas vidas visando melhores dias para o nosso teatro. Êles deram tudo em troca de muito pouco, e que lhes deu o país? Nesses trinta anos de teatro de Itala Ferreira, com Procópio, Jaime Costa ou empresários outros, percorreu o Brasil cobrindo os pontos cardeais, levando o teatro ao povo das longínquas distâncias. Na França ou nações diversas de nível cultural e de compreensão acima do terra-a-terra brasileiro, Jaime, Itala, Cazarré, Ferreira Maia, Cora Costa, Dulcina, Odilon, Roulien, enfim, êsses batalhadores teatrais teriam quando nada a legião de honra. E aqui que é que acontece? Se o artista não cuida desde cedo do pé de meia, coitadinho dêle! Vai acabar seus dias no discutível Retiro de Jacarepaguá. Com a Itala Ferreira a coisa sai diferente por que soube pensar no futuro que são para ela os dias presentes, e está rica. Rica, moça, bonita e avó, caminhando possivelmente para ser bisavó. Sua netinha, que o repórter conheceu de colo, deve estar noiva, a um passo para o casamento, se já não o fêz, e a viçosa vovó vai vivendo da renda. Dizem as más línguas (o escritor Mário Cordeiro na liderança da maioria) que Itala Ferreira é dona de quase tôda Santa Teresa. Ainda bem. Tomara que sim. A artista patrícia que será a mais moça, bela e sacudida de tôdas as bisavós do Brasil merece pelo tanto que fêz em favor da arte cênica na-

COMO LEMBRANÇA de Procópio, com quem trabalhou durante longos anos, alcançando belíssimos sucessos, a artista guarda o grupo dos três macaquinhos. Contracenou também com Jaime Costa, Cazarré e muitos outros do teatro brasileiro



cional uma aposentadoria condigna. Já é tempo de o govêrno pensar em condecorar, em premiar decentemente êsses abnegados. Para a maioria faz-se tarde. Mas, antes tarde do que nunca...

BREVE HISTÓRIA DA ATRIZ ITALA FERREIRA

Itala Ferreira nasceu na Bahia, em 29 de abril de..., foi instruída e educada em colégios de freiras, leu muito e viajou bastante pela Europa. A família preparou-a carinhosa e rigorosamente para a vida tranqüila e honesta dos deveres do lar. Ela mesma só admitia a esperança de vir a ser a dona de casa exemplar que todos nós rìgidamente desejamos sejam as criaturas do belo sexo na nossa família. E aí na vida de Itala entrou a mão do destino, talvez. Ela se casou, mas deu com os burros n'água, e longe de se transformar na sonhada matrona foi decepcionada e seu matriarcado fracassou. Possìvelmente estava escrito no livro da sorte que o teatro era o seu mundo, de horizontes restritos, de possibilidades limitadas, mas um mundo. João Caetano, Fróis, Apolônia, eram seus fantasmas familiares nesse mundo de sonho e fantasia. Era uma vez... Bem, será melhor ela própria falar de si. Ouçamo-la:

— Embora reconheça que a vocação me atirou no teatro, ainda estou piamente crente, hoje, decorrido tanto tempo (chi! quanto!), de que me tornei artista profissional em conseqüência de ser uma frustrada num ideal que devia ser em minha vida superior a tudo mais — inicia Itala.

E acentua:

— Não, não entrarei em detalhes volvidos tantos anos. Basta falar de teatro, o resto não interessa, é silêncio, porque o passado está morto. Você não organizou um sistema de perguntas?

— Mais ou menos. Diga quando e como você começou a trabalhar no palco, Itala — velha de guerra. Converse você diretamente com seu público, esqueça o velho repórter, seu amigo de priscas eras. Você tem talento e um mundão de admiradores masculinos e femininos, principalmente masculinos. Lembra-se da sua estréia como atriz?

— Naturalmente, meu caro.

— Então, venha de lá.

— Foi precisamente num mês de fevereiro do tão distanciado ano de 1920 o meu batismo de fogo no palco diante de uma platéia da fina flor da sociedade. O espetáculo teve lugar no Teatro Recreio e era de um empresário português, a Cia. José Loureiro. Vivi naquela noite papel saliente e também a maior emoção da minha vida. Desde que atingi o estrelato não mais parei de colecionar sensações novas. Cada montagem, cada peça, cada personagem que interpreto, cada momento que vivo me sensibiliza profundamente, porque nada sei fazer sem paixão e sem amor. Concordo com Hegel neste ponto: nada de grande no mundo poderá ser feito sem paixão. Todavia a minha emoção mais sentida, a que mexeu com tudo dentro de mim, foi a daquela noite do passado de 1920. Também a comemoração valeu... Daí prá cá, com os altos e baixos da existência humana, palmilhei espinhoso, escorregadio, áspero caminho, fiz os sucessos que a imprensa e o público sabem e venci.

— E está satisfeita?

— Com quê?

— Com os resultados.

— Plenamente satisfeita. Sinto-me deveras contente com o que realizei. No Brasil, sob certos aspectos ainda estamos na era da primeira missa, e faz-se o que se pode, porque não fôssem os esforços patrióticos das iniciativas particulares nem sei se teríamos arte neste país...

— Pode-se viver de arte no Brasil?

— Escute aqui, parece incrível dizer que podemos, nesta terra ingrata, mas é do que tenho vivido, até hoje, exclusivamente. Quando a gente tem consciência de que se está realizando alguma coisa como pioneiro para melhorar a situação de quem vier depois, sente prazer e um certo esti-

(*Cont. na pág. 44*)



MUITO BREVE, com uma escolhida troupe de colegas brasileiros, Itala Ferreira realizará uma excursão artística a Portugal. Tendo passado inclusive, pela revista, com um longo tirocínio na comédia e no drama, por certo agradará na [illegible] comum

DESDE CEDO, AS ABNEGADAS DA ORDEM DE SÃO VICENTE DE PAULA, NO COLÉGIO LUIZA MARILLAC, NO ALTO DA BOA VISTA, PROCURAM DESENVOLVER NAS CRIANÇAS O MAIS NOBRE AMOR DA HUMANIDADE — O AMOR À TERRA

NA TIJUCA MORA A ABNEGAÇÃO



MENINAS de qualquer nacionalidade recebem ali a mais sã das formações. A única condição exigida é ser pobre



ESTAS são as heroínas da Tijuca: Irmãs Júlia, Maria Luísa Studart, Irmã Ricard (superiora) e Irmã Lúcia Marcondes

Da riqueza ao voto de pobreza ★ Onde quatro Irmãs de Caridade, num trabalho heroico, contra a miséria ★ Dezenas de crianças poderão ter melhor futuro

Texto e fotos de A. VIEIRA JUNIOR

Os que conhecem "esta mui graciosa terra" sabem onde encontrar os bairros prediletos para as horas de descanso físico e de encantamento paradisíaco. Na zona montanhosa do Rio de Janeiro, que abrange várias localidades escolhidas desde há muito pelas elites mais distintas da capital do País, situa-se a Tijuca, que depois de um longo marasmo volta ao resplendor econômico e social vividos nos áureos tempos dos meados do segundo império até pouco mais dos princípios dêste século.

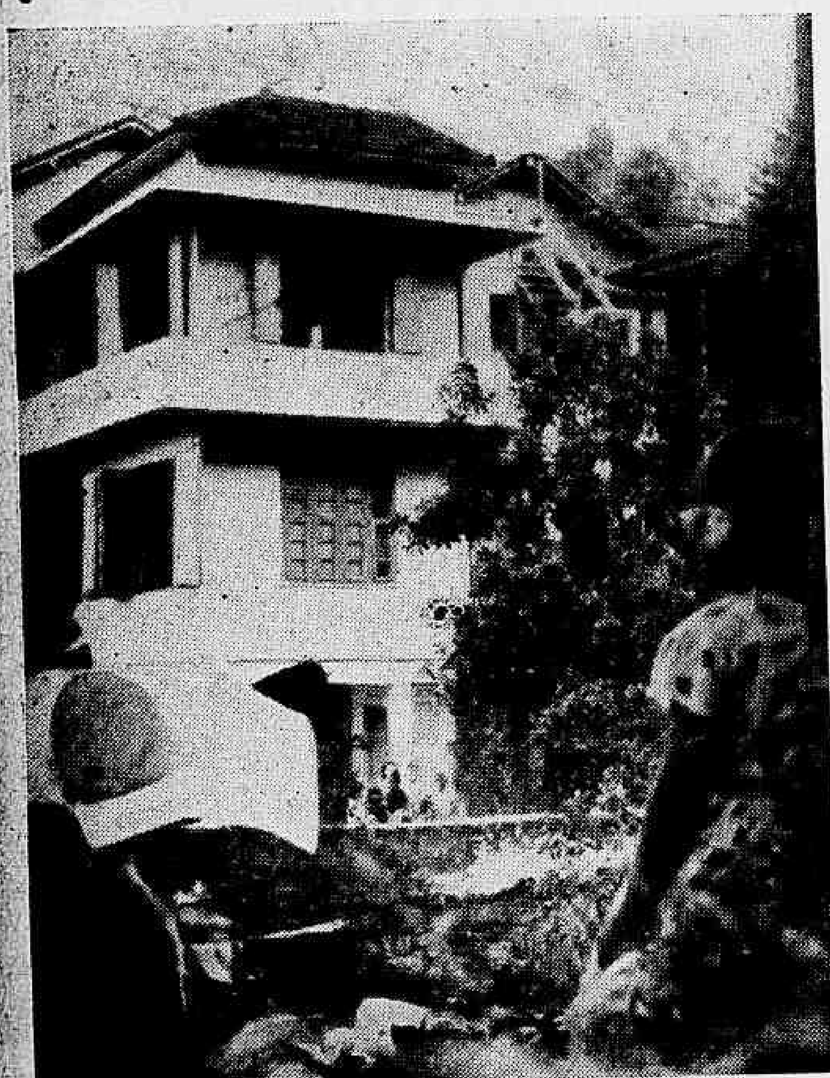
Daquele passado radioso, restam, ainda, a paisagem um pouco modificada e as velhas mansões nos mais variados estilos, que falam das famílias aristocráticas bem nume-



FRUTO do trabalho notável e do desprendimento das Irmãs Vicentinas estas meninas alegres e sadias têm possibilidades de melhor futuro



A ORAÇAO das seis horas, às vêzes, é feita na chácara



ASPECTO do prédio onde se abrigam dezenas de meninas



"NA TERRA você poderá tirar muito proveito na sua vida futura", diz Irmã Júlia

O TRABALHO da manutenção da limpeza do colégio é feito pelas próprias Irmãs, combinando para isso um sistema de revezamento que possibilita a tôdas a oportunidade de atuar nas várias atividades da instituição que as mesmas dirigem

rosas que ali viveram, amaram e morreram, cercadas pela exuberante floresta, por vêzes bem frígida. Mas os casarões só falam àquêles que os sabem entender. Desde que enterraram o Império, estão tristes e desmazelados,.

Cheios de musgos, com a aparência de velhos barbados, todos esburacados, como perfeitos miseráveis, não participam da alegria dos novos habitantes porque certamente têm saudades profundas dos meigos tempos de Sinhá Moça da saia-balão, e corpete bem ajustado, das carruagens elegantes e dos negros escravos que, formando côro com as rãs, acompanhavam a sinfonia das pequenas cascatas sob a luz da lua da Tijuca..

Das ricas mansões de outrora, hoje transformadas em "cabeças-de-porco" saem dezenas de crianças necessitadas de amparo urgente para que possam ter uma existência digna de ser vivida e para que não venham também a constituir eterna ameaça à segurança pessoal de seus semelhantes quando não puderem conter mais a pressão de seus recalques.

Apesar do franco progresso tijucano, acobertada pelo vasto lençol verde das matas numa topografia bem acidentada, ali vive, hoje, uma legião incalculável de crianças paupérrimas e não raro filha de pais tuberculosos que vêem a vida passar como simples respirantes.

E' exatamente aí que entram em ação quatro Irmãs da Ordem de São Vicente de Paula, cuja obra de assistência social e espiritual em prol daqueles desprotegidos pela sorte, é digna de nota.

DA RIQUEZA AO VOTO DE POBREZA

Descendendo de famílias nobres e de boas possibilidades financeiras aquelas criaturas, levadas pela descrença da eficácia dos bens materiais na solução das insatisfações humanas, abandonaram tudo e ingressaram nas hostes de Cristo, simplesmente por amor ao próximo.

Irmã Maria Luisa Studart, filha do Estado do Ceará, e como seu próprio nome está dizendo, pertence a uma estirpe de nobre gente daquelas paragens, aos quinze anos de idade viu-se na contingência de substituir sua genitora no amparo espiritual dos dez irmãos. Dessa época em diante, sentiu despertar em si a vocação inabalável de continuar por tôda a sua existência amparando aquêles que no início de suas vidas mais do que nunca precisam de orientação e assistência material.

Há quarenta anos que Irmã Maria Luisa vem labutando continuamente sem esmorecimentos. Uma perfeita "Lady" que, dada a sua condição social, poderia hoje desfrutar de todas as delícias da vida mundana, acha que fora dos compromissos que abraçou não pode haver felicidade. De aspecto bem saudável, olhos azuis e de andar lépido, desde o alvorecer até o término das aulas, chega a impressionar aos que com ela convivem ou dela se aproximam.

O Colégio que vive exclusivamente de esmolas, obriga sistemàticamente aquelas abnegadas a caminhadas por tôda a cidade em busca da caridade do próximo; e não raras vêzes por incompreendidas são recebidas com indiferença e pouca delicadeza. Mesmo assim acham que isso em nada poderá detê-las, pois diàriamente dezenas de crianças estão dependendo estritamente de suas atividades, que de maneira alguma poderiam interromper.

Quando, há alguns dias, Irmã Studart, muito aflita com as dívidas daquela instituição de caridade, cujas obras de ampliação do prédio remontaram a mais de cem mil cruzeiros, recorreu ao Congresso Nacional, expondo a situação periclitante em que se encontrava, foi informada de que naquele momento, nada poderia ser feito, talvez dentro de poucos meses fôsse possível alguma ajuda.

Quando lhe foi trazida essa desanimadora resolução, por um de seus primos, o atual deputado Oswaldo Studart, que com muito carinho expôs-lhe a opinião da maioria do Parlamento e procurou, de acôrdo com suas possibilidades, minorar a angústia daquela parenta que tão digna

QUANDO FAZÍAMOS esta reportagem conseguimo[...] vasto volume de roupas que deveria lavar com[...]

vida abraçara, Irmã Maria Luisa não pôde c[...] emoção. Tecendo muitos elogios agradecia sin[...] a atenção dos que se interessaram pela sorte d[...] ção, talvez não cheguem a avaliar o quanto fic[...] namente gratas aquelas crianças que arrancara[...] grume da miséria impiedosa.

A LUTA PELA VIDA NAS MATAS DA T[...]

O trabalho penoso a tôdas atinge indistintam[...] de muito bom grado aceitam. O colégio além [...] meninas e meninos em idade escolar, mantém [...] ambulatório sob a orientação de um clínico [...] seus serviços graciosamente, distribuindo tamb[...] camentos aos tuberculosos e necessitados em g[...]

Tudo que conseguem angariar, de certas [...] merciais da cidade e de particulares, é empreg[...] tribuído imediatamente. Como se isso não bast[...] Lúcia Marcondes, que descende de pioneiros p[...] cujo tronco principal se fixou em Pindamonha[...] ma-irmã do ex-senador Marcondes Filho e pa[...] próxima do atual ministro da Aeronáutica, [...] Armando Trompowsky — atende constantemen[...] didos angustiosos das inúmeras famílias da [...] Tijuca. Há poucos dias, numa dessas manhã[...] Irmã Lúcia foi chamada com urgência para at[...] licitação de um enfêrmo grave que não queria [...] cumprir a promessa que fizera a sua noiva. [...] de tempo, a dedicada vicentina veia à cidade [...] papéis, e já no dia imediato, acompanhando [...] dote, voltava ao tôsco casebre da colina para [...] do csamento como úitimo pedido de mais um [...] dentro em breves dias partia para todo o sem[...] isso, cada vez mais aumenta o número de fut[...] que elas amparararão com todo sacrifício.

E assim elas travam cotidianamente uma ver[...]



ãs, combinando para isso um sistema de
des da instituição que as mesmas dirigem

uisa Studart. filha do Estado do Ceará,
rio nome está dizendo, pertence a uma
gente daquelas paragens, aos quinze
iu-se na contingência de substituir sua
ro espiritual dos dez irmãos. Dessa época
u despertar em si a vocação inabalável
tôda a sua existência amparando aquêles
suas vidas mais do que nunca precisam
assistência material.
nos que Irmã Maria Luisa vem labutando
m esmorecimentos. Uma perfeita "Lady"
condição social, poderia hoje desfrutar de
s da vida mundana, acha que fora dos
e abraçou não pode haver felicidade. De
dável, olhos azuis e de andar lépido, desde
término das aulas, chega a impressionar
convivem ou dela se aproximam.
vive exclusivamente de esmolas, obriga
aquelas abnegadas a caminhadas por tôda
sca da caridade do próximo; e não raras
preendidas são recebidas com indiferença
eza. Mesmo assim acham que isso em
ê-las, pois diàriamente dezenas de crian-
endo estritamente de suas atividades, que
uma poderiam interromper.
alguns dias, Irmã Studart, muito aflita
aquela instituição de caridade, cujas obras
prédio remontaram a mais de cem mil
reu ao Congresso Nacional, expondo a si-
nte em que se encontrava, foi informada
momento, nada poderia ser feito, talvez
os meses fôsse possível alguma ajuda.
foi trazida essa desanimadora resolução,
primos, o atual deputado Oswaldo Studart,
carinho expôs-lhe a opinião da maioria do
procurou, de acôrdo com suas possibilida-
angústia daquela parenta que tão digna

QUANDO FAZIAMOS esta reportagem conseguimos apanhar de surprêsa Irmã Júlia que, com relutância, acabou por concordar com a publicação do flagrante. Estava ocupada, com um vasto volume de roupas que deveria lavar com bastante urgência, aproveitando o restinho da tarde que se findava, isso depois de despachar tôda a gurizada, após um dia de aula

vida abraçara, Irmã Maria Luisa não pôde conter sua emoção. Tecendo muitos elogios agradecia sinceramente a atenção dos que se interessaram pela sorte da instituição, talvez não cheguem a avaliar o quanto ficarão eternamente gratas aquelas crianças que arrancaram do negrume da miséria impiedosa.

A LUTA PELA VIDA NAS MATAS DA TIJUCA

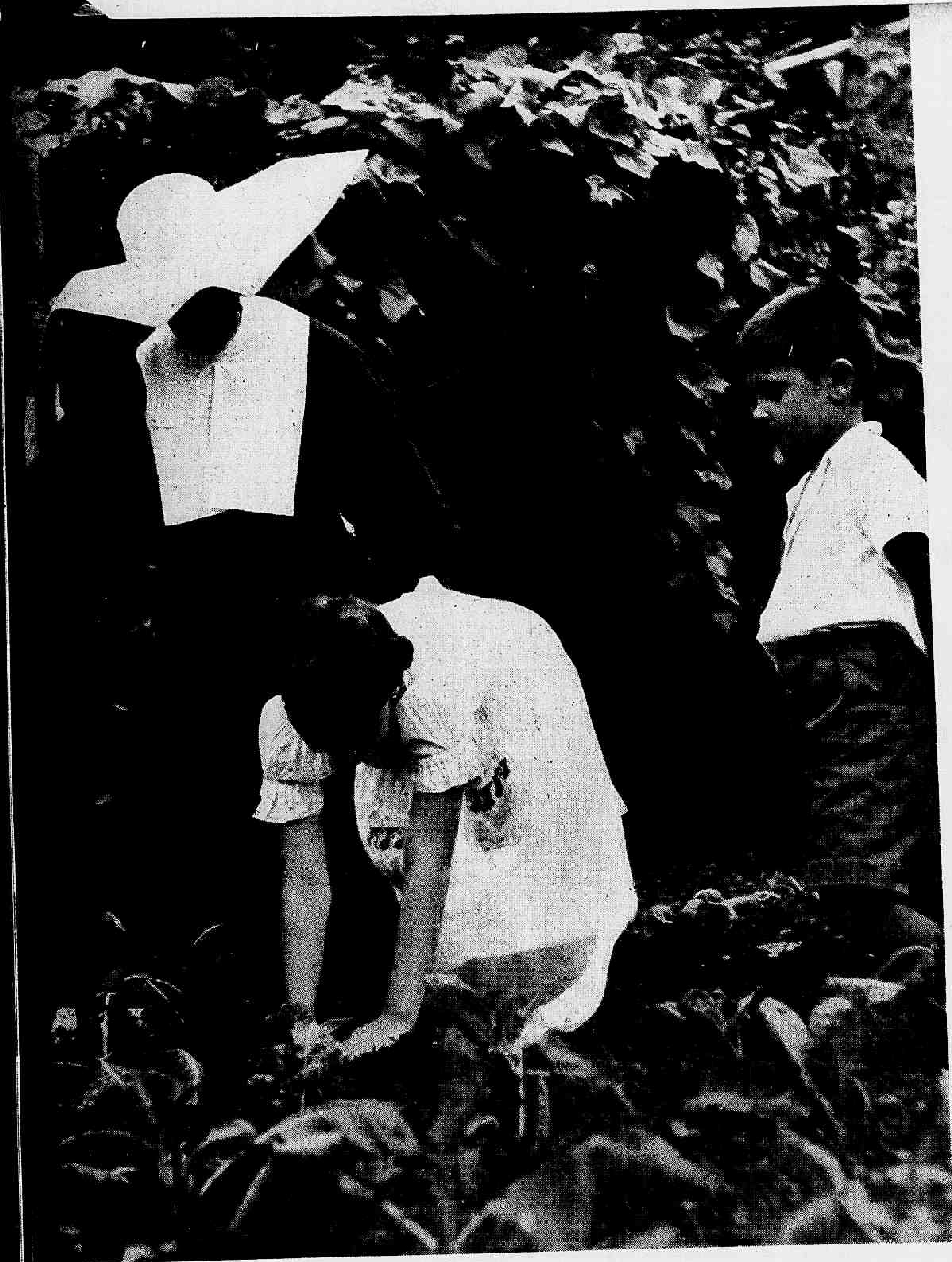
O trabalho penoso a tôdas atinge indistintamente, que de muito bom grado aceitam. O colégio além de atender meninas e meninos em idade escolar, mantém ainda um ambulatório sob a orientação de um clínico que presta seus serviços graciosamente, distribuindo também medicamentos aos tuberculosos e necessitados em geral.

Tudo que conseguem angariar, de certas firmas comerciais da cidade e de particulares, é empregado e distribuído imediatamente. Como se isso não bastasse, Irmã Lúcia Marcondes, que descende de pioneiros paulistas — cujo tronco principal se fixou em Pindamonhangaba, prima-irmã do ex-senador Marcondes Filho e parenta bem próxima do atual ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Armando Trompowsky — atende constantemente aos pedidos angustiosos das inúmeras familias da floresta da Tijuca. Há poucos dias, numa dessas manhãs chuvosas, Irmã Lúcia foi chamada com urgência para atender a solicitação de um enfêrmo grave que não queria morrer sem cumprir a promessa que fizera a sua noiva. Sem perda de tempo, a dedicada vicentina veia à cidade tratar dos papéis, e já no dia imediato, acompanhando um sacerdote, voltava ao tôsco casebre da colina para a realização do csamento como útimo pedido de mais um infeliz que dentro em breves dias partia para todo o sempre. E com isso, cada vez mais aumenta o número de futuros órfãos que elas ampararão com todo sacrifício.

E assim elas travam cotidianamente uma verdadeira ba-



O COLÉGIO fornece tôdas as tardes um saboroso e nutritivo prato de sopa, cujos ingredientes certas firmas fornecem



NO QUE se refere à educação, até as meninas se dedicam um pouco ao hábito salutar de lidar com a terra exuberante



ÊSTES meninos fazem aqui, talve, a única refeição d

talha sem tréguas. Subindo e descendo morros apes suas idades avançadas, pois Irmã Júlia completará renta anos de Ordem. Assim mesmo espera ainda viv dôbro para continuar com todo o ardor, êsse tipo de que é tôda a sua razão de ser.

A COLUNA MESTRA

No ano de 1904, durante o mês de outubro, chega Brasil, procedente da terra de Joana D'Arc, uma jo plena de coragem e desprendimento, Irmã Ricarda, eximia educadora e conheceu no Colégio Imaculada C ceição, em Botafogo, do qual foi de 1911 até 1927 a Superiora, as outras três Irmãs que formam aquêle teto maravilhoso que vive na montanha da Tijuca.

Ainda hoje, já octogenária, continua como direto instituição, cercada de todo o carinho e atenções por de suas queridas "filhas" que desde 1922 a acompa

De quando em vez, suas "filhas" ralham sèrian com a Irmã Ricarda, porque ainda insiste em pegar vassoura ou nos caldeirões pesados, o que a sua idad não permite mais.

— Grande parte da sociedade carioca lhe deve a fo ção — disse ao repórter Irmã Júlia.

Aqui ficamos sabendo também que muitas figur grande destaque no cenário político e industrial do foram preparados ainda quando bem jovens por aq quatro abnegadas, para fazer a primeira comunhão.

Depois de uma tarde agradabilíssima em companhi Irmãs, assistimos a saída da gurisada feliz que, la abaixo, corria satisfeita sob os olhares piedosos mestras.

— Não abandonamos êstes meninos na fase post-esc Procuramos sempre encaminhá-los para diversos empr atendendo suas vocações e aquêles que querem conti seus estudos no curso ginasial continuam sob nossos dados. Como o senhor está vendo, com um pouco de ciência e algum trabalho, fazemos alguma coisa que parece útil.



DEPOIS da sopa a meninada alegre e corada corre ao pátio para brincar alegremente



«TRABALHAMOS aqui sob o olhar de Deus, para a nossa querida Pátria — o Bras



ESTE MENINO ALGUM DIA SERÁ ETERNAMENTE GRATO À IRMÃ JÚLIA, QUE LHE ENSAIA OS PRIMEIROS PASSOS PARA UM MUNDO BASTANTE EXIGENTE

O RETRATO SALVOU-NOS

LÁ vem o expresso!... Meu Deus!... Vai matá-lo! — e a pobre louca atirava-se para a frente, caía, levantava-se, tornava a cair e saía arrastando-se sôbre os cotos das pernas decepadas, balbuciando palavras desconexas, numa cena contristadora. Ora corria tão velozmente como lhe era permitido, ora estacava bruscamente. Caía. Levantava-se. Jogava-se novamente para a frente, numa atitude de súplica e desespêro, sempre repetindo o trágico estribilho:

— Lá vem o expresso!... Meu Deus!... Vai matá-lo!

Os cabelos caíam-lhe emaranhados pelo rosto ensangüentado; os olhos vítreos expressavam horrível sofrimento; a bôca contorcia-se num esgar pavoroso, deixando ver as gengivas amareladas a escorrer saliva grossa e viscosa. O vestido imundo, manchado de sangue e gordura, rasgava-se em vários pontos. As mãos angulosas, dilaceradas pelo roçar nas pedras da rua entrelaçavam-se, por vêzes, e as grandes unhas pretas, semelhando garras, penetravam na carne já ferida!

Fazia pequenas pausas no seu lamento confuso, arrastando-se pelo chão, para logo retornar às mesmas palavras... Louca e sem as pernas. Que triste sina!

Mal aparecia na rua um garôto alertava aos demais:

— Olha a louca do expresso! Venham todos!...

E a molecada seguia a infeliz, fazendo uma algazarra ensurdecedora.

Como era muito mansa, não reagindo nunca contra os garotos, alguns chegavam bem perto, a fim de puxar-lhe o vestido ou os cabelos. Iam atrás dela, imitando a máquina da estrada de ferro, num espetáculo que era gôzo para êles. Quando parava, cansada, bastava um dos meninos gritar: "Vem o trem, louca! Olha o expresso!". Então, ela se atirava, novamente, para a frente, dilacerando-se nas pedras tôscas do calçamento mal feito que ficavam salpicadas de sangue. Isto durava até que a pobre se refugiasse em casa ou tombasse desfalecida.

Nesse dia a cambada gozava como nunca. Um dêles aprendera a remedar o apito e o resfolegar da locomotiva de tal modo que a infeliz, julgando a todo momento ouvir a composição aproximar-se, encolhia-se, gemia, depois saía arrastando-se, levando, suspenso nos braços, um fardo imaginário ao qual se abraçava carinhosamente.

Há mais de trinta minutos que seguiam a velha numa assuada tremenda. Súbito ouviu-se o grito de alarma: "Lá vem o filho!". Sumiram-se todos num momento, como por efeito de um passe de mágica. A louca permaneceu no meio da rua, vagando o olhar insano pelas árvores e casas. Ao enxergar o rapaz que se aproximava, teve como que um lampejo de razão. Abrandou-se-lhe a expressão sofredora do rosto. As pupilas ameigaram-se e os braços estenderam-se, suplicantes, na direção do filho. O semblante transfigurou-se por completo. Já não era o ente hediondo de momentos antes.

— Por que saiste à rua?! Já para casa — ordenou, rispido, o rapaz que chegava, sem olhar sequer a desgraçada.

O homem que assim falara era o filho da louca mutilada. Juca Batista, guapo rapagão de vinte e três anos, estava, nesse dia, mal humorado. Seus olhos claros tinham algo de indefinível... Ligeiro crispar de lábios prenunciava determinada resolução. A borrasca que se desenrolava há muito, internamente, e a custo reprimida, ameaçava vir à tona.

"Seria crime o que pretendia fazer?". Indagava o rapaz a si próprio, enquanto caminhava para casa. "E ainda que fôsse perante a sociedade, Deus o condenaria?". A velha sofria horrìvelmente, não havia negar. Talvez fôsse até sua obrigação levar avante o projeto o mais ràpidamente possível...

A dualidade que mora em todos nós, empenhava-se numa ardorosa disputa, no mais íntimo do seu ser. O "bom" sussurrava-lhe que jamais seria perdoado se levasse a cabo os seus intentos, enquanto o "mau" trovejava, abafando as considerações daquele, argumentando que sòmente um desassizado deixaria de proceder como lhe era aconselhado.

Como acontece quase sempre que nos olvidamos, ainda que por instantes, apenas, dos preceitos do bem, o mal, avassaladoramente, abafava qualquer outra voz.

— Sim — monologou o rapaz, ao entrar em casa — a pobre coitada sofre horrìvelmente. Será verdadeira obra de caridade... Mas... Tenho receio de que me falte coragem... Vou beber um pouco para finalizar de vez êsse empreendimento.

Permaneceu largo espaço de tempo sentado, com as mãos na cabeça, machucando-a, como a castigá-la por abrigar tais pensamentos. A louca jogara-se a seus pés, fitando nêle os olhos repletos de ternura e sem o filho notar abraçava-lhe os joelhos meigamente. Quando Juca levantou a cabeça, teve um estremecimento ao dar com a expressão do rosto da mãe. Era num dêsses raros momentos em que ela parecia quase normal. Podia-se ler nas pupilas rasas d'água o amor que tinha ao rapaz. Juca desviou o olhar, envergonhado, para o retrato sôbre a mesa... E dizer que aquela bonita mulher da fotografia era essa louca...

— Não há remédio — sussurrou, afastando-se dela — é o mesmo que se faz aos cachorros doidos...

Levou-a para o quarto. Dominara a emoção momentânea que se apoderara dêle.

— Não grites nem esmurres a porta enquanto eu estiver para fora, ouviu?

A expressão vaga dos olhos já voltara à louca, que, entretanto, parecia compreender a ordem do filho.

Saiu o rapaz de casa depois de correr o ferrôlho à porta. A noite havia descido completamente. Um ventinho frio soprava do sul, percorrendo a ruazinha deserta, de ponta a ponta.

Foi andando, lentamente, rememorando tôda a sua vida. Ignorava o que fizera a mãe perder as pernas e a razão. Lembrava-se bem da irmã que o criara, sempre ao lado da louca, até a idade de dez anos. Então a mana morrera, repentinamente, numa crise aguda de apendicite, e ficara com o duro encargo de velar pela velha. "Cuide da nossa mãezinha — dissera Francisca antes de expirar — faça tudo que puder por ela que ainda será pouco". Acostumou-se desde aquêle dia a cuidar-se, trabalhando em qualquer serviço. O pior é que a velha não queria separar-se dêle. Seguia-o, como o cão segue ao dono. E a todo momento prodigalizava-lhe carícias que terminaram por aborrecê-lo. Não era nada agradável ter atrás de si uma velha louca, desgrenhada, suja, sangrando, horripilante mesmo, a repetir, sempre e sempre, as mesmas palavras sem nexo e querendo abraçá-lo seguidamente. Haviam mudado — êle, a mãe e a irmã já morta — para essa pacata localidade, quando tinha apenas três anos. Ninguém os conhecia. Francisca mantinha-os, constantemente, afastados do convívio dos moradores do lugar. Lembrava-se, vagamente, duma casinha amarela à beira da estrada de ferro; certa mulher, nova e bela ainda, a fazer-lhe carinhos, contando lindas histórias, enquanto u'a mocinha o embalava com doces canções. Depois sumiam-se essas visões e via-se já na casa suja, que habitava atualmente, ao lado da irmã e da velha louca. Francisca trabalhara muito para cuidar da louca e mantê-lo no Grupo Escolar. Costumava dizer: "Quando você terminar o curso primário, terá onze anos, então lhe contarei algo, acêrca da nossa infeliz mãe, que o fará pensar maduramente". Eis senão que morre, repentinamente, sem poder dizer-lhe nada. Sòmente aquelas palavras, no estertor da morte: "Cuide da nossa mãezinha... Tudo que fizer por ela, ainda será pouco..."

Fôra crescendo e à medida que isto acontecia, aborrecia-se com a velha. Aos quinze anos, arranjando emprêgo fixo, começou a deixá-la prêsa no quarto, fazendo-lhe recomendações para não forçar a porta nem gritar muito. A princípio fêz alguns desatinos, mas, por fim, obedecia-lhe como se não fôsse desequilibrada. O rapaz passou, daí, a deixá-la livre, pois trabalhava não muito distante. Suportava o fardo com estoicismo. A louca criava-lhe situações embaraçosas. Queriam saber como ficara assim. Não sabendo explicar, olhavam-no, desconfiadamente, julgando, talvez, que fôsse hereditária a doença. Juca levava com resignação, pôsto que aborrecidamente, a sua "cruz". Com, porém, veio o dia em que a velha passou a ser forte empecilho à sua felicidade. Gostou de uma jovem dos arredores. Foi correspondido até quando, sem saber como, sua amada descobriu que êle era filho de uma louca. "Você compreende, Juca, minha família não pode fazer gôsto nesse namôro...". E não quis quis mais vê-lo. O rapaz desesperou-se. Desde êsse dia odiou a infeliz. Aquêle farrapo humano devia morrer. "Por que seria êle obrigado a suportar tal fardo?. Não tinha culpa que a mãe fôsse louca... Perder Zizinha por causa dela?! Não seria justo". Tais pensamentos aguilhoavam-no. Urgia que a velha morresse. A idéia foi-se-lhe avolumando no cérebro. Tornou-se uma obsessão! Os maus pensamentos bastam ser acalentados momentâneamente para crescerem com rapidez incrível, dominando a mente, sobrepujando tudo mais. Começou a plancjar a morte da velha. Entretanto, fôra sempre adiando o terrível momento. Algo que dormia no levantava-se, nos momentos que se dispunha à execução do hediondo projeto, obrigando-o a retroceder.

Agora estava resolvido. Não podia mais tolerar aquela situação. Morta a velha, passados alguns meses, mudar-se-ia para uma grande cidade, iniciando vida nova...

Dêsgraçado! Não sabia que o remorso, "êsse caçador de feras", seguiria os seus passos eternamente. Suas noites seriam horríveis! Pesadelos inenarráveis o acometeriam. O matricídio é, talvez, de todos os crimes o único que jamais se justifica. O matador da própria mãe, daquela que o gerou, que o sentiu no âmago do ser, desde o embrião, depois sofreu cruciantes dores, para expeli-lo do ventre, trazendo-o colado ao seio por vários meses ainda, dando-lhe os primeiros alentos de vida, adorando-o e protegendo-o, deverá ser punido com eterna expiação. O matricida sofrerá as conseqüências de sua ação, por tempo indefinido...

Mas estas considerações não passaram pela mente atormentada de Juca. Obstinava-se neste pensamento: "A louca devia morrer".

Como os chacais se assustam quando surpreendidos com a luz, assim também Juca sobressaltou-se ao sentir no rosto o facho luminoso que vinha do botequim do Lindolfo. Entrou. Pediu um trago. Outro e mais outro! Era preciso beber para não voltar atrás da decisão. Súbito o seu olhar foi atraído para um indivíduo de barba hirsuta que se quedava, melancòlicamente, a um canto do balcão. Aquêle homem não era do lugar. Uma idéia passou-lhe rápida pelo cérebro enevoado pelos vapores alcoólicos.

— Quer tomar um trago? — inquiriu, acercando-se do desconhecido.

— Aceito! — respondeu o outro surprêso com a amabilidade.

— E' daqui? — indagou, assim que o estranho virou o copo.

— Não.

(Cont. na pág. 4?)



NOVELA DE **CARLINDO CERQUEIRA**

nicodemus OFERECE O MODÊLO DE UMA SINCERA DECLARAÇÃO DE

AMÔR...

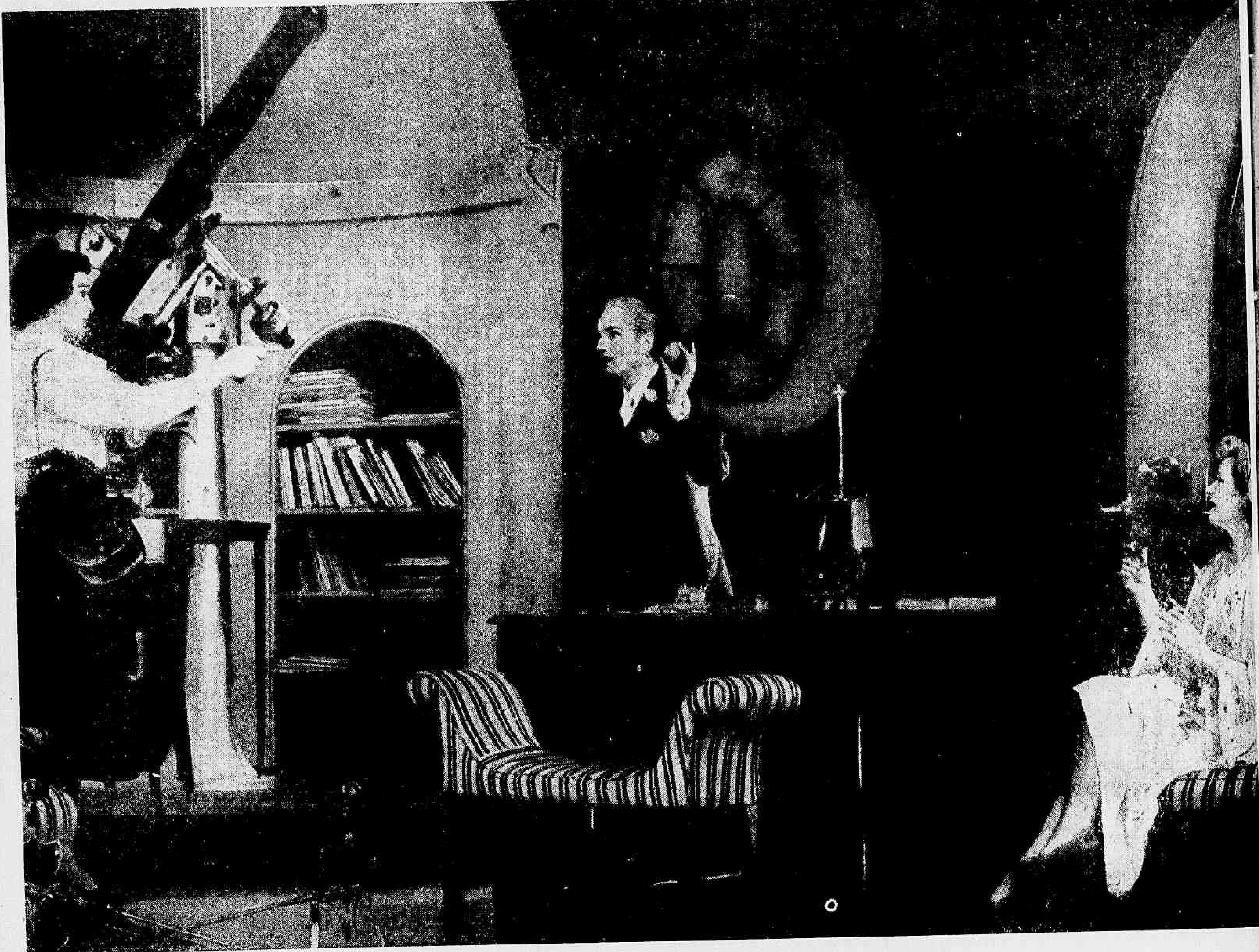
MEU BEM. ESCUTA:
TU SABES QUE
MINHA DEVOÇÃO
É INFINITA.
NÃO TE AMO
COMO AMA O HOMEM
COMUM, DEVOTANDO
UMA PSEUDO-AMISADE
MESQUINHA, PASSAGEIRA, EGOISTA,
SUBJUGADA POR INTERESSES
INCOMUNS.

NÃO! AMO O TEU CARATER
A BONDADE, A MEIGUICE, O
CEREBRO PULSANTE DE UM
ESPIRITO FORTE, SADIO.



SINTO A BENEFICA INS-
PIRAÇÃO DE TUA ALMA,
BALSAMO EM MINH'ALMA
CANSADA DO FUTILISMO
DE BEIRA DE PRAIA.
OLHANDO EM ADORAÇÃO
MUDA TEUS INUMEROS
RETRATOS VEJO O
QUANTO TE QUERO
COM MEU AMÔR
PURO,
SINGELO,
CASTO...

QUERIDA:
QUERES VIR
ESTA NOITE
AO MEU
APARTAMENTO ?..



Cenas e intérpretes de uma nova comédia de Fry, vendo-se ao telescópio Heather Stannard por detrás da secretária o grande Laurence Olivier, que desempenha dessa peça o papel de um duque sacudido e inclinado a casamentos. Se é verdade que os poemas de Christopher Fry têm sido aplaudidos em tôda a Inglaterra, é verdade também que os «astros» o ajudam...

LONDRES APLAUDE MR. FRY

UM NOVO DRAMATURGO EMPOLGA OS INGLESES - A ESPLENDIDA LINGUAGEM DO NOVO ESCRITOR - O ROMANTISMO DE SEUS TEMAS

Por HOBSON

KEATS, Shelley, Wordsworth, todos êles nasceram na Inglaterra. Isto não tem, em verdade, nenhuma importância. Os inglêses odeiam a poesia. O mais famoso diretor de Drury Lane, o mais famoso teatro do Império Britânico, disse certa vez: "Shakespeare significa desastre".

Para mostrar-se o quanto são infensos os inglêses a êsse negócio de poesia em teatro, ou teatro poético, basta que se relembre o que sucedeu entre Henry Sherek e os preprietários e empresários dos teatros londrinos no último outono. Sherek desejou levar à cena a peça poética de T. S. Eliot, chamada "The Cock-tail Party"; mas nada conseguiu, pois os empresários londrinos lhe responderam que já a conheciam suficientemente, de Nova York. Pelo menos foi isso que disseram... E não houve jeito.

E' necessário conhecer êsse episódio para ajuizar do incrível sucesso que está obtendo êsse espantoso Christopher Fry na capital inglêsa.

Eliot, vencedor do Prêmio Nobel, o mais consagrado, o mais famoso o mais festejado poeta dêste século, não conseguiu, nem pôde levar sua comédia em nenhum dos palcos de Londres. Entretanto êsse Fry, absolutamente desconhecido, ignorado do público até que John Gielgud o erguesse nas asas da publicidade há doze meses passados, escreve versos da mesma forma que o faz o imortal Eliot, mas com tanta maestria e encantamento que conseguiu ter o teatro de Londres aos seus pés!



O já famoso e jovem autor mantém uma conversa telefônica, enquanto o seu gato parece estar compreendendo

A razão, porém, está na linguagem de que lança mão Fry. Enquanto Eliot é tortuoso, Fry é cheio de claridades, simples, intuitivo, encantador, com imagens compreensivas e atraentes.

Numa só semana dos fins de janeiro três de suas obras estiveram nos palcos de teatros de Londres: "Venus Observed", no "St. James"; "The Boy with a Cart" no Lyric, Hammersmith, e "Ring Round the Moon", adaptação sua de uma comédia de Jean Anouilh.

Alguns dias antes sua peça "The Lady's Not for Burning", encerrava suas representações no "Globo", depois de grande êxito.

Os que vão a teatros estão a dizer que nenhuma peça atualmente terá tanto sucesso como as de Fry nos palcos de Londres.

Foi John Gielgud que descobriu êsse gênio e está a assombrar os inglêses como uma bomba foguête à qual Gielgud houvesse tocado fogo... Gielgud, andando por êsse mundo em 1947, teve ocasião de estar em Nova York com

um repertório que incluía também "Love for Love" e "The Importance os Being Earnest". Quando eu o vi, pouco depois, regressar a êste país, julguei natural e lógico que sua experiência da Broadway lhe teria inspirado oportunidades de oferecer a Londres números de sucesso em a próxima temporada teatral. Um dia, quando estava eu almoçando no "Ivy Restaurant", sacou êle do bolso um original datilografado, constituindo uma peça poetica, um poema, sob o título de "The Lady's Not for Burning".

— Ouça isto, disse-me, e começou a ler:

Consider: vastiness lusted, mother;
A huge, heaving desire, overwhelming solitude,
And the mountain belly of Time labored
And brought forth man, the mouse.
The spheres churned on,
Hoping to charm our ears
With sufficient organ-music, sadly sent out
On the wrong wave of sound: but still they roll
Fabulous and fine, a roundabout
Of doomed and golden notes. And on beyond,
Profound with thunder of oceanic power,
Lie the morose dynamics of our dumb friend
Jehovah.

Mr. Gielgud senta-se em sua cadeira e declara com simplicidade: Isto é poesia. Eu tinha ligeira idéia dêsse poema "Lady's Not for Burning". No centro de Londres, não muito longe de Leicester Square, há um clube teatral de nome "Arts Theatre Club". possúi uns 20 mil associados, salas de refeições e bar para tomar-se vinho, bem como um salão subterrâneo onde se instala um teatro com capacidade para 334 pessoas.

E' muito conhecido de Alec Clunes, jovem ator que dividia seu tempo e afazeres durante a última grande guerra, representando no palco no "Arts" e lutando no passado e intenso serviço de salvamentos durante a "blitz" alemã contra Londres. Ao findar a guerra teve Clunes uma idéia que lhe pareceu genial: tomar para as representações do "Arts" um dramaturgo exclusivo sob o pagamento de setecentas libras esterlinas (àquele tempo 2.800 dólares) por ano. Mas findou tomando dois dramaturgos, e um dêles foi Christopher Fry.

Na última vez em que vi Fry perguntei que tal ia o seu primeiro ano de trabalho no "Arts". Respondeu-me que tudo ia muito bem, inclusive o dinheiro. Sòmente a parte dramática era que constituia uma perturbação, explicou. Não me julgava, até ao fim da guerra, com capacidade para escrever uma linha.

Mas escreveu muitas, mais de três mil linhas,



A televisão interessou-se imediatamente pelo sucesso de Fry, e ei-lo a discutir planos com um «expert» da BBC

com efeito. Essas três mil linhas constituiram então "The Lady's Not for Burning". A peça foi levada no "Arts", em cujo meio só se viam membros do Clube. Clunes interpretou a parte principal e Thomas Mendip uma outra, tudo dentro de um enrêdo encantador do século XV.

A peça se mantem por uma quinzena no palco do "Arts" e os críticos declaram que voltara ao teatro inglês a glória das palavras. A peça de Fry passou então a ser levada à cena em outras cidades antes de apresentar-se nos teatros londrinos para o povo em geral, ou o grande público. Embora muitos julgassem que Londres não apoiaria a produção de Gielgud com o material poético de Christopher Fry, êstes dois estavam firmes na idéia de que seriam bem sucedidos.

E ambos tinham razão. Levada à cena no vasto Globe Theatre, a estréia litero-poética de Fry mereceu mais de trezentas representações, o que significava estrondoso sucesso junto a um povo que não tolerava poesias...

Todo mundo gostou da criação de Fry: mulheres, homens, bancários, professores, intelectuais, jovens e velhos, todo mundo gostou. Levei minha filha de treze anos para ver a peça durante as férias do Natal, e ela ficou encantada. Até membros da família real, como a Princêsa Margaret, não ocultaram a satisfação de ver os triunfos mentais e artísticos de Fry e Gielgud.

As razões dêsse sucesso e da consequente popularidade de Fry se resume, em sintese, nos seguintes pontos: riqueza do vocabulário, exclusão de fraseado retumbante, nada de retoricas e tudo dentro de sentido emocional ao alcance do povo.

Quando digo que Fry possui "senso do teatro", quero fazer compreender que êle sabe como escrever cousas que tomam enorme interêsse e efeito no espírito do povo, ao serem convertidas em literatura no palco. Êle é o verdadeiro reverso de obras poéticas que tanto desinteressavam o povo inglês. No entrecho de "The Lady's Not For Burnihg" há a prova provada do que afirmo.

Mesmo que seus poemas não possam empolgar fora do palco, na ribalta, devidamente interpretados pelos artistas, assumem extraordinário efeito na alma do público.

Sua maior dificuldade, segundo me afirmou em conversas que mantivemos, é encontrar motivos aceitáveis que lhe forneçam peças destinadas ao público. O enrêdo deve encerrar episódios de inesperado desfecho, como sucede, por exemplo com "Lhe Lady's Not for Burning". Se Mr. Fry sente tão bem como escreve, não resta a menor duvida, é êle o mais bem sucedido escritor teatral de sua geração.

E cousa interessante: sua maior glória e popularidade está entre a gente moça, a juventude. O teatro londrino é, muitas vêzes o refúgio para aquêles cujas idéias de renascimento politico estão na história e méritos de um Gladstone ou Theodore Roosevelt.

Mas quanto a Mr. Fry os jovens acorrem em tropelias para o seu teatro. Tanto nas leituras domésticas como nas audições escolares o que encanta é essa intelectualidade ligeira, aquêle aspecto desataviado e simples, sem as complicaçã,es de rançosas literaturas dramáticas de velhos sistemas, e tudo isso está muito bem registrado nos poemas de Fry, garantindo-lhe o entusiasmo dos moços, especialmente. E, se possuir a juventude é possuir o futuro, não há a menor dúvida que Mr. Fry tem o futuro em suas mãos.

Sua arte de agradar está em que todo o seu poeta não aborreça o leitor com tiradas filosóficas incompreensíveis. E isso êle consegue, figurando com o próprio censor de suas produções. Foi assim em "Venus Observed", em "Phoenix", etc. O seu poder de introspecção e de perscrutação do que pode existir "do outro lado do mundo" é admirável. Não se deixa empolgar ou enganar consigo mesmo e vai seguindo uma estrada tão brilhante e de tanto sucesso, que sua personalidade de escritor se proteja em todos os centros intelectuais do mundo, tornando-se uma belissima conquista da mocidade contemporânea.



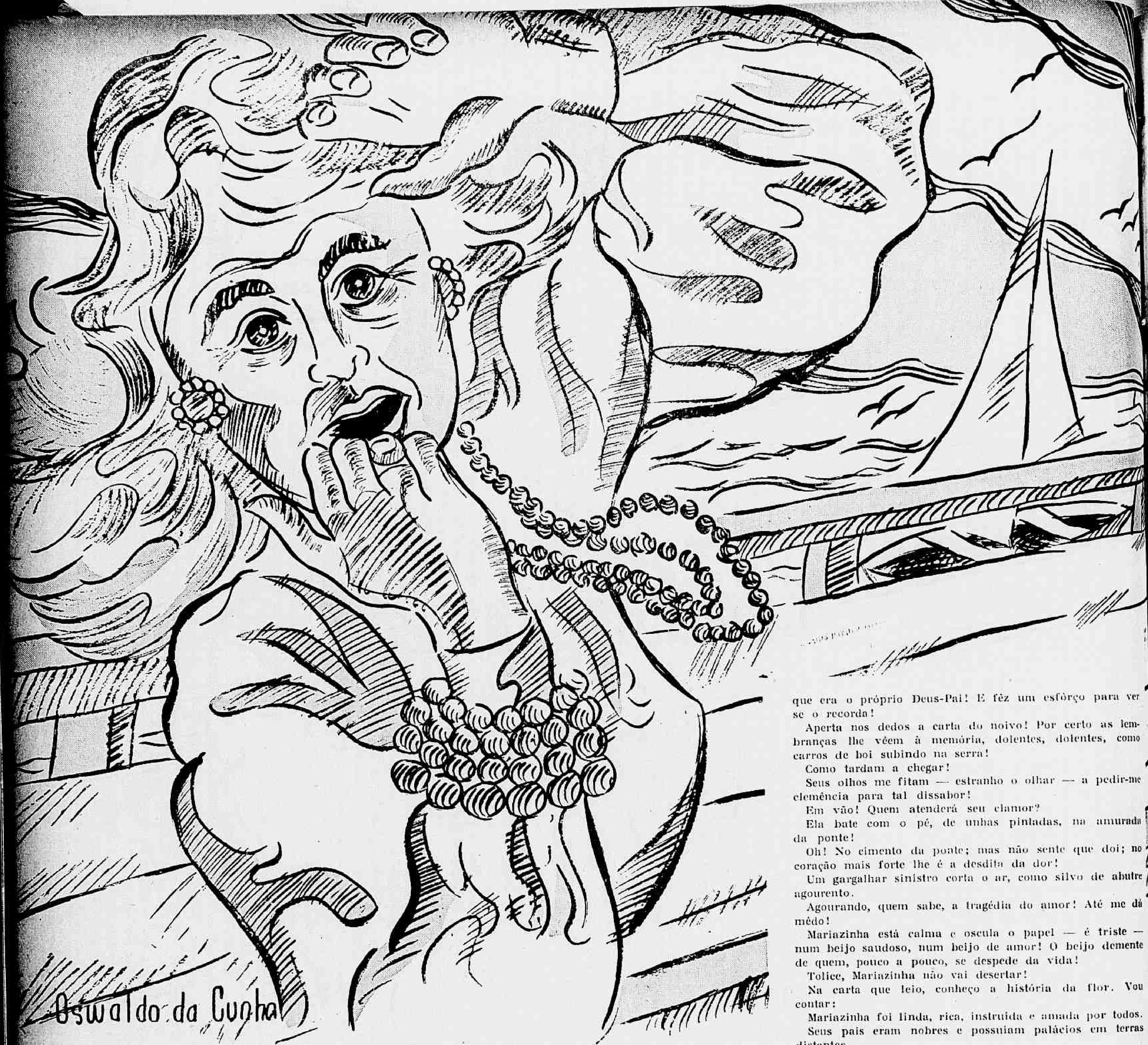
Cena da peça «The Boy with e Cart», quando a mãe fala com o filho e lhe dá conselhos num drama de elevada moral



Momento emocionante de «The Lady's not for Burning» com Pamela nos braços de Gielgud. 1.º êxito de Fry



Uma cena de «Ring Around the Moon», excelente adaptação de Christopher Fry, de uma fantasia de Jean Anouilh



MARIAZINHA, A LOUCA DO CAIS

VESTIDA de trapos, olhar desvairado, ornada de jóias, de brincos e pulseiras, a cinco cruzeiros, faminta de amor, sem nada no cérebro, sem nada nos pés, lá vai pela ponte a louca do cais. Cabelo comprido, ao vento desfeito, do pente não sabe; emaranhado ainda mais, pela alma em tormenta, lá vai sempre a rir, a louca do cais.

Ao fantasma que passa, os moleques da ponte, já gritam, perversos: — "Mariazinha, vem cá, teu noivo chegou".

Então ela pára, ajeita os frangalhos, sacode-se tôda, ajusta as idéias, balança os berloques e pergunta, distante:

— "Chegou no vapor que, noutro pôrto, ancorou?"

E mexe com as mãos, tirando da bôlsa, um espêlho quebrado; mira-se, remira-se e diz satisfeita sem ver as ruinas do rosto macabro, queimado no incêndio, no fogo da alma e do cérebro também! "Êle vem, êle vem, que bom êle vem!"

Fica apontando com jeito sinistro, a figura distante do noivo invisível. E passam viandantes no carrinho da ponte, indiferentes à tragédia da louca do cais.

Então ela ri e diz, venturosa, à esperança que mora na desgraça da alma! Porque a esperança jamais a abandona e não morre sem ela, a louca do cais: "Amanhã êle vem, êle vem manhã, que bom, êle vem!"

Fica sentada à beira da ponte, arregaça o vestido, balouça as pernas feridas, delas enxota as môscas e fita o horizonte, esperando, esperando o noivo infiel!

Mariazinha não dorme, não come, não fala, só escuta as batidas de seu coração! Que mêdo, meu Deus, quando um dia parar!

No dia seguinte, a mesma epopéia, a tragi-comédia dos navios que ancoram, sem o noivo voltar!

E os moleques de ontem, moleques danados, a dizer-lhe acintosos: — "Mariazinha, meu bem, teu noivo chegou, teu noivo sou eu!"

Mariazinha caminha, caminha; alheia e sòzinha, cantando ou chorando na ponte do mar!

Mariazinha caminha, caminha; alheia e sòzinha, gingando, gingando, atira pedrinhas à malta atrevida!

Mariazinha caminha, caminha; alheia e sózinha, vestida de trapos o olhar desvairado, ornada de jóias, pela ponte do mar!

Mariazinha, coitada, caminha cansada e espera a chegada do outro vapor!

Pôsto que, à bonança inúteis fôssem os remédios, à tempestade d'alma eu lhe indaguei a causa.

Mariazinha me atende — parece milagre — e, tirando da bôlsa um papel amarelo, como fruto maduro da árvore do tempo, me conta o infortúnio da sorte madrasta!

O drama, quem sabe, daquele infeliz, que sempre dizia que era o próprio Deus-Pai! E fêz um esfôrço para ver se o recorda!

Aperta nos dedos a carta do noivo! Por certo as lembranças lhe vêem à memória, dolentes, dolentes, como carros de boi subindo na serra!

Como tardam a chegar!

Seus olhos me fitam — estranho o olhar — a pedir-me clemência para tal dissabor!

Em vão! Quem atenderá seu clamor?

Ela bate com o pé, de unhas pintadas, na amurada da ponte!

Oh! No cimento da ponte; mas não sente que doi; no coração mais forte lhe é a desdita da dor!

Um gargalhar sinistro corta o ar, como silvo de abutre agourento.

Agourando, quem sabe, a tragédia do amor! Até me dá mêdo!

Mariazinha está calma e oscula o papel — é triste — num beijo saudoso, num beijo de amor! O beijo demente de quem, pouco a pouco, se despede da vida!

Tolice, Mariazinha não vai desertar!

Na carta que leio, conheço a história da flor. Vou contar:

Mariazinha foi linda, rica, instruida e amada por todos.

Seus pais eram nobres e possuiam palácios em terras distantes.

Traziam a filha querida algemada aos grilhões do amor e do ouro!

Seria a herdeira de todos os bens! Brilhante lhe seria o destino, também.

Casar-se-ia com um "principe", senhor muito rico e de iguais predicados morais!

Mariazinha, porém, não gostou de nenhum dêsses régios presentes!

Dia veio, em que a jovem bonita se liberta e foge, tal ciganinha catita.

E, assim, conheceu o amor!

Era pobre; mas senhor absoluto de seu coração. E amaram-se!

Anfaldiçoados foram, pelos pais que o sabiam casado!

Para suas terras distantes partiram, morrendo de desgôsto que a filha lhes deu.

Viera a guerra, o noivo se vai, prometendo-lhe voltar!

Mariazinha desdobrou-se em carinho e renúncias pelo fruto do amor proibido.

Era mãe! Mas, um dia também, quiseram os maus fados que seu filhinho partisse!

Para não mais voltar!

Torturava-a a saudade.

Pensou em morrer! Ela estava sòzinha no mundo; sem os pais, sem os filhos, sem o "noivo", nem amigos, que também a relegam.

Pensou novamente na morte, o supremo remédio a seus males profundos.

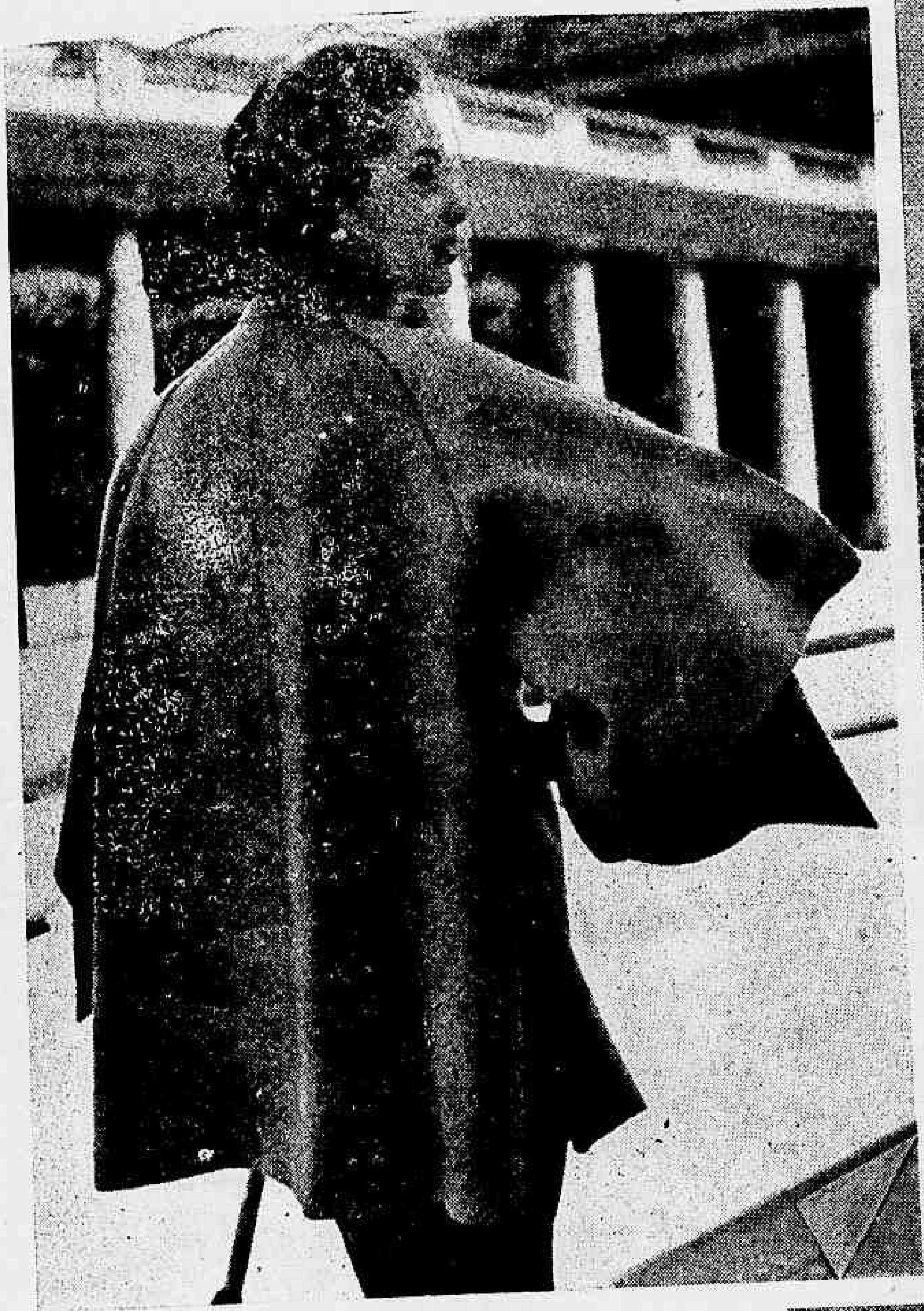
O eleito, porém, lhe escrevia; escrevia prometendo-lhe voltar.

Que depressa acabassem as paixões de sangue e de ódio; voltaria para o amor, no primeiro navio que ancorasse na linda cidade natal!

Uma história banal, como vê!

(*Cont. na pág.* 47)

CONTO DE **YOLANDA CARNEIRO RIBEIRO LORENZATO** ★ ILUSTRAÇÃO DE **OSWALDO DA CUNHA**





MEIA-ESTAÇÃO

SURGEM os primeiros modelos de casacos para o outono. Como características principais possuem as costas godé e são de tamanho dois ou três quartos. As mangas são geralmente largas e as golas aparecem altas em uns modelos, esporte em outros, ou então desaparecem completamente. Mesmo nos casacos de pele predominará, êste ano, o talhe curto. Como ornamentos usam-se botões ou então algumas peles como o astrakan. E' interessante notar a predominância dos tons claros.













QUADRICULADO

PARA êste outono estarão em grande moda os tecidos quadriculados, principalmente o bem pequeno e de côres claras. Esta fazenda, geralmente em lã e casemira adapta-se muito bem para a confecção de costumes e casacos e serve também para adornor vestidos escuros. Aqui estão algumas sugestões para o emprêgo dêste tecido em casacos, numa blusa e enfeitando um vestido de duas peças.







DUAS-PEÇAS EM LÃ

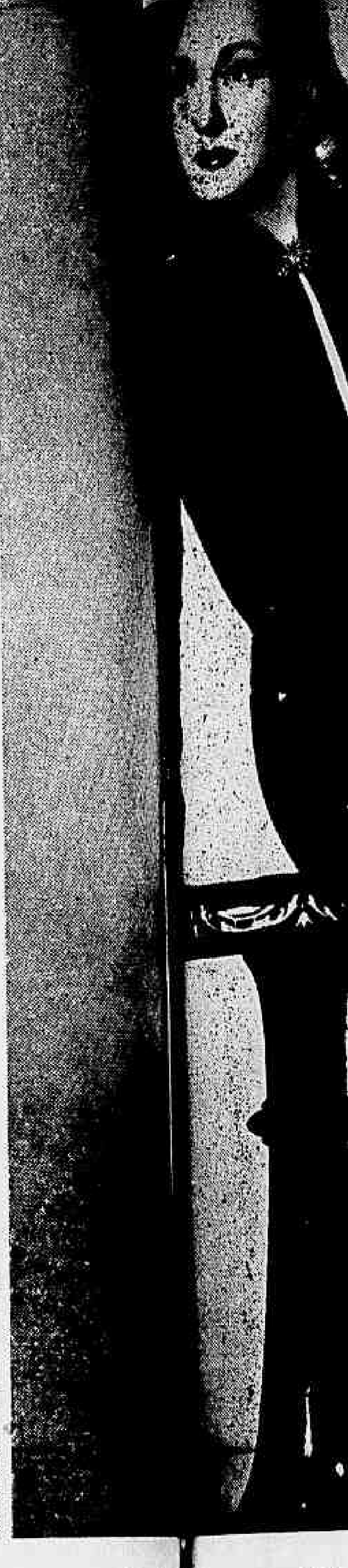




NÃO poderiam faltar em um desfile de modas para Outono os modelos de duas peças. Nesta estação já aparecem os costumes de casemira ou sêdas pesadas, de linhas clássicas ou de talhe moderno. No conjunto dêstes modelos notamos a variedade de feitios. Usam-se tanto o costume clássico como os conjuntos de saia e bolero ou os casacos um pouco franzidos na cintura. Estão em moda juntamente com as saias lisas e sem roda as saias pregueadas e plissadas.







OUTONO EM HOLLYWOOD

TAMBÉM Hollywood contribuiu [illegible] seus modelo
plete o seu guarda-roupa de Ou[illegible]as páginas
Micheline Presle, Marta Toren[illegible]ch que ap
e em baixo, Peggy Dow, Marta Tore[illegible]line Presle,
À direita, Paulo Reymond com um [illegible] modêlo bra
qualquer ocasião, servindo para as [illegible]oras do dia-









AMBÉM Hollywood contribui seus modelos elegantes para que você complete o seu guarda-roupa de Ou as páginas temos, em cima: as sugestões de Micheline Presle, Marta Toren ch que apresentam três graciosos modelos em baixo, Peggy Dow, Marta Toren line Presle, com modelos sóbrios e distintos. direita, Paulo Reymond com um modêlo branco. Os vestidos adaptam-se a alquer ocasião, servindo para as oras do dia·





HÁ um ano talvez, surgiram como grande novidade os vestidos enfeitados com botões, a moda pegou, e desde então, em tôdas as estações aparecem modelos ornados com botões. Êstes vestidos e casacos apresentam algumas sugestões e provam como os botões continuam a imperar, adornando os modelos da mais variada forma possível, nas mangas, nas golas, nas saias, êles predominam dando aos mesmos um toque bem sugestivo de originalidade.







MUITO EM MODA OS BOTÕES





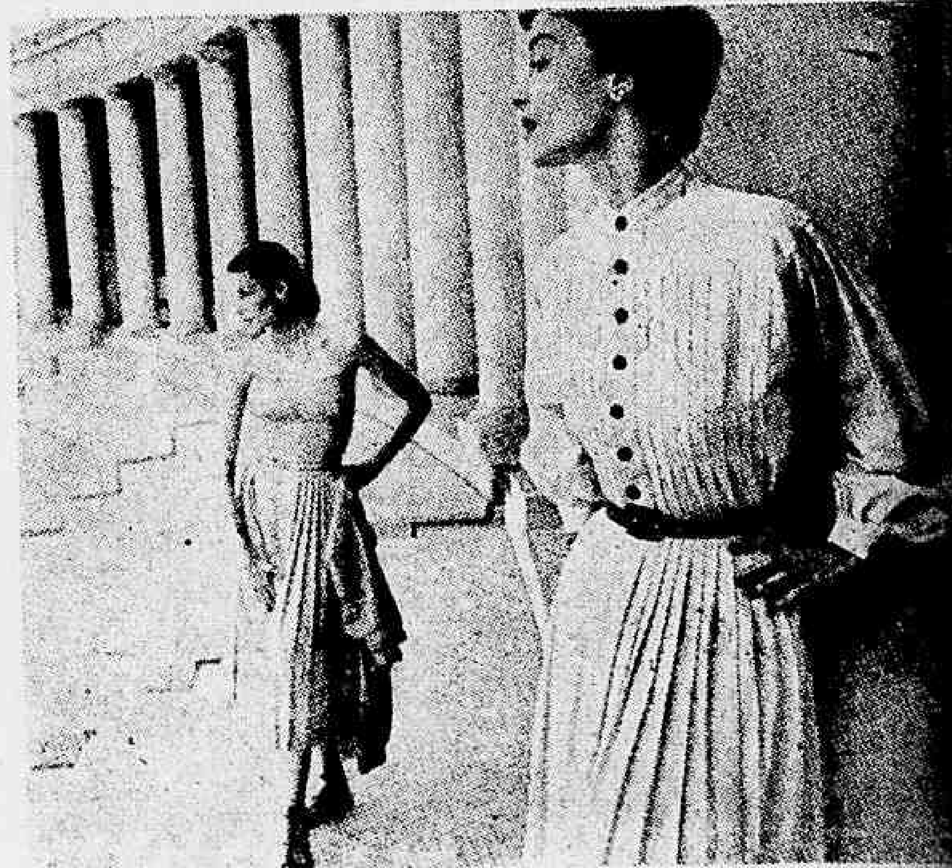




EM TECIDO DE ALGODÃO



EM geral pensa-se que o algodão é um tecido grosseiro, que só pode ser aproveitado para vestidos de casa. Êstes modelos vêm provar que com um pouco de gôsto e idéia podem-se fazer vestidos elegantes com algodão. Ao alto: Dois vestidos brancos, o primeiro com uma pala de lése e o segundo com entremeios de bordado na saia e no corpo. À direita: Êste vestido possui tôda a graça e elegância de um modêlo em sêda. a gola e os punhos são largos e a saia forma machos. O chapéu e do mesmo tecido. Em baixo: Dois modelos esporte, próprios para as manhãs quentes. À direita: Vestido sem alças, com saia pregueada, pode ser usado com um casaco bem fechado, de mangas compridas e pregueado também na frente.







PARA as toilettes de outono aqui vai uma coleção de chapéus de palha. E' interessante notar como o tamanho e a forma modificam-se de modêlo para modêlo. Alguns são pequenos, outros grandes, uns enterrados na cabeça e outros ainda colocados no alto da nuca. Para esta estação, os enfeites predominantes continuam a ser as flôres, mas usa-se muito, também, fitas.

PARA O OUTONO





O BAIRRO DA TIJUCA DOTADO DE MODERNA CASA DE SAÚDE

A Casa de Saúde N. S. da Glória, situada à rua Conde de Bonfim, 54, recentemente inaugurada, funciona em um bloco de 7 pavimentos, construído especialmente para os fins a que se destina, onde se encontram todos os requisitos técnicos modernos para o tratamento de doentes das Clínicas Cirúrgica, Obstétrica e Médica.

Em plano inferior ao primeiro pavimento encontra-se todo um andar com duas alas, funcionando numa delas com entrada independente, a lavanderia e na outra, servida pelo hall principal e por elevador, a Divisão de Radiologia. Nesta acha-se um moderno aparelho «Picker» com duas salas de exame, uma delas exclusivamente para o estudo dos aparelhos urinário e genital.

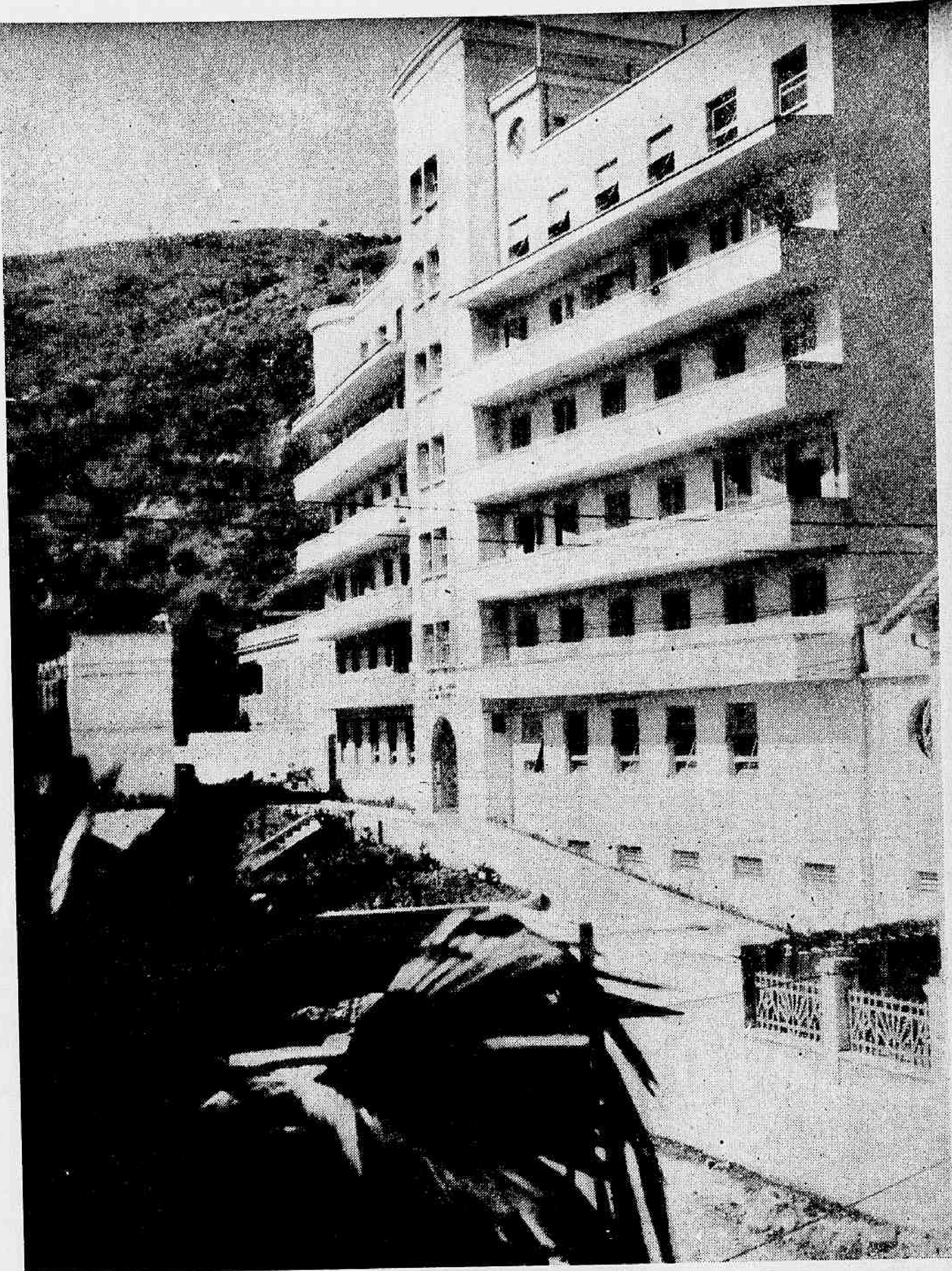
No primeiro pavimento, uma das alas foi destinada ao Serviço de Alimentação, com amplas cozinha, copas, dispensa, frigorífico, além de restaurante para acompanhantes e refeitório para os funcionários. Na ala oposta ficaram localizados a Recepção, a Contabilidade, o Gabinete dos diretores e os Consultórios Médicos.

No sexto pavimento acha-se o Centro Cirúrgico com cinco salas de Operações (Cirurgia Geral com duas salas, Partos, Ortopedia e Otorrinolaringologia). Fazem parte ainda dêste Centro, as salas de esterilização, de Preparo do Material e Instrumental, Sala de Estar dos médicos e Vestiário dos médicos.

As divisões da Internação de doentes se encontram representadas por quatro andares e meio. Um deles, constituido por apartamentos compostos de quarto com varanda e banheiro. Outro, também destinado à cirurgia e medicina compõe-se apenas de quartos simples. Um outro ainda, o quarto pavimento, de quartos simples, destina-se à Maternidade e Berçário. Existem também quartos menores, sem varanda, para internações econômicas, e todo o segundo pavimento destinado a internações em quartos de dois pacientes e em pequenas enfermarias.

A Casa de Saúde dispõe ainda de Serviços de Oxigenoterapia, Transfusão de Sangue, Laboratório de Análises Clínicas e Anatomopatológicos.

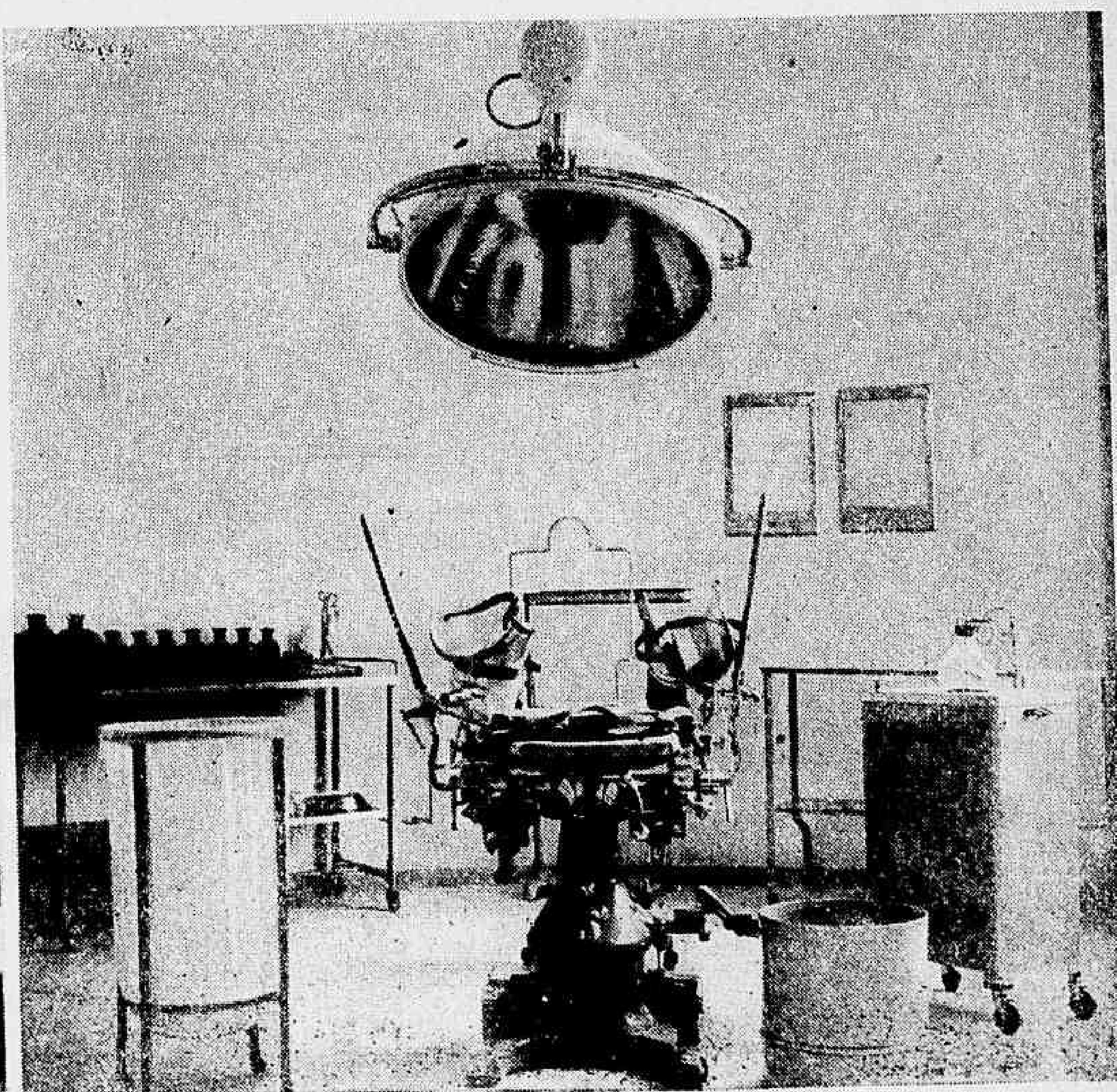
A organização se acha portanto apta a bem servir todo médico que a procurar e traz o bem-estar dos pacientes que aí se internarem.



Fachada da Casa de Saúde N. S. da Glória, situada num local aprazível do Bairro da Tijuca



Aspecto de um dos quartos-padrão



Vista parcial de uma das Salas de Cirurgia

ORA, VEJAM SÓ... POR THÉO













TRÊS MODELOS ORIGINAIS



SUGESTIVOS e de grande originalidade, são os três modêlos para noite que aqui estampamos, exibidos por três graciosas estrêlas de Hollywood. São elas June Havoc, Patricia Neal e Virginia Mayo. Sêda bordada, lamé e cetim, são os materiais empregados na confecção dos modelos.



"COQUETTERIE" FÚNEBRE

FOI lançada há pouco a primeira edição em português, do «Diário» de Maria Bashkirtseff. A propósito, é curioso lembrar que a publicação de seu testamento, completando o retrato que ela nos deixou no seu jornal íntimo, nos diz muito da feminilidade dessa artista apresentando detalhes emocionantes de sua coqueteria fúnebre. Maria Bashkirtseff não teve medo da morte. Nesse ponto foi bem a «Falena» que nela viu Bataille. Diremos até que temia mais a vida, destruidora impiedosa, que corrompe a beleza e apaga a flama da mocidade. Entretanto, Maria temeu, da morte, redentora do espírito, a decomposição, a rigidez do corpo, a serenidade, a frieza. Como que anteviu seu cadáver, exposto aos olhos curiosos. Pensou nessa Maria imóvel e pálida — mais pálida do que sempre — que seus amigos, artistas e poetas, algumas frívolas pessoas mundanas também, iriam ver depois que cerrasse seus lindos e grandes olhos [illegible] isso, fêz um largo espaço no seu testamento a êsse cadáver, a essa morta querida — [illegible] seria ela mesma.

Aqui está a parte em que fornece detalhes sôbre sua «toilette» [illegible]:

«Em meu leito de morte quero estar vestida de lã branca e muito fina, adornada como me agradava estar quando vivia. Adornos muito simples. Encarrego a senhora Valleid, da casa Doucet, dêsse mister, rogando-lhe que o desempenhe bem, cuidando-me com carinho, fazendo para isso o seguinte: vestir-me uma camisa de batista, com valencianas no decote, nas mangas e na saia; não quero meias; os pés serão cobertos pelo vestido; os cabelos soltos, bem penteados pelos senhores Bastien Lepage, Robert Fleury e Dina, de forma que apareçam bem; o colo descoberto, tanto quanto possível; os braços podem ir velados, porém de maneira que se veja sua forma; nas mãos, algumas flores. O leito, onde serei depositada, deverá ser coberto com um grande pano de brocado branco, que cairá em tôda volta, até o chão. Não encham de flores o leito, nem as coloquem sôbre o corpo. Quero também ser pintada por Jules Bastien Lepage, em tamanho natural».

Em seguida, Maria dispõe sôbre o seu túmulo, sôbre a incineração. Quer que na capela onde suas cinzas hão de ser depositadas, encerradas em uma urna de ouro puro — haja um retrato seu e uma estátua sua, em tamanho natural, por Saint-Marceaux.

Ninguém podia ter sido mais feminina, mais «coquette», mais delicada do que a linda Maria dêsse testamento. E' uma página de poesia, que temos sob os olhos. Um poema a que poderíamos pôr êste título: «A moça faz sua «toilette» para partir para a morte». Notai aquela passagem: «os braços podem ir velados, porém de maneira que se veja sua forma»... Reparai também no arranjo do leito funerário em que repousaria seu corpo de virgem: «deverá ser coberto com um grande pano de brocado branco, que cairá em tôda volta, até o chão». Lemos isto e sentimos o gesto de suas brancas mãos puríssimas estendendo êsse grande pano de brocado...

Maria Bashkirtseff mereceu o culto que teve sempre o seu encanto e que hoje ainda consagramos à sua linda lembrança de mulher e de artista.

LYSE





ESTA coleção de blusas vem de Paris caracteriza-se pelo talho elegante qu apresentam e a originalidade de seu feitios. Nos modelos próprios para se rem usados com costumes, as mangas sã justas; o contrário acontece com os que sã próprios para serem usados simplesment com saias, nestes são bem amplas e fran das. Ao alto: Organza é o tecido desta blu sa que possui mangas bem justas. Do bust à cintura, apresenta um trabalho de fra zidos. À direita: Cetim preto, é a fazend desta blusa de corte bastante simples. Po sui um único ornamento: um grande laç Em baixo: Blusa em tafetá de «pois», ma gas bem amplas. Na frente forma um gr de laço. Blusa em tafetá franco, mangas la gas, punhos altos e abotoados. O deco quadrado é baixo e tem em volta uma go larga, enviesada. O corpo é trespassado abotoa do lado, terminando em dois bico

BLUSAS DE PARIS

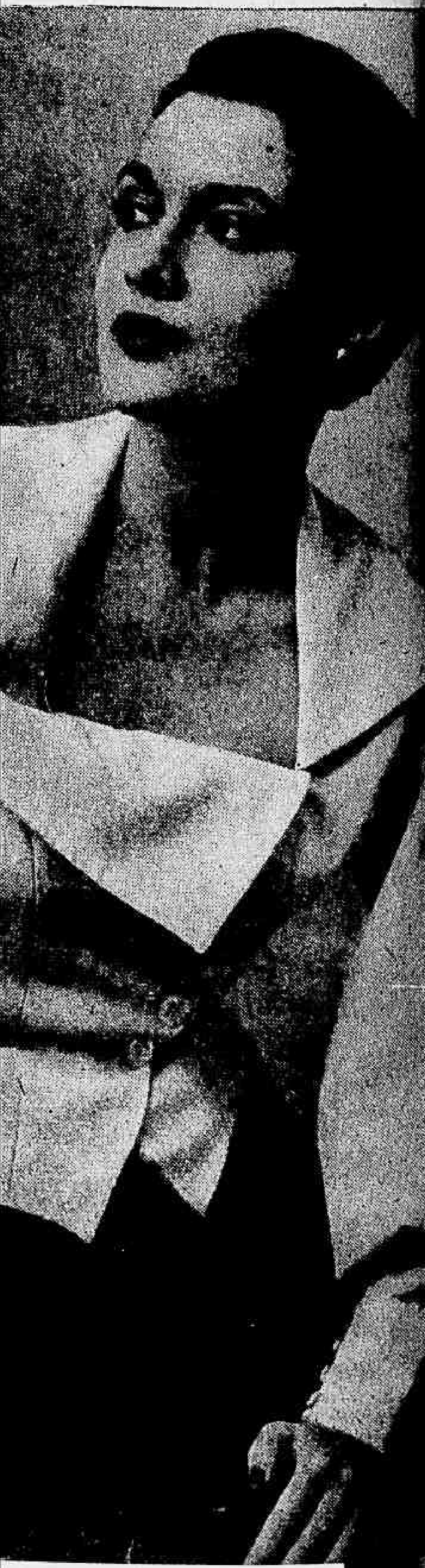








STA coleção de blusas vem de Paris
caracteriza-se pelo talho elegante
apresentam e a originalidade de se
feitios. Nos modelos próprios para
usados com costumes, as mangas
as; o contrário acontece com os que
prios para serem usados simplesment
saias, nestes são bem amplas e fran
Ao alto: Organza é o tecido desta blu
que possui mangas bem justas. Do bus
intura, apresenta um trabalho de fra
os. À direita: Cetim preto, é a fazen
ta blusa de corte bastante simples. Po
um único ornamento: um grande la
baixo: Blusa em tafetá de «pois», ma
bem amplas. Na frente forma um gra
laço. Blusa em tafetá franco, mangas la
, punhos altos e abotoados. O deco
drado é baixo e tem em volta uma go
ga, enviesada. O corpo é trespassado
toa do lado, terminando em dois blo









EM RENDA

A renda tem a vantagem de sozinha constituir ornamento para qualquer toilette, seja ela simples ou luxuosa. Um vestido confeccionado em renda, principalmente quando ela é de boa qualidade, não precisa de feitios complicados; está enfeitado. Êstes modelos são simplicíssimos, mas de grande efeito para a noite ou para reuniões elegantes. Como novidade sugerimos êste casaco, em renda fina, bem comprido, com gola alta. Modêlo próprio para ser usado com vestidos sem alças.







NAS reuniões elegantes continuam em moda os vestidos sem alças. Apresentamos alguns modelos que, por seus feitios luxuosos, são próprios para ocasiões solenes. À esquerda: Tafetá é o tecido dêste vestido que tem o corpo bordado e a saia formando pregas largas, horizontais. Ao alto: A originalidade dêste modêlo está em ser todo bordado de pedras e cordoné. Um lenço de gaze prêso ao pescoço, completa a toilette. Em baixo: Êsse vestido tem duas finas alças, prêsas ao babado plissado que contorna o busto. A saia é godé e em baixo é franzida, formando apanhados. Em tôda a volta aparece um babado de tule de "pois". Maior simplicidade possui êste modêlo, em tafetá. Seu único enfeite é um grande lenço na cintura.

MODELOS SEM ALÇAS





PARA as compras ou saídas ligeiras são necessários vestidos práticos, mas que não deixem de ser elegantes. Êstes modelos simples e originais são de fácil execução e possuem um talhe perfeito. O linho, a lã, e a sêda leve são os tecidos empregados para a confecção dos mesmos.

★ ★







SIMPLICIDADE E ELEGANCIA

Nesta página temos, à direita, ao alto: modêlo em linho, de dois tons, simples e elegante. Dois vestidos de mangas três quartos, o primeiro decotado para os ombros e com saia justa e o segundo bem subido e com saia franzida Ao centro: Saia franzida e corpo justo, são as caracterís- ticas dêste modêlo com mangas três quartos. Costume em lã cinza, abotoado com botões pretos, indo até à gola, que é bem subida. Em baixo: Vestido com corpo simples, en- viesado, e saia plissada, com um avental drapeado, por cima. Nota-se, neste costume, a sobriedade de suas linhas, e o único ornamento que possui é um «rouche», formando desenhos no casaco.





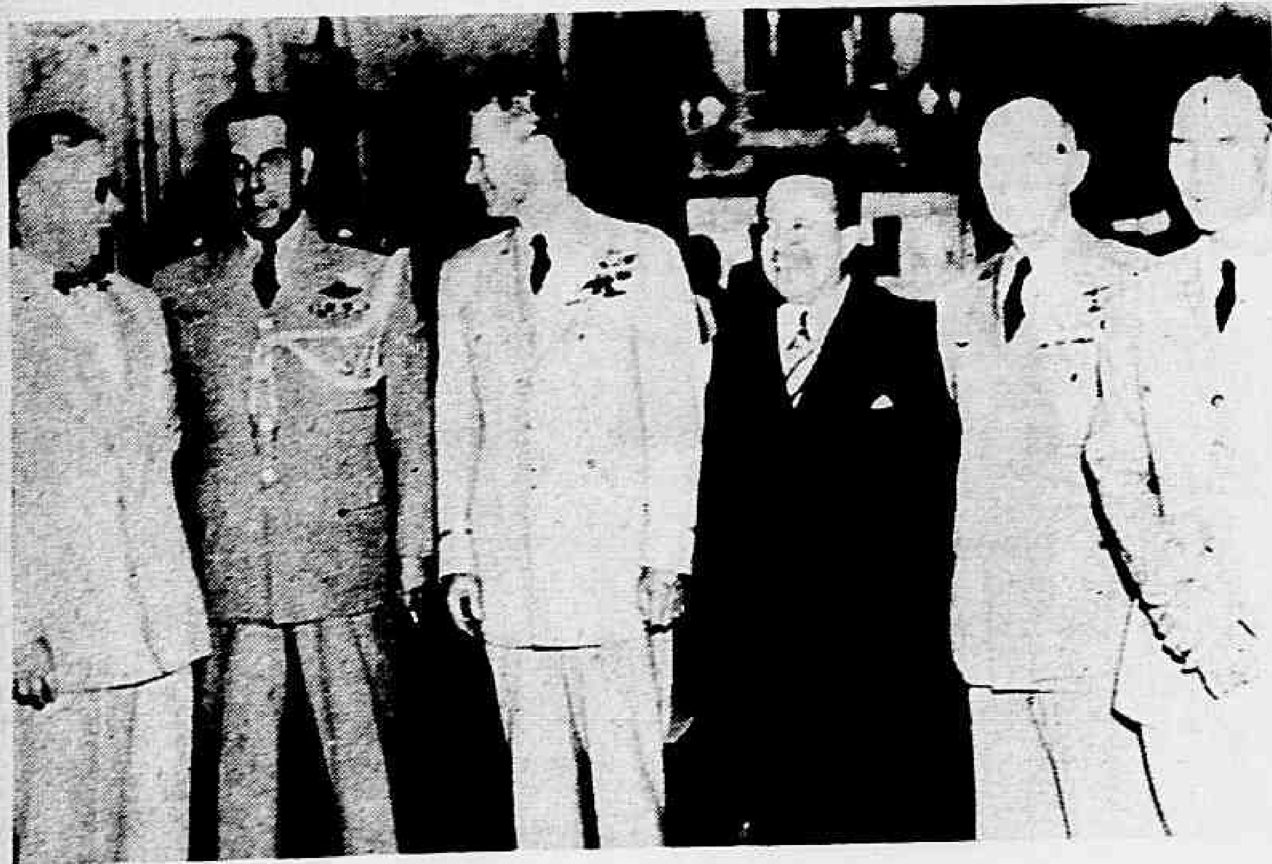




No grupo acima, a senhora Vandenberg cercada pelas senhoras Julio Moura, Carlos Guimarães de Almeida, Arthur Pires e outras ilustres damas da nossa sociedade

SOCIAIS DO JOCKEY CLUB

O Hipódromo Brasileiro recebeu recentemente a visita do general Vandenberg, chefe do Estado Maior Geral das Fôrças Aéreas Norte-Americanas. O ilustre militar fazia-se acompanhar de sua espôsa, sra. Gladys Vandenberg, e do brigadeiro Netto dos Reys, oficial de nossa aviação pôsto à sua disposição pelo govêrno brasileiro. A alta patente do pais amigo foi recebida pela diretoria do Jockey Club, à frente o seu presidente, sr. Rubens Antunes Maciel, tendo sido alvo de calorosa manifestação de simpatia por parte da tribuna social, logo foi a sua presença anunciada pelo «speaker». Com o visitante estiveram na tribuna de honra do Hipódromo Brasileiro, além da diretoria do Jockey Clube, o general Roberto Walsh, o coronel Frank Sturdiran, o general Valde Ary Franklin e o capitão W. A. Sanders, adido naval norte-americano.



Da esquerda para a direita: general Valde Ary Franklin, brigadeiro Netto dos Reys, general Vandenberg, dr. Rubens Antunes Maciel, presidente do Jockey Club Brasileiro, general Roberto Walsh, capitão W. A. Sanders, em animada palestra



Na tribuna de honra do Hipódromo Brasileiro, vendo-se o general Vandenberg em companhia dos srs. Rubens Antunes Maciel, presidente, e Carlos Guimarães de Almeida e Julio Moura, diretores do Jockey Club







As tardes do Hipódromo da Gávea, em plena estação carreirista, são verdadeiras paradas de elegância e beleza. O panorama deslumbrante, a emoção das carreiras e a presença do elemento feminino asseguram ao prado famoso a nota máxima das nossas reuniões sociais. Numa dessas esplêndidas tardes, lá também esteve a senhorita Joan Durelle, Miss Canadá, que aparece nesta página acompanhada do embaixador do país amigo. A graciosa representante da beleza canadense foi muito homenageada pelos nossos turfistas



MÚSICA

A MORTE DE NIJINSKI

ROBERTO LYRA FILHO

29 de maio de 1913. O calendário artístico da França registra, nesta data, o transcurso de uma memorável batalha, na qual se digladiaram a concepção tradicional da música, que ainda alimentava a inspiração dos compositores com os últimos lampejos da fogueira romântica, e as experiências de uma nova escola, cujos variados e complexos aspectos foram reunidos sob um mesmo rótulo, pela apaixonada reação dos adversários — o modernismo.

Na vanguarda dêsse grupo irreverente de invasores destacava-se, então, Igor Stravinski, que se fôra afastando, gradualmente, dos caminhos consagrados, à procura de uma expressão original. Desde os seus primeiros sucessos, ainda obedientes a regras herdadas da outra geração, a despeito de certas audácias nas quais já se denunciava a sua personalidade, Stravinski se voltara para os domínios da música pura, reagindo contra os excessos do romantismo, sob a bandeira neo-clássica, com um produto típico, que era o retrato daquela época de transição, de instabilidade, de procura ansiosa de novos rumos.

O desafio à tradição culminou no *Sacre du Printemps*, estreado na data que lembramos acima. A música de Stravinski, tensa, amarga, dissolvera no ácido sabor das dissonâncias os restos de romantismo que até então suavizavam sua rude e poderosa inspiração. Com apoio numa rítmica variada e enérgica, êle desencadeou, no *Sacre*, um tumulto orquestral vigoroso, eletrizante — o que levou um musicólogo a comparar o *Sacre du Printemps* a um verdadeiro cataclismo. Nesta obra, Stravinski lescarregou tôda a vibração de seu temperamento, antes contida em moldes arcaicos. E a tempestade sinfônica desabou sôbre o público, com raios, trovão e uma devastadora enxurrada musical. Dali por diante, Stravinski caminharia rumo a uma depuração de sua música e iria, aos poucos, pacificando os impetos de sua mocidade e chegando a um despojamento da forma, a uma frieza, a uma secura muito próximos da esterilidade. Mas, naquele momento, era tôda a vitalidade de seu talento que êle concentrava na violência da música, em tom agressivo, numa partitura que lembra aquêle cacto descrito por Manuel Bandeira — "belo, áspero, intratável".

Pode-se imaginar o efeito dessa obra no público parisiense. Ela soou como uma insolência; era verdadeira bofetada na face da estética admirada e aceita pelos mestres de até então indisputada autoridade.

Sacre du Printemps representava mais um episódio artístico da associação íntima e fecunda da nova fôrça musical de Stravinski com a experiência e a habilidade de Diaghileff. Êste se ligara a Stravinski, encorajando-o, amparando-o, encomendando obras para sua companhia de bailado, que contava, então com a principal figura do ballet: Nijinski. O bailarino já interpretara o *Pássaro de Fôgo* e Stravinski resolveu confiar-lhe *Sacre du Printemps.* Nijinski preparou a coreografia adequada para aquêle ciclone musical. Galvanizados pela vibração comunicativa da partitura, os intérpretes ofereceram um espetáculo que, pela sua substância estética excitante, só poderia despertar reações violentas, quer de adesão ao seu furor dionisíaco, quer de repulsa ao sabor bárbaro do bailado.

A desordem, na estréia, atingiu proporções assustadoras. Amigos e inimigos da nova arte entraram em conflito na platéia. Gritos, assobios, aplausos e protestos se mistrararam no ambiente eletrizado. Do palco não se ouvia a orquestra, abafada pelo estrépito da luta entre as facções em choque, no seio do público. Diaghileff, de seu camarote, implorava tolerância. Mas esta se ausentara dos espíritos irritados. Não havia fôrça capaz de persuadir os manifestantes. As hostilidades não cessavam. Mas prosseguiu o *ballet*... O primeiro quadro terminou. Teve início o segundo. Nijinski, muito pálido, mas firme, infundia coragem nos seus colegas que travavam combate libertador contra a tradição. Com voz segura, comandava o desenvolvimento da dança, marcando o compasso em voz alta.

— Raz, dvá, tri! — berrava, em russo.

Seis anos após, aquela alma que consumira as suas energias na arte, perdia a razão. Depois de elevar-se às culminâncias do gênio, mergulhou na loucura. 1919... Num sanatório, Nijinski procurou retiro, assistido pelos melhores médicos da época e pela fiel companhia de sua espôsa. Mas foram inúteis tôdas as tentativas para restituir o equilíbrio aos seus nervos gastos pela desesperada tensão a que tinham sido submetidos, na escalada rumo à perfeição técnica, no bailado. Esgotara as suas resistências, dançando infatigàvelmente, em carreira fulgurante, iniciada aos 17 anos. E o seu temperamento vibrante sofrera os choques e as comoções da batalha a que se associara, em lances épicos, usando o seu prestígio, a sua fama, na tarefa de criar e impor uma nova estética, ainda em ebulição, ainda não cristalizada em formas definitivas, mas que a sua sensibilidade aguçada pressentia e registrava, buscando favorecer a expansão das tendências modernas, numa participação extenuante, total.

Atacado pela loucura, em pleno palco, Nijinski viu descer o pano, definitivamente: sua saída foi tão espetacular quanto os seus sucessos. A luta pela renovação da música prosseguiu sem êle, que lhe emprestara o relêvo, a repercussão de seu gênio. Novos rumos se esboçaram. A desorientação do primeiro momento, a atitude destruidora, que era a revolta necessária contra a estagnação da arte, a indisciplina fecunda foram substituídas pelas posições construtivas, as aquisições dos experimentadores foram sistematizadas, novas perspectivas de progresso se rasgaram à frente dos que, hoje mais lùcidamente procuram superar a indecisão e a perplexidade daquela fase. Mas a etapa heróica de Paris, à qual está associado o nome de Nijinski, ficará marcando uma época, cuja importância não pode se esquecida. E o destino do artista cujos pés tinham conformação semelhante aos de um pássaro, conforme depoimento de um especialista, ficará prêso a essa fase da história da música, que viveu, com sua dança.

Muitos anos após o recolhimento de Nijinski, êle melhorara consideràvelmente. Conquanto não estivesse restabelecido, manifestou interêsse pela música, chegou a esboçar, ouvindo-a, movimentos de dança, ensaios patéticos que o agitavam, como lembranças do seu passado. Um salto... Uma piruêta...

Um fotógrafo sensacionalista fixou, em instantâneos, aquêle momento melancólico. Contemplamos constrangidos os flagrantes: lampejos de um artista brilhando na obscuridade de seu desequilíbrio psíquico...

Oepois, Nijinski desapareceu, mais uma vez, do noticiário, deixando, sòmente, a recordação de um grande nome. Agora, telegrama lacônico anuncia que terminou seu sofrimento: o homem-pássaro voou para longe de nós, deixando, no repouso eterno, o corpo ágil, que se agitou, primeiro na euforia da dança, depois em terríveis padecimentos, durante longos anos, alquebrado, fraco, trêmulo, trânsido.

ÍTALA FERREIRA

(Cont. da pág. 15)

mulo no próprio esfôrço. Mas o diabo é ver passar o tempo sem que melhorem as condições pelas quais tanto lutamos. Cansa trabalhar sem despertar a compreensão do Estado em seus deveres e obrigações para com o teatro no Brasil. A proteção estatal parou na estaca zero da criação do Serviço Nacional de Teatro, e olhe lá.. Meu caro, mudemos de assunto.

— Pois não. Você acredita em vocação e em gênios?

— Em vocação acredito firmemente. E' indiscutível. Quanto ao gênio é uma questão de ponto de vista pessoal. A meu ver o gênio só se manifesta na música. Gênio foi Beethoven. O resto é derivado da vocação, tendo-a se vai longe. E não precisa ser gênio. Basta, talento, trabalho a sério e uma boa soma de perseverança. Eu, por exemplo, aos treze anos senti queda para o teatro. Vou contar: a famosa atriz Amélia Delorme era minha tia. Certa vez fui assistí-la representar no Clube dos Fenianos e em dado momento não resisti mais, fui atraída por fôrça estranha, invadi o palco em cena aberta e representei todo o número sob extraordinária ovação da assistência. Lembro-me bem que a Cia. era a de Dias Braga. Em seguida viajei pela Europa, me casei e ingressei no teatro. Simples, não foi?

— Parece... E se você não fôsse atriz que desejaria ser?

— Ainda e sempre artista. Quero sempre estar onde estiver a arte.

FASCÍNIO DO RUBI...

(Continuação do número anterior)

A luz do dia se filtrava difusa por entre as grades da janela, sem o brilho do sol tropical, mas apresentava uma irradiação morna e agradável. Sentada no leito pouco confortável da sua cela, seus pensamentos martelavam-lhe o cérebro com a ressonância de uma máquina: fugir, fugir, fugir... As cartas chegavam-lhe às mãos, censuradas, mas mesmo assim, eram para ela esperanças de nova evasão.

E mais uma vez sentiu que sòmente êle, o jovem apaixonado, mas distante, poderia ajudá-la nessa arriscada emprêsa. E se êle viesse?...

Êle tinha demonstrado um amor intenso; capaz de todos os sacrifícios. Um sentimento fortíssimo o prendeu a ela, como frágil inseto que se vê de repente ofuscado por uma luz brilhante. Sim, era isso. Êle estava prêso a ela como um inseto à luz... Êle a seguiria por tôda a parte, havia-lhe dito... Fugisse para alguma ilha distante perdida no meio do oceano ou para alguma cidade da África. Ainda aí, êle a seguiria...

Dias depois, a confirmação das suas esperanças se concretizava numa carta na qual êle prometia chegar dentro de três dias.

Um inseto em volta da luz...

Um riso íntimo de satisfação a fêz levantar-se preguiçosa da cama e aproximar-se do armário tôsco onde estavam guardados os seus objetos. Retirou um pequeno cofre do mogno, o qual depôs sôbre a mesa. Abriu-i e alinhou junto às outras, a carta vinda do Brasil.

Qualquer coisa, porém, impediu de fechar a tampa e ela notou que isso era o camafeu antigo que havia sido presente da sua genitora. Mirou-o mais uma vez e pôde observar quanta beleza havia nêle.

Instintivamente olhou para a porta, como a observar se ali não havia alguém. Com o auxílio de uma lima de unhas levantou a placa de ouro que revestia a parte posterior da jóia, e formava assim um delicado escrínio.

Dentro reluzia algo que ela retirou com o máximo cuidado. Algo que enchia tôda a cavidade interna do camafeu.

Era um enorme rubi de cintilações raras...

O RETRATO SALVOU-NOS

(Cont. da pág. 22)

— Mas vai residir...

— Não vou. — interrompeu o forasteiro, sècamente, acrescentando: — Parto hoje mesmo.

Nesse caso — disse Juca, após alguns momentos de hesitação — que tal se arranjasse duzentos cruzeiros por um servicinho?...

— Seria bom... — fêz o outro num muchôcho, desconfiadamente, sem muita convicção.

— Venha comigo.

Saíram. Sob a copa de uma árvore, na rua deserta, Juca explicou-lhe tudo. O estranho surpreendeu-se, negando terminantemente a executar aquêle "servicinho".

— Ainda não desci a tanto. Matar ou roubar... Nunca!

— Mas é minha mãe — argumentou Juca — além de louca sofre horrivelmente. Só eu sei o que me custa fazê-lo... Contudo é necessário...

Desfiou para o outro as razões engendradas. Amava-a e por isto mesmo é que reconhecia a necessidade de matá-la. Era uma obra de caridade. Ninguém saberia de nada e ainda que o crime fôsse descoberto, êle, Juca, arcaria com as responsabilidades. Falou durante muito tempo, soluçando dolorosamente. Que fizesse essa "Boa ação" a êle e à pobre louca. Assinaria um papel provando que cometera o crime. Prova, esta, que ficaria com o forasteiro para o caso de vir a ser acusado... O álcool emprestava-lhe extraordinária verbosidade.

O estranho convenceu-se das "boas intenções" do outro. Concordou. Já que era um caso assim todo especial faria o serviço. Juca guiou-o pela rua escura, mostrando-lhe a casa.

— Ela está no quarto. O machado, na cozinha. Faça de uma só vez... Vou esperá-lo na esquina...

Nesse instante desconheceu a própria voz. Partiu, curvado sob o pêso do repugnante crime, mesmo antes que fôsse consumado.

Na esquina começou a meditar: Matar a própria mãe... Lembrou-se dos seus carinhos, apesar de louca... Via os braços, suplicantes, estenderem-se para êle e os olhos rasos d'água, fitando-o ternamente... A ternura da irmã já morta para com a pobre velhinha... O álcool evaporou-se. Não, Deus! Não podia ser! Era sua carne que ia ser estraçalhada. Era sua mãe!

— Oh, minha mãe! — gritou, desesperadamente. E a sua voz elevou-se no silêncio da noite como o ribombar dum trovão.

Partiu como um raio, em direção à casa. Que não fôsse muito tarde era tudo que pedia... Praguejou, desvairado, ao dar esbarrão num vulto que vinha, também, apressadamente, em sentido contrário. Reconheceu o forasteiro.

— Então?! — foi tudo o que pôde dizer, agarrando-se ao homem.

O outro fixou nêle os olhos brilhantes de excitação, na escuridão da noite, perguntando num arranco:

— Sua mãe chama-se Leocádia e tem você uma irmã de nome Francisca?

— Sim. Porém a mana morreu... Mas... como sabe?! A velha contou-lhe?! Que fêz?... Matou-a?... — responda-me antes que também eu enlouqueça...

— Infeliz — gemeu o forasteiro — querer matar a própria mãe louca que se sacrificou por você...

— Que diz?! — interrompeu Juca. — Sabe alguma coisa?... Quem é você?... Conte-me... vamos... Contudo, se a matou...

— Sossegue. Não a matei. Vejo que o remorso já o atormenta... Mas não sabe mesmo como sua mãe perdeu as pernas e a razão?!

— Juro que não sei. A mana morreu

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE!...

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural. Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS, TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

Remetemos pelo Reembolso

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

A BELEZA DOS SEIOS — BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

antes que me pudesse dizer. — exclamou Juca, impaciente. — Conte logo...

— Prepare-se, então, para ouvir a história da pobre louca e a minha própria.

O desconhecido travou-lhe do braço, começando assim:

— A velha Leocádia, sua mãe, morava na localidade de R... numa bonita casinha, à beira do leito da via-férrea. Era viúva. Tinha dois filhos: uma rapariga de dezesseis anos e um pequerrucho de dois. Todos os moradores do lugar admiravam e tributavam grande respeito à D. Lalá, como era conhecida a excelente mulher, já pelo carinho que dispensava aos filhos, procurando dar-lhes todo o confôrto, já pela conduta exemplar que mantinha após a morte do marido... E olhe que naquela época ela era bem bonita... As tentações não faltavam... Porém, as más línguas nunca acharam nada para dizer de D. Lalá. Lembro-me bem tê-la visto, muita vez, abraçada ao filhinho, acalentando-o, enquanto Francisca entoava lindas canções.

Certa tarde, distraiu-se com seus afazeres e o garôto, que era muito vivo, apesar da pouca idade, saiu de casa e foi brincar na via-férrea. Francisca bordava no quarto. Leocádia cuidava que o filho estivesse na sala ou com a irmã. Porém, quando a locomotiva apitou, ao chegar à curva em que estava situada sua casa, teve a intuição da desgraça. Correu à varandinha florida. Viu o menino sôbre os trilhos e o trem que avançava velozmente. Jamais me esquecerei da expressão do seu rosto, nesse instante. Era algo de indefinível, misto de sofrimento, horror e, talvez, já de loucura. Pelos seus olhos suplicantes,

A VIAGEM SINISTRA

(Cont. da pág. 6)

inteiramente submerso. O segundo "pull-mann" tombou, arrastando o seguinte e sôbre êste precipitou-se o quarto carro de passageiros, engavetando-se. Com a violência do choque tombaram igualmente o quinto, o sexto e sétimo carros, permanecendo os restantes sôbre os trilhos."

Presos nos carros tombados sôbre o rio, mergulhados nas águas tintas de sangue das vítimas, misturados com braços de uns, pernas de outros de fim atroz, ou presos entre os escombros, o sofrimento de muitos passageiros foi terrível. Salvos mal podiam falar, tomados que eram por crises de nervos. Cenas indescritíveis, de enlouquecer! E a chuva torrencial que caía dava ao quadro côres mais tétricas ainda.

DOR E REVOLTA

O que foram os trabalhos de salvamento dos feridos e demais sobreviventes da tragédia, os jornais já falaram amplamente. Justiça se faça aos denodados bombeiros de Niterói, que acorreram imediatamente ao pedido de socorro, trabalhando incansàvelmente. Muitos passageiros que conseguiram sair ilesos da catástrofe também deram pronto auxílio às pobres vítimas, alguns arriscando a própria vida para salvar passageiros que se contorciam em dores sob os escombros ou mesmo dentro dágua. Quando escrevemos esta reportagem, nada menos de 54 cadáveres já foram encontrados e identificados, havendo ainda, no entanto, mais de uma dezena que não foram reconhecidos. O número de mortes dessa inominável tragédia, com tôda certeza, atingirá mais de uma centena de pessoas. Muitos corpos foram arrastados pela correnteza e provàvelmente nunca mais serão encontrados. O desastre de Tanguá apresenta ainda o balanço trágico de várias centenas de feridos, dezenas dêles gravemente, mutilados para o resto da vida. A distância e a hora da tragédia prejudicaram muito a assistência às vítimas, não obstante os esforços dos prefeitos de Rio Bonito e outros municípios vizinhos e dos dirigentes da Leopoldina. Tendo o trem descarrilado à uma e meia da madrugada, o carro-socorro só pôde chegar ao local quando o sol já despontava.

Paralelamente aos esforços feitos para socorrer as vítimas, há a lamentar o indigno procedimento de alguns indivíduos desclassificados e desalmados, que se aproveitaram do momento para saquear a bagagem dos infortunados companheiros de viagem. Um espetáculo deprimente, que deveria encher de vergonha e remorso êsses abutres.

A CAUSA DO SINISTRO

Qual foi a causa da catástrofe? Muitos apontam a Estrada de Ferro Leopoldina, acusando-a de não manter a devida inspeção de suas linhas mormente em se tratando de lugares perigosos como é todo atêrro à beira de rio, e conforme é do dever e uso em tôdas as ferrovias do mundo.

Foi abandonada desde logo a idéia de que o trem teria descarrilado por excesso de pêso motivado por exagerado número de passageiros legais e clandestinos (mais de cem dêstes viajavam no comboio), uma vez que isso por si só não motivaria o desastre, naquelas circunstâncias.

Uma comissão de técnicos da Leopoldina, integrada pelos srs. Almir Maciel, engenheiro-chefe da Estrada; E. Thorton, engenheiro-chefe da Divisão de Mecânica; Anibal de Oliveira, Jaci Corrêa e ainda do engenheiro Camilo de Menezes, diretor-geral do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, do Ministério da Viação — estêve no local para examinar as causas do desastre. Conforme está em "O Globo" de 11 do corrente, êstes senhores chegaram à conclusão de que houve acentuado desvio do rio Casserebu, desvio êsse provocado pelo engrossamento descomunal de suas águas e facilitado pelas obras de canalização do rio, no local, feitas pelo D.N.O.S. Sofreu, assim, o curso do rio um desvio de cêrca de 200 metros, abandonando completamente o leito primitivo para forçar passagem exatamente pelo atêrro da margem direita da ponte. Formou-se uma verdadeira bacia no local, tendo as águas destruído o atêrro. Cêrca de 20 metros dêste foram desfeitos, ficando os dormentes da estrada completamente sem apoio, e daí a tragédia.

Foi aberto inquérito pela polícia do Estado do Rio para serem apuradas as verdadeiras causas do sinistro devendo também ser aberto outro, no Ministério da Viação.

INDENIZAÇÃO PARA AS VÍTIMAS?

Seja contra o Govêrno Federal ou contra a Leopoldina, grande número de vítimas vai se dirigir ao Poder Judiciário exigindo indenização pelas perdas e danos que sofreram. Depois de tanto sofrimento entraremos então numa grande batalha na Justiça, pois os responsáveis pela Leopoldina já se pronunciaram contra qualquer espécie de indenização aos passageiros do trem sinistro, alegando não caber à Estrada a culpa no desastre. Esta caberia então ao Departamento Nacional de Obras e Saneamento, autor das obras de retificação do rio, que expuseram o atêrro da ponte sôbre o Casserebu às conseqüências da enchente. Ou então a culpa seria da Natureza, que fêz chover tanto no local... Aguardemos o desfêcho do caso e vejamos se os passageiros dessa trágica e tenebrosa viagem ainda não terão de pagar para alguém... De qualquer forma, às vítimas cabe o máximo de assistência que os Podêres Públicos possam dar. O govêrno fluminense pediu 300.000 cruzeiros, que a Assembléia do Estado já se prontificou a aprovar. Que as providências, porém, não demorem como no caso das vítimas da explosão de Deodoro, cuja verbinha de auxílio sòmente agora, dias atrás, foi aprovada pelo Congresso e sancionada pelo presidente da República!

REVISTAS E FIGURINOS

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

PEÇAM LISTAS DE PREÇOS A

ORLANDO PEDROSA

End. Telegr. DISCANTIL ★ Caixa Postal 6.397

SÃO PAULO



"Êle" depende da Sra...

e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

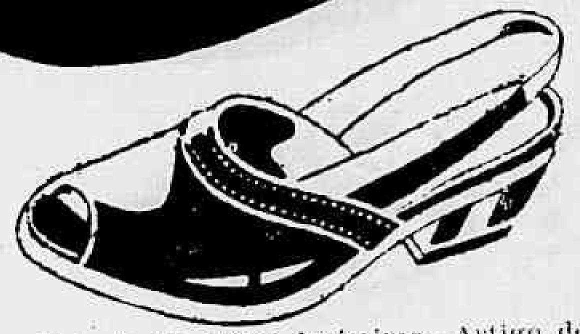
GRANADO

o tônico das lactantes



CHINELOS

PARA TODO O BRASIL PELO REEMBOLSO POSTAL



1 — Chinelo de pelica levíssimo. Artigo de primeira qualidade, sola flexível, nas côres azul marinho e preta. De 33 a 39. Cr$ 75,00. O mesmo artigo, sem salto, Cr$ 72,00.



2 — Chinelo de ótima pelica, fechado, muito leve e elegante, próprio para pessoas que apreciam o melhor. Sola flexível. Nas côres grená e preta. De 33 a 39. C.$ 75,00. O mesmo tipo, em feltro, em grená ou em azul. De 33 a 39. Cr$ 70,00.



3 — Chinelo de vaqueta, marron, solado costurado, artigo forte e durável. De 33 a 44. Cr$ 30,00.



4 — Chinelo "Baiano". Acolchoado. Todo de couro, com fivela e enfeites brancos no peito do pé. Artigo muito resistente. De 33 a 44. Cr$ 30,00.



5 — Chinelo aberto, forrado de couro, de 33 a 44. Cr$ 25,00. Chinelo de sola, colado. De 33 a 44. Cr$ 20,00. Chinelo de primeira, solado, costurado a mão, de 33 a 44. Cr$ 25,00. Chinelo para crianças, artigo de sola. De 22 a 32 — Cr$ 12,00.



6 — Chinelo "chagrin", artigo extra, marca CASTANHO. De 33 a 44. Cr$ 75,00. O mesmo tipo, em couro, e na mesma numeração, Cr$ 33,00.





7 — Chinelo de lã, para ser usado fechado ou aberto. Tipo propaganda. De 33 a 40. Cr$ 25,00. O mesmo tipo, artigo bom e lã de primeira. De 33 a 40. Cr$ 50,00. O mesmo tipo, qualidade extra, com acolchoado, marca CASTANHO. De 33 a 42. Cr$ 75,00. CHINELO DE LIGA, com salto, de 33 a 44. Cr$ 16,00.

Ao fazer o seu pedido, escreva com clareza o número do chinelo, seu nome, eidade e Estado

Pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL por carta ou por telegrama, para

CASA RANIERI LTDA.

RUA CAETÉS, 317 — End. Telegr.: "Ranieri" — Belo Horizonte — Minas

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 Desde que ano está em vigor no Brasil o calendário gregoriano:
1582?
1600?
1604?

2 Qual o país da Europa que adotou, em último lugar, o calendário gregoriano:
Alemanha?
Inglaterra?
França?

3 E qual o último país do mundo que passou a adotar o calendário gregoriano:
Pérsia?
Rússia?
Japão?

4 Que quer dizer **Ramadan:**
Obra literária?
Domingo de Ramos?
Jejum dos muçulmanos?

5 De que virtude a hera é símbolo:
Da Fé?
Da Fidelidade?
Da Caridade?

6 Que nome tem o vaso em que se guardam as hóstias nas igrejas:
Ostensório?
Patena?
Cibório?

7 Por que motivo ficou célebre o engenheiro Coelho Cintra no Rio:
Pela fundação da E. F. Central do Brasil?
Introdução da tração elétrica?
Com a demolição do Morro do Castelo?

8 Quem delineou e executou a abertura da Avenida Rio Branco:
Paulo de Frontin?
Pereira Passos?
Lauro Muller?

9 Que existia no atual Largo da Carioca ao erguer-se o atual convento de Santo Antônio:
Um solar do governador geral?
Uma lagoa?
Uma floresta?

10 Qual o homem de govêrno no Brasil que deixou por testamento tôda sua fortuna para ser convertida em missas, no total de 1.500:
D. João VI?
Visconde de Barbacena?
Capitão-mór Antônio Ramos dos Reis?

11 A prática de espionagem na guerra vem de:
Antes de Cristo?
Do século XI?
Dos tempos modernos?

12 Qual o maior pintor brasileiro vivo:
Raymundo Cella?
Inácio Maia?
J. Carvalho?

13 Quem inventou a Música de Grafia Simplificada (Notação Musical Brasileira):
Alberto Nepomuceno?
Vila Lobos?
Antônio de Assis Sampaio?

14 A legenda «Ordem e Progresso» de nossa bandeira é:
Dos tempos coloniais?
Do segundo reinado?
Da proclamação da República?

15 Que era o edifício da Praça 15 de Novembro antes de ser o que é hoje, a Academia de Comércio:
Câmara dos Deputados?
Hospício de alienados?
Convento do Carmo?

16 Que significação tem a serpente como símbolo da Medicina:
Perigo de vida?
Presença de veneno?
Prudência?

17 Quem fundou o teatro português:
Almeida Garrett?
Frei Luís de Sousa?
Gil Vicente?

18 Em que ano houve no Brasil a primeira lei condenando a maçonaria:
1818?
1822?
1780?

19 Em qual destas cidades há maior número de negros:
Cairo? (Africa)
Johanesburgo? (Africa)
Nova York?

20 Quantas sacas de café foram queimadas no Brasil de 1931 a 1944:
Dois milhões e meio?
Setenta e oito milhões e duzentas mil?
Quinze milhões e cem mil?

(*Respostas na página 58*)

de onde promanava angústia sem par, compreendi tudo. Vi o garôto... Tenho certeza de que se aquêle monstro de aço, que avançava fumegante, tivesse alma, seria dominado pelo olhar materno e teria saltado dos trilhos ou pulado sôbre o inocente, sem machucá-lo. O menino brincava, alheio ao perigo! O maquinista, vencido pelo fogo daquele olhar, freiou, desesperadamente, a composição! Ouviu-se o ruido medonho de ferros que se entrechocavam, misturados aos gritos dos passageiros alarmados. O expresso parou logo adiante, enquanto o maquinista e seu ajudante desciam, atordoados.

O desconhecido fêz pequena pausa, como a recordar-se dos mínimos detalhes. Juca estava absorto, entontecido, sem fala. O forasteiro prosseguiu:

— A mulher arrastava-se, do outro lado do caminho de ferro, levando, triunfalmente, nos braços, o filhinho salvo! Simultâneamente ao frear da locomotiva ela se atirara, num salto prodigioso para salvar o pequenito! E conseguira, a custo das próprias pernas. As rodas dianteiras esmigalhara os membros inferiores da pobre coitada. Seu aspecto era contristador. As vestes estavam rasgadas, os braços e o rosto, sangrando... Balbuciava as palavras: "Lá vem o expresso!... Meu Deus!... Vai matá-lo!...". O choque fôra por demais brutal. A infeliz perdera, também, a razão! Ficamos estarrecidos com o quadro e a resistência de mulher!...

Eu era o maquinista e morava naquele lugar. Fui julgado por haver tentado salvar aquela vida e ferir, em conseqüência, alguns passageiros! Fui despedido sem qualquer remuneração... Fiquei desgostoso. Hoje vivo assim... O menino que brincava na via-férrea, já sabe quem era... Era você, Juca... E era sua mãe que se atirou à frente da locomotiva para salvá-lo... Vi o retrato sôbre a mesa...

O rapaz já não ouvia. Libertou-se das mãos que o retinham e partiu em desabalada carreira, tropeçando, caindo, levantando-se, sem ver onde pisava, sem nada sentir!

Chegou à casa. A velhinha estava sentada, calmamente, num caixote. Ao vê-lo entrar levantou-se, sôbre os cotos das pernas, dirigindo os braços suplicantes, como sempre fazia, para o filho. Juca mergulhou nêles.

— Oh, mãezinha! Que monstro tenho sido! Estás assim por minha causa, sabes? E beijava-lhe os olhos baços, os cabelos e as mãos, umedecendo-lhe os dedos e as faces com as suas lágrimas.

— Que me importa Zizinha ou qualquer outra moça... Os gozos vãos dêste mundo... Viverei só por ti, minha mãe, só por ti... Hei de cobrir-te de carinhos e desvelos. Trabalharei dia e noite... Comprar-te-ei duas pernas mecânicas... Jamais te deixarei... Abraça-me mãezinha... Beija-me... Quero dar-te todos os beijos e abraços que te tenho negado...

A velha louca, com os braços em volta do pescoço do filho, acariciava-lhe, meigamente, as faces... Os seus olhos, onde se podia ler o mais puro gôzo, tinha, por vêzes, lampejos de razão.

MARIAZINHA, A LOUCA DO CAIS

(Cont. da pág. 26)

Mariazinha o esperou.

Quanto tempo? Dias, meses, anos! Quantos? Quem o sabe?

De neve cobriram-se-lhe os cabelos, dantes negros como noite sem clarão da lua. Noite escura que, ao tempo abraçada, vai passando no caminho dos anos. Noite escura e distante!

Dos olhos azuis, muito claros, herança dos pais estrangeiros, fugira-se-lhe aos poucos, o brilho como estrelinhas que se apagam.

Que se apagam lentamente, tanto a neblina do coração, cegara-os!

Os dentes alvos, que a muitas declarações sorriram — enfeites dos lábios sensuais e apetitosos — já não os possuía!

Um a um, caíram-lhe; a bôca desdentada, semelhava-se à fornalha de bruxa!

Do porte elegante, da fina cintura, tentação de tantos jovens, nada mais existia! E agora, o ponto de interrogação engastado no amontoado de ossos do corpo surrado, sem mais atrativos, feneceu.

Da cobiçada moça — primavera que se foi — a uva no vinhedo, apodreceu. No corpo, o inverno; n'alma, o inferno.

Arrebatou-lhe, tudo, o destino. Até mesmo o juizo!

Enlouqueceu!

Como foi? Tão banal, eu repito, essa história de amor!

Emotiva, Mariazinha, a grande amorosa, jamais o esquecera.

Contaram-lhe, porém, que, ao término da guerra, seu amado voltara para a espôsa legítima.

Dela, que tudo lhe dera, que tanto lhe fizera, sem nada lhe pedir, ou mesmo receber, esquecera-se, o ingrato!

Quanto sofrera!

Que tôla fôra!

Não sabia que era assim, essa história de homem?

Mas, não o olvidara.

E, do cérebro torturado pela lembrança, germinou-lhe a semente, crescendo, crescendo, na idéia fixa da volta.

Sim, êle viria.

Era diferente, jamais lhe mentia!

Ali estava a mensagem saudosa, após a vitória final: "Voltarei, querida, para teus braços, na saudade do nosso grande amor".

"Voltarei no primeiro navio que"...

Ri-se, esgargalha, cada vez mais, Mariazinha, a louca do cais.

Fôra assim que, afagada na saudade, de repente, enlouquece!

Parecendo feliz, paradoxalmente feliz!

Um gargalhar sinistro corta o ar, como silvo de ábutre agourento.

Agourando, quem sabe, a tragédia do amor!

Um vapor se aproxima do cais.

O crepúsculo cai sôbre a ponte em que estamos a tudo envolvendo numa apoteose divina.

Lindo e indescritível é o crepúsculo apreciado no mar!

Barulho infernal de ferros que rangem se entrosando e o navio que ancora majestoso.

No pôrto, o Hércules marinho distende os músculos e, descansa.

Apitos, gritos de estivadores que passam carregando bagagem.

Passageiros apressados que partem ou que chegam, indiferentes à derrocada dessa alma infeliz!

Da flor perfumada, cujas pétalas mimosas: inocência, fé e beleza, murcharam uma a uma, na tragédia do amor.

Esmagadas, cruelmente, pelo destino que, a uns, tudo nega.

Apenas tive tempo para repor, na bôlsa imunda de sêda rasgada, o papel amarelo, cúmplice do drama que acabara de ler!

Pobre palhaço ambuante!

Mariazinha, vestida de trapos, olhar desvairado, ornada de jóias, de brincos e pulseiras a cinco cruzeiros, faminta de amor, sem nada no cérebro, sem nada nos pés, lá vai pela ponte a louca do cais!

Divorcia-se do algoz e se casa com o mar!

O mar, seu amigo, que dela se apiedou!

O mar, seu amante, que jamais a atraiçoou!

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções 1/4 Cr$
Crepe A — Super ...	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Iasmim Super	10.00	22.00	30.00
Violeta B — Super ..	13.00	22.00	30.00
O. Fluers — Super ..	15.00	25.00	35.00
Fl. Amor — Super ..	15.00	25.00	35.00
Mitzko — Super	18.00	25.00	35.00
Arp. S — Super	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super ...	21.00	35 00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40.00
Chan 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N — Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narcisse N — Super..	25.00	35.00	40.00
Pretx — Super	35.00	45.00	55.00
Rumores — Super ...	35.00	45.00	55.00
Escandalo — Super ..	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super ..	35.00		
Flor Maçã LF	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF	50.00	70.00	70.00
Biarritz LF	50.00	70.00	70.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	70.00
Arabesque LF	60.00	80.00	80.00
Heno del Campo LF..	60.00	80.00	80.00
Casino LF	60.00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF ..	85.00	105.00	105.00
La Rose Rougeatre LF	85.00	105.00	105.00
Despesas Reembôlso..	6.00	6.00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

A SAÚDE DO BEBÊ

ADENITES NA CRIANÇA

DR. SABOIA RIBEIRO

NA criança os grânglios se apresentam miudadas vêzes entumecidos, isolados ou dispersos nesse ou naquele ponto do corpo. Os processos infecciosos ou inflamatórios que assestam nos primeiros anos nas vias aereas altos, ou seja, as rinofaringites, as vegetações adenoites e as amigdalites, com suas comlicações para o lado principalmente do ouvido, acompanham-se muitas ocasiões de Supertrofia dos gânglios, bem assim aquêles que se desenvolvem no couro cabeludo.

Nesses casos a presença de um estado agúdo na criança, só por si, chama a atenção de quem examina a criança, ou das pessoas que lidam com esta, para o ponto do organismo realmente doente.

Os gânglios inflamados, nessas circunstancias, não possuem uma significação grandemente denunciadora, representando na verdade uma reação meramente local de um processo também local.

Muitas vêzes a inflamação responsável já passou, e deparam os gânglios mais nada, em fase do regressão. Se, porém, a uma primeira inflamação segue outra, e a esta outra, e várias sucessivamente, o estado da influmação crônica dos gânglios se constitui, e êstes se mostram endurecidos denunciando um ponto fraco sujeito à injeção periódica.

Quando gânglios assim são encontrados no pescoço — gânglios pequenos e duros, sem inflamação comcomitante — podemos quase sempre disconfiar que já existiram catorros de repetição ou outras inflamações das vias aereas superiores.

Indicando molestias gerais mostram-se os gânglios igualmente entumescidos na tuberculose, na sifiles, no linfatismo.

Os gânglios que fazem suspeitar da tuberculose na criança se distinguem por alguns caract.res próprios. Êstes, de preferência, desemvolvem-se mais debaixo de maxilar inferior o externo cleidmastoideo (músculo de direção obligua no pescoço). Atingem considerável desemvolvimento, crescem aos poucos, são indolores.

Têm tendência ao amolescimento. Sôbre êles a pele adelgaça-se e torna-se roxa, rompendo-se em fistulas.

Muito raro que sejam de natureza tuberculosa gânglios desemvolvendo-se na nuca, isolado ou formando cadeia.

Além daquela apontada e com os carateres descritos, sòmente há presumir a natureza tuberculosa diante de gânglios pequenos e duros desenvolvendo-se na região infra-clavicular ou, paredes laterais do torax, significando nestes casos processos inflamatórios da pleura.

A existência da gânglios no pescoço, de desenvolvimento lento indolar, com a evolução referida até à rutura e extravasamente, se acompanha da chamada *facias escropulotica* atesta um mau estado geral orgânico que urge tratar com segura orientação dictetica e terapêutica.

Há na *escrofulose*, conjuntivite com lacinejámento e horror à luz; coriza crônico com inflamação e eczema das bordas das narinas e lábios superior. Dos mais atacados, o ouvido médio, muitas vêzes, é séde de supuração crônica e fetida, com eczematização do condutos auditivo e da orelha, devido à maceração causada pelo pús. Reagem, neste caso, os gânglios cervicais correspondentes, relacionados com a inflamação do ouvido.

Gânglios tuberculosas tem à participação das cavidades da face (nasal, foriagéa ouvido médio) atestam o quadro da *tuberculose gânoliosar;* na outra hipotese, falar-se-á em *escrofulose*.

Se os gânglios, na tuberculose, manifestam tendencia ao crescimento e fistulização, os da sifiles mostram outros caracteres.

Em primeiro lugor localizam-se êstes mais no cubito; outros estigmas falam pela lues, na hipotese da sua natureza sifilitica. As reações sorologicas para a sífiles decidem das dúvidas.

Finalmente, em crianças de certo desenvolvimento, espalhadas em grande número no corpo, deparam-se gânglios permanentemente hipertrofiados e coincidindo com o estado de saúde da criança que, afora uma certa palidez aparente, não parece estar atingida. De fato, o exame quér de referência à tuberculose quér à sifiles não serve de explicação e (cousa curiosa) o exame do quadro sanguineo também fala pela normalidade.

Nesse caso, a hipertrofia de gânglios correrá por conta do *linfatismo*, estado caracterizado por certos sinais exteriores, inclusive a presença de gânglios no pescoço, e traços remanescentes da diatese exsudatura, que em geral, nesses individuos, já se manifestou nas suas formas habituais (seborrea do couro cabeludo, eczema) durante a primeira infância.

No linfatismo, habitualmente, propende o individuo para o *tipo gôrdo e pastoso* dos exsudativos, parecendo a certos respeitos e forma evoluida da primeira. Interessante assinalar que, neles, deparam-se muita vez um coração e aorta reduzidos nas mas proporções normais, o que para os mestres tem uma significação pouco precisa.

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.



Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL



antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.



COMO APRENDER A DANÇAR
AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de **Bolero, Swing e Samba**, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo **Professor Gino Fornaciari**, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicilio

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL



WEEK-E... A COZ...

KNEDEL COM AMEIXAS

½ quilo de batatas cozidas e passadas no passador, 100 gr. de farinha, 200 gr. de semolina, 1 ôvo, sal e um pouquinho de açúcar. Misturam-se êsses ingredientes levemente, com as mãos, formando uma bola que se deixa descensar por algum tempo. Em seguida, estende-se a massa com o rôlo e corta-se em seguida em quadradinhos. Sôbre cada quadradinho, coloca-se uma ameixa, apertam-se os bordos da massa. Cozinha-se êstes Knedels durante 5 a 20 minutos em água e sal, e antes de servir, cobrem-se com manteiga derretida ou farinha de rôsca torrada em manteiga.

MACARRÃO COM MAÇÃS

Descascam-se umas duas ou três maçãs que se cortam, em 4 partes e que se cozinham em pouca água, com um pouco de canela e açúcar. Cozinha-se o macarrão, põe-se para escorrer e cobre-se com um pouco de água fria. Quando a água tiver escorrido bem, arrumam-se, em um prato que possa ir ao forno, uma camada de macarrão, outra de maçã, etc. Cobre-se com farinha de rôsca, pedacinhos de manteiga e leva-se ao forno para corar.

MOLEQUES

400 gr. de farinha de trigo, 250 gr. de manteiga, 125 gr. de açúcar, baunilha e geléia de abricós. Mistura-se levemente, com a mão, a farinha com a manteiga e junta-se o açúcar com a baunilha. Deixa-se descansar ½ hora, estende-se na grossura de ½ cm. Com a carretilha cortam-se losangos, ou então, com o auxilio de um copo, cortam-se rodelas e assam-se em forno quente até tomarem uma côr alourada. Depois de frios, passa-se geléia de abricós em metade dêles, unem-se com a outra metade, pincelam-se com manteiga derretida e passam-se pelo açúcar.

BISCOITOS DE MANTEIGA

125 gr. de manteiga, 250 gr. de açúcar, 250 gr. de farinha de trigo, 4 a 5 ovos, 1 colher de chá de fermento em pó e a casca de meio limão. Bate-se a manteiga como creme, junta-se pouco a pouco e alternadamente a farinha com o fermento, os ovos e o açúcar. Põe-se por último a casca de limão e polvilhada com farinha de pão.

FATIAS DE GÊNOVA

5 gemas, 100 gr. de açúcar, casca ralada de ½ limão, 50 gr. de farinha de batatas, 50 gr. de farinha de trigo e 1 colherinha de fermento em pó. Com o açúcar, as gemas e as cascas de limão bate-se um creme espumoso e grosso; junta-se então a farinha de trigo e a farinha de batatas, peneiradas com o fermento; põe-se em assadeira untada e assa-se em forno regular. Ainda quente, cobre-se com uma "glacée" de chocolate e corta-se em losangos.

ARROZ DOCE COM FRUTAS

Forra-se uma fôrma de abrir com qualquer compota, acabando-se de encher com arroz doce, levando-se em seguida a um lugar fresco, onde se deixa por umas duas horas. Vira-se então sôbre um prato, servindo-se com môlho de frutas.

MÔLHO DE SALADA COM ÔVO

1 ôvo cozido, 6 colheres de azeite, 6 a 7 colheres de vinagre, sal e pimenta. Pica-se muito bem o ôvo e juntam-se-lhe os outros ingredientes. Pode-se preparar êste môlho em grande quantidade e guardá-lo em uma vasilha de barro ou em uma garrafa, conservando-o por 2 a 3 meses.

SALADA DE ALFACE, AGRIÃO E CHICÓRIA

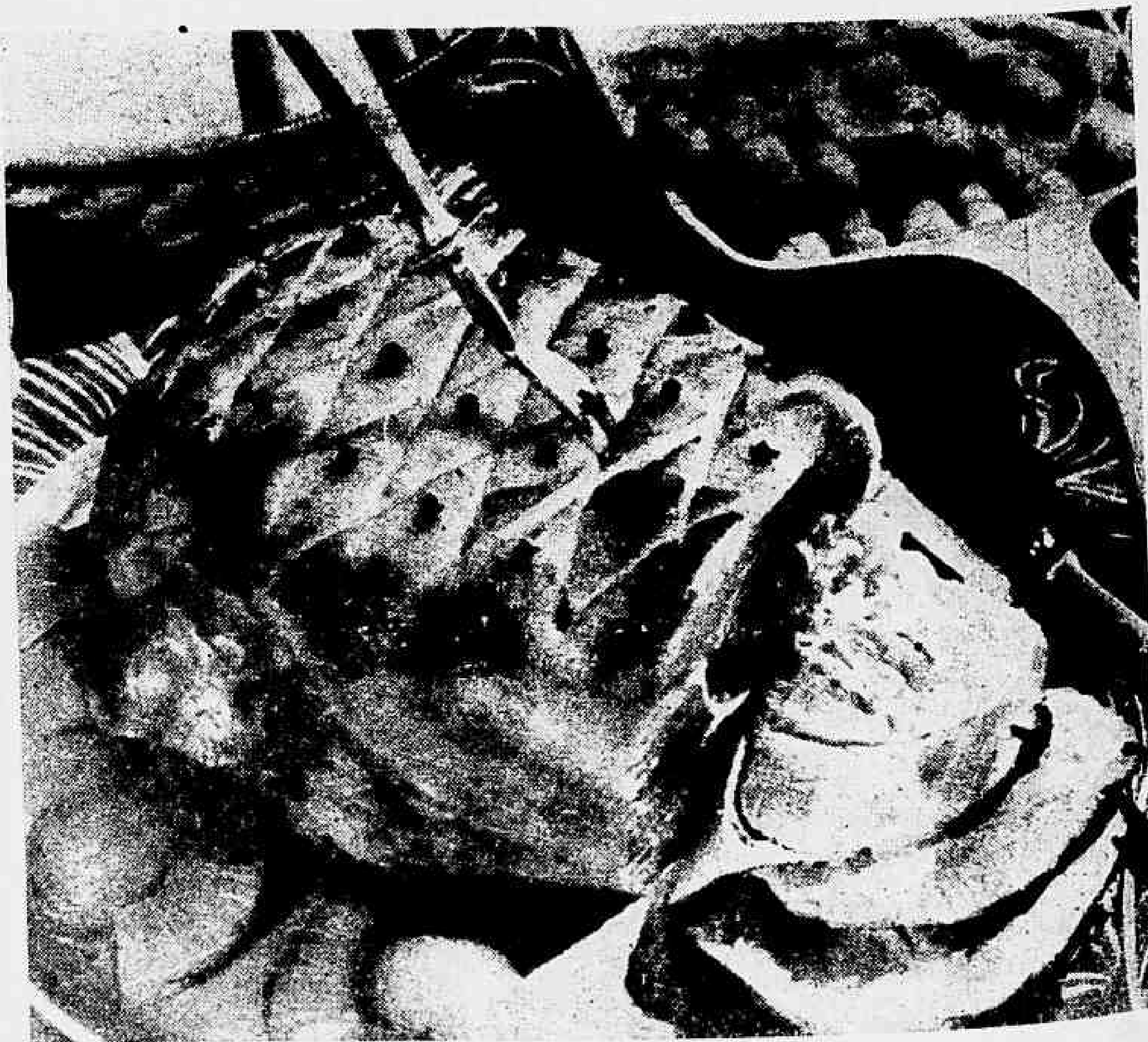
Preparam-se estas saladas regando-se as verduras com môlho de salada, pulverizando-se em seguida com cebolinha e salsa picada bem fininha. As fôlhas de chicória devem ser cortadas em tiras finas e mergulhadas em seguida em suco de limão, para que as nervuras conservem a sua côr esbranquiçada.

TOMATE À ITALIANA

Corta-se a tampinha do tomate, retiram-se as sementes e enche-se a cavidade com salada italiana até 2/3. Acaba-se de encher o tomate com maionese, colocando-se por cima uma rodela de ôvo, em cujo centro se introduz um galhinho de salsa, ou sôbre o qual se põe uma rodela de pepino em conserva.

BÔLO DE PASSAS

500 gr de farinha, 125 gr de manteiga, 1 xícara de leite, 28 gr de fermento fresco, 1 pitada de sal, 2 ovos, 80 gr de açúcar, 50 gr de cidra cristalizada, 200 gr de passas sem sementes e 100 gr de passas sultanas. Com a farinha, o fermento e o leite morno faz-se a massa de fermento que se deixa crescer em



A COZINHA

lugar quente durante meia hora. Junta-se a esta massa a manteiga morna, os ovos, o açúcar, o sal, a cidra cortada em quadradinhos e as passas. Trabalha-se com as mãos nesta massa até que forma uma bola que se desprenda da vasilha, que deve estar de antemão polvilhada com farinha. Cobre-se a vasilha, deixa-se crescer em lugar quente e leva-se ao forno em fôrma untada, forrada com farinha de pão.

TORTA AMERICANA

125 gr de manteiga, 125 gr de açúcar, 4 ovos, a casca ralada de meio limão, 60 gr de passas e corinthos ou 100 gr de amêndoas raladas, 250 gr de farinha de trigo, 2/10 de litro de leite, 1 colher de chá de fermento em pó.

Bate-se bem a manteiga, junta-se o açúcar, as gemas, a casca do limão, batendo-se sempre até formar um creme grosso. Adicionam-se as passas ou amêndoas, e, aos poucos a farinha peneirada com o fermento. Junta-se o leite e por último, as claras batidas em neve. Leva-se esta massa imediatamente ao forno médio, em fôrma untada e polvilhada com farinha de pão e açúcar.

BOLO DA SAÚDE

250 gr de farinha de trigo, 4 colherinhas de fermento em pó, 125 gr de manteiga, 125 gr de açúcar, 4 ovos, 5 colheres de sopa de leite e casca ralada de limão. Misturam-se bem os ovos, o açúcar, a manteiga derretida, o leite e a farinha; tempera-se com a casca de limão ou baunilha e por último o fermento em pó. Põe-se a massa em fôrma bem untada e leva-se ao forno por meia hora.

MASSA PARA SOPA

Em uma tigelinha, batem-se 2 ou 3 ovos com algumas colheres de leite frio, ou caldo de carne, juntando-se sal, meia colher de manteiga, 1 colher de farinha, um pouco de noz-moscada, cebolinha e salsa picada. Cozinha-se esta massa em banho-maria, o que leva geralmente três quartos de hora. Quando ela estiver dura, tira-se da tigela, corta-se em quadradinhos que se colocam na sopeira e se cobrem com sopa.

POLENTA COM OVOS

2/3 de litro de leite, 250 gr de fubá, 4 ovos, queijo parmezão ralado, manteiga. Põe-se o leite para ferver, despejando-se nêle o fubá, aos poucos, mexendo-se continuamente. Quando estiver bem cozido, juntam-se 4 ovos batidos, 1 colher de manteiga, 1 de queijo parmezão ralado e o sal. Mexe-se muito bem e despeja-se esta massa sôbre uma pedra mármore, igualando-se bem com uma faca. Corta-se então a massa em quadradinhos que se colocam sôbre um prato, cobrindo-os com queijo parmezão ralado e manteiga derretida.

ESPARGOS COM TOMATES E AGRIÃO

Toma-se um prato redondo em cujo centro se arruma um monte de maionese. Dispõe-se em seguida aspargos cozidos e temperados, em forma de cruz. Sôbre a maionese colocam-se algumas rodelas de ôvo cozido. Entre os braços dos aspargos, põe-se rodelas de tomates temperados com môlho de vinagre. Em volta do prato, distribui-se o agrião que prèviamente se temperou com môlho de salada de agrião com rodelas de ôvo.

CREME DE LIMÃO

20 gr de maizena, 150 a 200 gr de açúcar, 3 ovos, ½ litro de vinho branco, 1 limão.



Levam-se ao fogo a maizena dissolvida em um pouco de água fria, o açúcar, o vinho, as gemas, o suco e a casca ralada de um limão.

Deixa-se tudo no fogo, mexendo-se sempre, até ao momento de começar a levantar fervura. Põe-se para esfriar, e depois de frio, junta-se-lhe levemente as claras batidas em neve. Despeja-se numa vasilha de vidro, enfeitando-se com quaisquer frutas.

COMPOTA DE MORANGO

Faz-se uma calda com 300 gr de açúcar e 1 xícara de água. Quando a calda estiver em ponto de frio, mistura-se-lhe cuidadosamente 1 quilo de morangos, retirando-se imediatamente a panela do fogo. Serve-se esta compota fria.



EGG-NOG AMERICANO

6 ovos, 1 litro de leite, com um pouco de creme de leiteria, 1½ xícara de açúcar, 1/4 de litro de cognac ou de rum. Misture as gemas com o leite e o açúcar com o álcool, e por último as claras em neve. Sirva bem gelado. E' uma bebida popular para Natal e batizados.

MACARRÃO COM SALSICHAS

Cozinhe com água fervendo e sal, meio quilo de macarrão fino e escorra. Devem ficar bem soltos. Deite num prato refratário sôbre uma camada bem espêssa de manteiga e queijo ralado. Revolva bem com o garfo e espalhe por igual. Deite sôbre o macarrão, em forma de grinalda, salsichas bem pequeninas, fritas em toucinho derretido, e no centro coloque ovos fritos na gordura das salsichas. Despeje por cima o resto da gordura dos ovos e sirva bem quente.

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O AFAMADO FREIO CONTRA-PEDAL



O NOVO PERRY DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.
BIRMINGHAN --- INGLATERRA



A VIDA IMITA A FICÇÃO

O COMOVENTE E ESTRANHO CASO DE TRÊS MENINOS SUÍÇOS ★ OS GÊMEOS JOYE E PAUL VATTER PRÊSOS NO ENRÊDO CRUELMENTE ARMADO PELO DESTINO IMPLACÁVEL ★ ROMANCE, NOVELA? NÃO, TRISTE REALIDADE!

Texto de MARCOS TELES

HÁ quem diga que por mais fértil que seja a fantasia, os homens nunca poderão imaginar coisas impossíveis de acontecer na realidade, e há os que dizem, pelo contrário, que o poder da ficção humana é ilimitado. Seja como fôr, todos admitem que o destino, a fatalidade, o acaso, ou qualquer outro nome que se queira dar a essa fôrça superior, armam situações, tecem enredos, criam casos tão complicados e absurdos, que nós, pobres mortais, dizemos logo que é a vida que está brincando conosco. Sentimos então a nossa pequenez e repetimos com Dante que "querem assim lá, onde se pode tudo o que se quer", e para nosso consôlo repetimos que é a vida imitando a ficção.



Os dois verdadeiros gêmeos Joye, Philippe e Ernest-Charles. A grande semelhança entre ambos é fàcilmente notada à primeira vista. Existe entre êles grande amizade. Querem-se muito. Ernest guarda uma saudosa lembrança de Paul, que conheceu no colégio

O que vamos relatar não é nenhum resumo de romance em estilo folhetim, nem de filme neo-realista, nem de novela de rádio, apesar de haver sido transmitida recentemente por uma estação local um dêsses contos seriados baseados num acontecimento parecido. Relataremos apenas um dos raros caprichos que de vez em quando atingem os homens para provar-lhes a fibra de resistência.

Friburgo é uma cidadezinha, talvez a mais calma e silenciosa da Suíça. E' a cidade santa por excelência, cheia de conventos e de igrejas. A vida ali decorre lentamente, entre as antigas muralhas cinzentas, e seus habitantes muito dificilmente perdem a característica expressão de contemplação que os faz parecer tipos quase anacrônicos, numa época de movimento e de nervosismo mental. Apesar disso, algum tempo atrás, aconteceu algo que, de início, estarreceu os friburgueses, para depois provocar a imaginação dêles de tal maneira que até hoje, decorridos mais de dois anos, constitui motivo para animadas conversas. Foi um acontecimento que ocupou as crônicas de meia Europa e que teria fornecido à uma tragédia a inspiração para um drama de côres fortes.

Os protagonistas foram três meninos, cujo destino arrastou numa onda de perturbação e de dor duas famílias que haviam sempre vivido com tranquilidade. Agora parece que tudo terminou, mas certos sinais não se apagam fàcilmente. Fiquem os leitores no lugar da senhora Madeleine Joye Thévoz, mãe dos dois gêmeos cujos nome ficou familiar a todos os suíços, e compreenderão a gravidade de quanto aconteceu. Através da sua dramática narração, foi possível reconstruir um dos mais estranhos casos dêstes últimos anos. Pensem apenas nisto: após sete anos u'a mãe descobre que seu filho não é seu filho; o que ela criou durante sete anos é filho de uma outra mulher que por sua vez, no mesmo período, amou uma criança não sua. E' fácil imaginar qual tenha sido o choque suportado pelas afeições alimentadas longamente e como a harmonia familiar tenha sido de improviso transtornada. Mas o melhor é proceder com ordem: os fatos, mais claros que qualquer comentário, são os seguintes.

Na pequena seção da Maternidade do Hospital Cantonal de Friburgo, em 1941, a senhora Madeleine Joye deu à luz dois gêmeos, ambos perfeitos e fortes, que pouco depois entrariam na casa do jovem casal, junto com a esperança de uma vida cheia de alegria. Os dois meninos foram batizados com os nomes de Philippe, igual ao pai, e de Paul.

Passam-se alguns meses e os pais notam algo que os deixará um pouco pensativos: os dois gêmeos não se assemelham em nada. Philippe tem um corpo fino, delicado, com lineamentos perfeitos; Paul, ao contrário, é gordo, sanguíneo, seus olhos acesos denotam uma inteligência viva. Mas essas observações não alteram de maneira alguma a tranquilidade do casal: para êles trata-se ùnicamente de um capricho da natureza. Assim, os dois gêmeos crescem numa atmosfera de terna afeição. Conforme os anos vão passando, entre Philippe e Paul nasce uma corrente excepcional de compreensão, seja no seio da família como em seus brinquedos, mas a diferença entre os dois acentua-se e começa a aparecer clara tam-

bém nos caracteres. Paul está ficando um menino fortíssimo, nervoso, impulsivo; sua fértil imaginação permite-lhe tomar as suas decisões com extrema rapidez. E' um espírito irrequieto, com a mente cheia de mil relâmpagos. Philippe é completamente diferente: linfático, com o rosto diáfano, a expressão ausente, tem uma inteligência reflexiva, coisa rara num menino da sua idade. Com seu caráter meigo, Philippe difere profundamente de Paul, menos aberto e mais excitado. Essas duas personalidades, em vez de afastá-los, completa-os alternadamente. Isso é notado em suas brincadeiras, em que Philippe consegue apagar com sua reflexão os entusiasmos impulsivos do irmão. Quando brincam "de guerra", Paul, chefe de um grupo de meninos do quarteirão, põe em cada ação uma dose de coragem que o outro completa com o seu raciocínio e a sua prudência. E' a mesma coisa que dizer que um é o general e o outro o chefe e o conselheiro de seu estado-maior.

Tudo continua calmo na família Joye. Nada surgiu ainda para anunciar a aproximação da tempestade que deverá cair com implacável violência. Chegou, enfim, o momento de mandar os dois pequenos irmãos para a escola. Êles falam francês, já que em Friburgo sòmente um quinto da população fala alemão, e são inscritos num colégio em que os programas são desenvolvidos também na outra língua, porque os pais querem que comecem desde cedo a aprender as línguas da pátria. E' nesse colégio que o destino vai iniciar sua comédia. No dia seguinte à inscrição, as inspetoras dividem os meninos a elas confiados pelas várias aulas, distribuindo a cada um dêles o lugar que deverá ocupar durante todo o ano letivo. Entre os meninos há um chamado Ernest Vatter, friburguês de língua alemã, cuja semelhança com Philippe Joye é extraordinária. Uma inspetora, que ignora ainda os nomes dos pequeninos alunos, toma Ernest Vatter e Philippe Joye e sistemá-os em duas camas vizinhas. Paul e o irmão não ousam protestar. Será possível que aquela mulher não percebeu que são irmãos ainda mais vestindo igual? Por que há entre êles aquêle Ernest, nunca visto até então? Mas por enquanto não há nada a fazer: Paul e Philippe vão dormir separados. Agora vem a distribuição dos bancos na aula de estudo e a inspetora, a quem compete essa função, chama o pequeno Philippe.

— Você ficará junto de seu irmão, diz.

E assim dizendo, empurra-o para perto de Ernest Vatter. Os dois irmãos, finalmente, decidem falar. Saem das fileiras e dirigindo-se à inspetora:

— Queremos ficar juntos — dizem — somos irmãos.

A pobre mulher espanta-se. Ernest Vatter e Philippe Joye são parecidos demais para não serem irmãos. Nervosamente consulta a lista dos alunos e constata que, na verdade, Paul e Prilippe são gêmeos. Mas em seu coração uma voz continua a lhe dizer que não havia caído em êrro quando os separara. O fato foi comentado durante algum tempo, mas sem conseqüências. Era simplesmente mais uma das tantas coisas incompreensíveis que acontecem na vida.

O ano letivo prossegue e Ernest Vatter faz-se amigo inseparável dos dois gêmeos. Juntos brincam e fazem longos passeios. Entre êles nasceu um quente sentimento de afeição que se manifesta mais ainda quando chega a notícia da morte do pai de Ernest, deixando a mulher sòzinha com mais outra menina de onze anos. Nesse ponto os acontecimentos começam a ficar



Um feliz momento da vida que passou. Na família Joye os dois meninos eram ainda
muito crianças, e, apesar das grandes diferenças psíquicas e somáticas que os separavam,
ninguém diria que na realidade não eram gêmeos. Na foto, o sr. Joye brinca com Paul

trágicos. Ernest perde um pai que não é o verdadeiro, e um menino que acreditava com razão de ter um pai jovem e forte, ficou órfão. E' o destino que brinca cruelmente com duas crianças inocentes e que nada mais podem fazer do que agüentar-lhes os caprichos.

Chega enfim o dia em que a tranqüilidade das duas famílias será improvisadamente perturbada, dia em que sete anos de trabalhos e alegrias serão destruídos, para deixar lugar à mágoa e à desilusão. Era o dia da Fête-Dieu. Os meninos saem em procissão pelas ruas de Friburgo, levando cada um, ramos verdes nas mãos. Philippe Joye Sênior, o pai feliz dos dois gêmeos, acompanha durante algum tempo a procissão, prepara em seguida sua máquina de cinema e começa a tomar cenas da festividade. O seu cuidado é focalizar ângulos em que apareçam sempre seus dois filhos, para serem projetados depois em casa para sua espôsa. Mas alguma coisa pára-lhe a respiração e êle fica imóvel durante alguns segundos. À frente da procissão há um menino, nunca visto até então, cuja semelhança com seu próprio Phelippe é de estarrecer. O homem fica chocado. Olha para o menino muitas e muitas vêzes, vira o olhar para o seu filho e a dúvida começa a se formar em seu cérebro. Paul também está presente entre os outros garôtos, mas naquele momento aparece tão diferente do irmão, que o pai só tem olhos para Ernest Vatter e Philippe.

A revelação do filme reforça a suspeita que se torna insistente, angustiante. Assim, por um mero acaso, a verdade aparece, esmigalhando inexoràvelmente os sentimentos mais puros. Mas verificar com os olhos que Ernest Vatter e Philippe Joye, se assemelham como duas gôtas de água, não é suficiente: são necessárias provas, provas científicas irrefutáveis. Médicos ilustres e cientistas são convocados em junta, enquanto a senhora Joye e a viúva Vatter vivem horas de doloros assombro. Isso não é o bastante, pois os três meninos são conduzidos a Genebra, para serem submetidos aos exames dos grupos sanguíneos. Os caracteres somáticos de Ernest correspondem aos de Philippe: dentição, olhos, estrutura geral, provando um veredito conciso que não admite discussão: Ernest Vatter e Philippe Joye são irmãos, filhos da mesma mãe. Os institutos especializados na matéria não páram aí: faz-se o transplante da pele, último teste para destruir qualquer resto de indecisão. Resultado: Paul não é, não pode ser filho da senhora Joye, é filho da viúva Vatter. Ernest é gêmeo de Philippe Joye.

E' inútil descrever o desespêro das duas mães, cada qual pode imaginá-lo perfeitamente. Após dois meses há lugar a troca. Ernest deixa a senhora Vatter e aquela que julgava irmãzinha e entra a fazer parte da família Joye, perto do irmão de Philippe. Paul afastá-se de tôda a sua infância e vai juntar-se a u'a mulher sòzinha, sua mãe; perdeu um pai e um irmão, mas achou uma irmãzinha. Um particular curioso, Ernest fala alemão numa família de língua francesa e Paul francês numa família de língua alemã. Mas enfim isso é o que menos vale no meio de tanta tristeza. Os garotos são inteligentes e aprenderão com facilidade a língua materna.

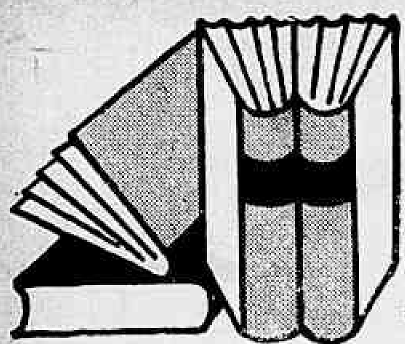
Como pôde acontecer fato tão estranho assim? Por que Paul e Ernest não viveram junto com suas verdadeiras mães? Para responder a essa pergunta é preciso remontar ao ano de 1941, isto é, ao dia em que duas mulheres, respectivamente, a senhora Joye e a senhora Vatter, davam à luz na mesma clínica e no mesmo instante, a primeira dois gêmeos e a segunda um menino. Os três recém-nascidos são lavados e enfaixados, antes de serem apresentados às mães. E' quando se dá a troca, o filho da senhora Vatter vai junto com um dos gêmeos da senhora Joye, enquanto o outro dêstes é retirado de sua verdadeira mãe. Foi um êrro, um imperdoável êrro da enfermeira de serviço naquele momento. O inquérito que se fêz logo após a descoberta da substituição, estabeleceu que sòmente a agitação oriunda do nascimento contemporâneo de três meninos pôde atrapalhar a enfermeira. Dessa maneira os garotos foram registrados e o êrro ficou desconhecido durante sete anos.

E agora? Philippe e Ernest (a êste foi adicionado o segundo nome de Charles) vivem juntos, são felizes e amam-se profundamente. Ernest encontrou em sua nova casa uma acolhida de júbilo. Já fala correntemente o francês e continua estudando "pari passu" com o irmão Philippe. Paul está longe, não mora mais em Friburgo. Sua mãe casou novamente e transferiu-se para outro lugar, após haver recusado à senhora Joye a permissão de ficar com o pequeno Paul, que ela havia criado durante sete anos e que adotaria para sempre. Para ela, Paul é como se fôsse seu filho; sete anos não se apagam de um momento para outro. Queria ficar com todos os três meninos, já que sua situação o permitia, queria agasalhar aquêles pequenos e inocentes atores do drama.

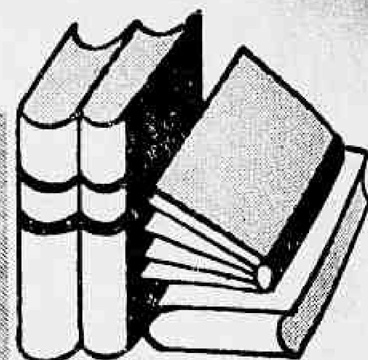
Muitas lágrimas foram derramadas sôbre as afeições perdidas e sôbre os protagonistas dêsse complicado acontecimento, entre o irreal e a realidade. A senhora Joye está satisfeita, naturalmente, por haver achado o verdadeiro filho Ernest-Charles. Que pelo menos êsse a faça esquecer a terrível angústia que sentiu enquanto Paul se afastava para uma nova vida!



Quando contavam dois anos de idade, os dois pequenos Joye «posaram» para o pai, fotógrafo amador. À esquerda, Philippe, filho autêntico da senhora Madeleine Joye; à esquerda, Paul, mais tarde reconhecido como filho da sra. Vatter. Que será feito agora de Paul?



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

SOBRE SUPERVIELLE

(De Claude Roy)



Jules Supervielle

"Rico não como Creso, mas como Larbaud, como Gide, como Proust. Anedótico? Não há anedotas em um destino."

★

"É' grande, magro, franzido, cavernoso, mal desenrolado em seu corpo, como um cavalo que se lembra de ter sido pre-histórico e de não ter tido ainda nome nos dicionários dos homens do futuro."

★

"Todo grande poeta contém o mau poeta ao qual torceu o pescoço."

★

"Seus poemas são um "pot-pourri" de influências: La Fontaine e Jules Laforgue, Whitman e Baudelaire."

★

"Poucas palavras, as mais simples, as mais familiares. Pouca variedade de tons e formas sintáticas: quase sempre, uma queixa murmurada que se exala, uma interrogação tímida que se perde no silêncio."

★

"Supervielle tem o ouvido fino dos cardíacos."

★

"Os poemas de Supervielle constituem um universo de analogias, mas não um universo fabuloso. Eu o vejo constantemente transpor, inventar para a sua realidade interior equivalentes poéticos, muito mais do que procurando criar um mundo de símbolos e alegorias."

★

"A morte em Supervielle é muito simples, muito sadia, completamente despojada tanto de horror como de prestígio."

★

"Precisamos morrer com cortesia, assim como tentamos viver, sem tumulto e sem insolência, sem rebeldia vã, mas nunca dando nosso assentimento à ilegabilidade do mundo ou à sua crueldade."

"O sentimento que lhe é mais natural é o da simultaneidade, a certeza de se mover, de existir em um mundo senão fechado pelo menos sem costuras."

★

"A preciosidade é natural entre os simples. Os fazedores de provérbios, os tecedores de canções, as crianças que inventam canções de jogos, os primitivos inventores de lendas e cosmogonias, nêles floresce espontâneamente a retórica preciosa."

★

"Um dos homens de quem mais gosto: Paul Eluard. Sempre o senti um pouco reticente diante do meu gôsto pela poesia de Supervielle. Apertei-o um dia. Êle deixou de esquivar-se. "Supervielle? — disse. — "Êle parece La Fontaine". Um silêncio. "E não chego a gostar realmente de La Fontaine."

★

"Os solitários têm alguma coisa a dizernos. Os evadidos, nada. Supervielle, Rilke ou Maurice de Guérin: solitários."

★

"A obra de Supervielle precede (e parece, entretanto, ignorar) as procuras da filosofia contemporânea."

★

"A poesia de Supervielle possui a virtude que têm — a princípio ou no fim — tôdas as obras verdadeiramente grandes: uma virtude documentária."

★

"Quando recorre ao verso livre o emprega segundo a fórmula astuciosa e precisa de Etiemble: "O verso livre é análise lógica e gramatical."

★

"Supervielle está sempre além e dentro do mundo. Solitário e presente."

(Tradução e seleção de P.M.C.)

DE HEBBEL

A poesia é uma síntese, um independente autônomo, com a natureza e a divindade; ou talvez, a sublimação dêsses dois círculos extremos do ser e da vida, um realizar progressivo das formas supremas; ou a fôrça da matéria em ação e, por isso, não pode ser circunscrita pela razão no que se costuma chamar conceito. O que o espírito humano pode prender, domina e subordina; mas a poesia o domina, a êle, e tanto sabe o homem da poesia, com a estética, como de Deus, com o dogma, e da natureza, com a física.

★

A poesia é revelação. No peito do poeta dança a sua ronda tôda a humanidade com sua alegria e sua dor; e tôda sua história é um evangelho, no que se anunciam tôdas as realidades profundíssimas que "determinam" uma existência ou um estado de existência.

A poesia popular é, na acepção comum da palavra, um contrassenso, pois em todos os tempos só os indivíduos foram poetas.

★

Tôda poesia é dramática, isto é, vive, produz e continua produzindo. Uma idéia que não significa outra coisa senão ela mesma, que não traz uma segunda terceira, quarta, etc., e assim sucessivamente, até os cimos mais altos do conhecimento, e que, portanto, não influi sôbre o desenvolvimento orgânico, sôbre todo o processo vital, não é nem poética, nem viva nem sequer possível, já que a vida se mostra sòmente sob o aspecto transitório.

★

A poesia lírica tem algo de infantil; a poesia dramática, algo de viril; a poesia épica, algo de senil.

★

A natureza deve ser o ponto de partida do poeta, e não seu ponto de chegada.

★

O elemento problemático: aí está a fonte de tôda poesia. Tudo o que é completo, terminado, repousado, não existe para ela, assim como para o médico as pessoas sãs. Só no ponto em que se quebra a vida, em que a situação interior se complica e extravia, só ali há matéria para poesia.

SINCLAIR LEWIS GOSTOU DESTES LIVROS

Na sua resposta ao inquérito do "New York Herald Tribune Book Review", o romancista Sinclair Lewis indicou os seguintes livros de que gostou:

"A Room With a View", de S. M. Forster;
"We the Accused", de Ernest Raymond;
"The Medici", do coronel G. H. Young.



O ESTRANHO CARL SANDBURG — Carl Sandburg é na paisagem literária dos Estados Unidos uma das figuras mais bizarras. Recordando os antigos bardos, Sandburg é também um parente próximo de nossos cantadores. Poeta primitivo e de inspiração popular, Sandburg, como o nosso Acenso Ferreira, trata dos motivos simples e regionais, e muitos de seus poemas são para cantar ao violão. Aqui está o peta, com sua filha e seus cabritos, interpretando uma de suas canções folclóricas, acompanhando-se ao violão

QUATRO POETAS, POR PORTINARI



CARLOS DRUMMOND



ADALGISA NERY



MÁRIO DE ANDRADE



JORGE DE LIMA

Aqui estão quatro grandes poetas brasileiros vistos por Cândido Portinari. Mesmo em reprodução, êstes retratos são admiráveis de vigor e de expressão. Aí está Drummond, o sêco e áspero poeta moderno que é uma das mais perturbadoras personalidades de nossa poesia. Aí está a angustiada e dramática Adalgisa Nery, o imenso Mário do coração imenso, de larga fronte aberta a todos os maravilhamentos, e Jorge de Lima, o sombrio inspirado do "Anjo", o intérprete apaixonado da história da "Nêga Fulô"

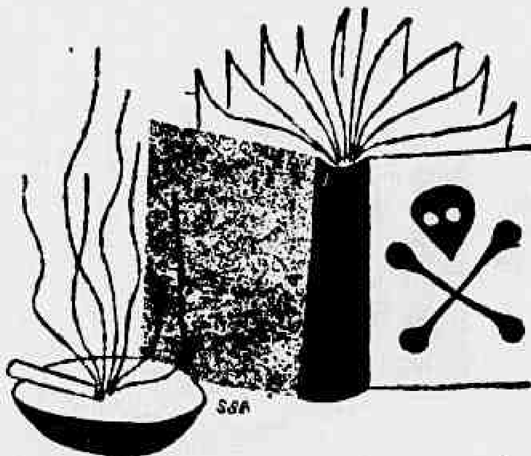
FÓRA DO PRELO

CARTAS DE LISZT

Uma editora de Buenos Aires acaba de publicar as cartas de Liszt à Condêssa d'Agoult, a formosa Maria de Flavigny, a quem coube a ventura — que veio a ser depois a sua infelicidade — de deter por alguns instantes, a seus pés, o músico genial, apaixonado de tôdas as mulheres e que terminou a sua vida donjuanesca sob a estamenha franciscana.

Estas cartas são pedaços vivos do músico inflamado. Sentimos nelas aquêle arrebatamento do inspirado das rapsódias, aquela doçura do romântico do "Sonho de Amor". Sentimos também que nenhuma literatura do amor pode exceder em eloqüência ou emoção, a êste documentário da paixão. E sentimos, finalmente, diante destas cartas — quanto é frágil o coração enamorado, como é efêmera a eternidade do amor, como são inconsistentes as juras, mesmo as mais vibrantes e comovidas.

Trecho de uma desas cartas de Liszt: "Meu coração transborda de emoção e de felicidade! Não sei que celestial languidez, que voluptuosidade imensa me penetra e me consome. Parece-me que nunca



amei, nunca; que nunca fui amado! De onde me vem esta misteriosa inquietude, diga-me, de onde êstes inefáveis pressentimentos, êstes divinos sobressaltos de amor? Oh! Só podem vir de você, irmã, anjo, mulher, Maria".

Em outra carta:

"Maria! Maria! Oh! Deixe-me repetir êste nome cem vêzes, mil vêzes. Há três dias que vive em mim, que me oprime e me abrasa. Não o escrevo não; estou a seu lado. Vejo-a, ouço-a... A Eternidade em seus braços... O céu, o inferno, tudo está em você...

E adiante:

"Oh! Deixe-me ser louco, insensato... A realidade mesquinha, recatada, estreita, não me basta já; temos que viver com tôda nossa vida, com todo nosso amor, com todos os nossos pesares!"

Aquela terrível amargura que vem do passado — tão conhecida de todos os amantes, também o assaltou:

"Maria, no dia em que puder dizer-me com todo o seu espírito, com todo o seu coração e com tôda a sua alma: Franz, apaguemos, esqueçamos, perdoemos para sempre tudo o que há de incompleto, de mortificante e quiçá de miserável no passado, porque neste momento compreendo-o e o perdôo tanto como o quero. Nesse dia — queira Deus que seja breve — fugiremos para longe do mundo, viveremos, amaremos e morreremos sòzinhos!"

Ao fim de uma carta, aquêle sentimento de todos os que amam e acreditam que inventaram o amor: "Tem você razão; somos as pessoas mais interessantes da terra."

E na última carta:

"O amor não é a Justiça. O amor não é o dever; não é tampouco o prazer e, sem embargo, contém misteriosamente tôdas essas coisas.

. . . . .

Adeus. Não estou desesperado."

Estas cartas de Liszt representam o testemunho de uma das mais belas histórias de amor que existiram sôbre a terra. Uma das mais belas, porque uma das mais desesperadas — recordemos Musset dos "chants desesperés" — e uma das mais tristes.

★

CANTIGAS DE ENCURTAR CAMINHO

"Cantigas de Encurtar Caminho" é o último livro de poemas de Olegário Mariano. E' uma coletânea de belos versos de nosso grande cantor romântico, vasado naquela arte requintada, de tão líricas inflexões, que fêz do poeta das cigarras, uma das mais altas figuras de nossa poesia.

Uma linda edição de José Olympio emoldura estas cantigas que vêm anunciar a primacéus; nas árvores nestas tardes vera que está chegando, nos líricas, na confidência afetuosa dêstes versos em que se entretecem ramos de flores e bater de asas.

Mais de espaço, voltaremos a falar sôbre "Cantigas de Encurtar Caminho", onde Olegário Mariano vasou em versos admiráveis seu lirismo tão emocionante e comunicativo.

★

TRÍPTICO

De Maria Thereza Galvão Bueno, cujo "Tríptico" nos vem com versos tão novos e tão claros, possuímos neste livro, além da emoção que passa em cada linha — um retrato aquarelado com carinhos de miniaturista, pelo poeta Guilherme de Almeida: é uma garôta vestida num "pul-over" azul e branco de Universidade norte-americana e — "é tôda poesia".

"Tríptico" é um ramo de poesias — e parece trazer-nos, nestes versos escritos em três línguas — português, francês e inglês — ao sabor da inspiração dos temas e das paisagens, sempre de um lirismo próximo e espontâneo, perfumes novos, flores preciosas de jardins encantados, de estufas raras, de prados de sonho e de legenda, envôltos numa atmosfera azul, como naquele verso de um de seus poemas:

"The sounds of twilight time are wrapped in blue".

TERRA VIRGEM

Se há um livro de sadio otimismo, que inspire confiança na vida e entusiasmo pelo destino humano, êsse livro é "El Erial", de Constancio C. Vigil. Breviário de amor e de bondade, repleto de ternura pelas criaturas, doce e compassivo com as nosás misérias, tolerantes com as tristes contingências a que estamos expostos, nos caminhos do mundo, eis o que é o pequeno grande livro do pensador platino, cujas meditações, tocadas de sabedoria e serenidade, têm o poder balsâmico de aplacar os ventos que surgem



em nós, de amainar as tempestades que fustigam nosso coração.

Sabedoria e serenidade — são, realmente, as grandes virtudes dessa obra-prima de ética, tratista, que sobrepõe todos os vabalhada por um pensador-arlores morais à ferocidade materialista dêstes tristes e feios dias que vivemos, procurando por entre as catástrofes uma estrada ampla e limpa, que conduza à beleza e à generosidade, dos tesouros escondidos da alegria e da criação.

"El Erial" — explica o autor — é a terra não cultivada, que espera a dedicação do homem para entregar-lhe seus frutos. E, concluindo o seu evangelho de dedicada agricultura espiritual, o mestre de sabedoria escreve: "Cada homem nasce diante de um "erial"; acolherá o que semeie."

Essa a grande lição do pensador platense.

Agora, aqui estamos para saudar o aparecimento da terceira edição do grande livro, iluminado e consolador, em tradução e prefácio de Eduardo Tourinho e ilustrações de Alfredo Adduard — (Edições Melhoramentos).

Conforta ler "Terra Virgem" não temos dúvida em indicar sua leitura — como um mergulho no azul e na paz, como um doce momento sob uma grande sombra — a quantos ainda não conhecem essa formosa e edificante pregação moral.

Por vêzes temos citado, traduzido e transcrito, trechos de "El Erial" — como "Terra Virgem", na excelente tradução de Eduardo Tourinho. A leitura do livro todo, repleto de saber e poesia, dará a quantos lhe conhecem algumas páginas uma alegria, como poucos vêzes encontramos, em obras dêste gênero, pois Vigil é um filósofo contemporâneo, próximo e humano.



QUEM ERA ÊSSE SYDNEY? PODERIA TIM, UM CHOFER PREJUDICAR A VIDA DE UMA JOVEM AMBICIOSA?

EU AMAVA OUTRO HOMEM





















Tudo isto Aconteceu

NOS ANAIS DA CÂMARA UMA REPORTAGEM DA "REVISTA DA SEMANA"

EM nossa edição de 4 de fevereiro p.p. inserimos uma reportagem sôbre a vida de Vital Brasil, a quem cognominamos de "o Pasteur Brasileiro" e de autoria de Arnaldo Vieira Júnior, a qual teve grande repercussão no país e no estrangeiro.

O trabalho do nosso colaborador despertou o maior interêsse nos meios científicos, tendo o deputado sr. Jonas Correia, em discurso publicado no "Diário do Congresso Nacional", de 24 de março, bordado comentários em tôrno do caso, terminando por pedir fôsse a citada reportagem incorporada à sua oração passando a fazer parte dos Anais da Câmara Federal.

Essa reportagem repercutiu nos Estados Unidos, tendo sido vertida para o inglês, tornando-se ainda mais admirada a figura do grande sábio brasileiro, traços de sua vida e sua obra de cientista e benfeitor da humanidade.

E' oportuno ainda dizer que, foi, graças a essa reportagem que se apressou a criação da Ordem de Mérito Médico, cujo projeto de lei estava paralisado há tempos, não havendo ainda subido à sanção presidencial, o que se deu agora em fins de março.

A REVISTA DA SEMANA se sente rejubilada pelo serviço que acaba de prestar à cultura nacional, tornando ainda mais conhecido o nome de um dos seus mais homenageados filhos e aproveita o ensejo para agradecer ao sr. deputado Jonas Correia o haver feito registrar nos Anais do nosso Congresso Legislativo, a página que publicámos a 4 de fevereiro dêste ano.

COMO MORREU JESUS?

DE quando em quando surgem livros, declarações, conferencistas, etc., que procuram mostrar erros das Escrituras Sagradas em relação à morte de Cristo.

Há sôbre o tema vastíssima bibliografia, desde os que negam sua existência até aos que procuram contrariar o Novo Testamento com os Evangelhos sinóticos como artigos de fé, declarando que Jesus Cristo não morreu numa cruz, e sim num tronco de madeira; que não recebeu cravos nas mãos, e sim foi amarrado de pés e mãos, e assim por diante.

Há ainda outras controvérsias mais ou menos interessantes. Uma delas diz respeito à maneira como os seus algozes colocaram os pés do crucificado: se o direito sôbre o esquerdo, se êste sôbre aquêle ou se ambos separados e atravessados pelos pregos.

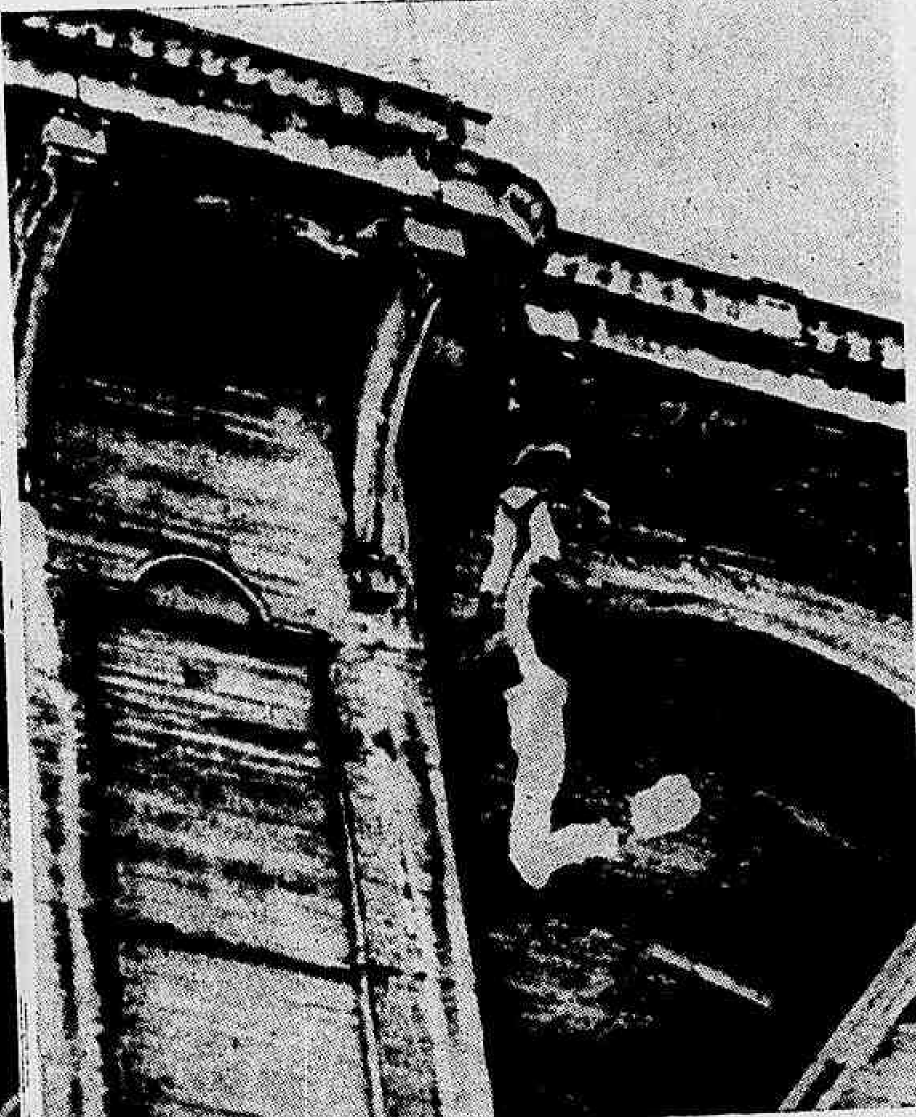
Com efeito, êsse detalhe não deixa de ser curioso. E' comum vermos em igrejas e oratórios privados figuras de Cristo crucificado de várias maneiras. Outras vêzes a confusão se faz quanto à posição da cabeça ao expirar pronunciando o "consumatum est".

Para que lado pendeu Jesus a cabeça, ao morrer? E' ponto discutível, vendo-se as duas posições indiferentemente. Mas essas coisas são detalhes que não invalidam o fato. Agora, porém, surgiu uma questão absolutamente nova em matéria de discussão em tôrno da morte de Cristo. O dr. Barbet, cirurgião do hospital de S. José, de Paris, depois de vinte anos de estudos, chegou à conclusão de que Jesus não foi crucificado com cravos na palma das mãos e sim nos pulsos! E, segundo ainda êsse médico, Cristo morreu de asfixia.

Já houve um artista que adotou as deduções do cirurgião e de suas obras de escultura se realiza atualmente uma exposição em Paris, através de cujos originais se verifica que Jesus fôra supliciado com pregos nos pulsos! Trata-se da exposição particular das obras do escultor Get Dutbell.

O PARAQUEDAS NÃO SE ABRIU

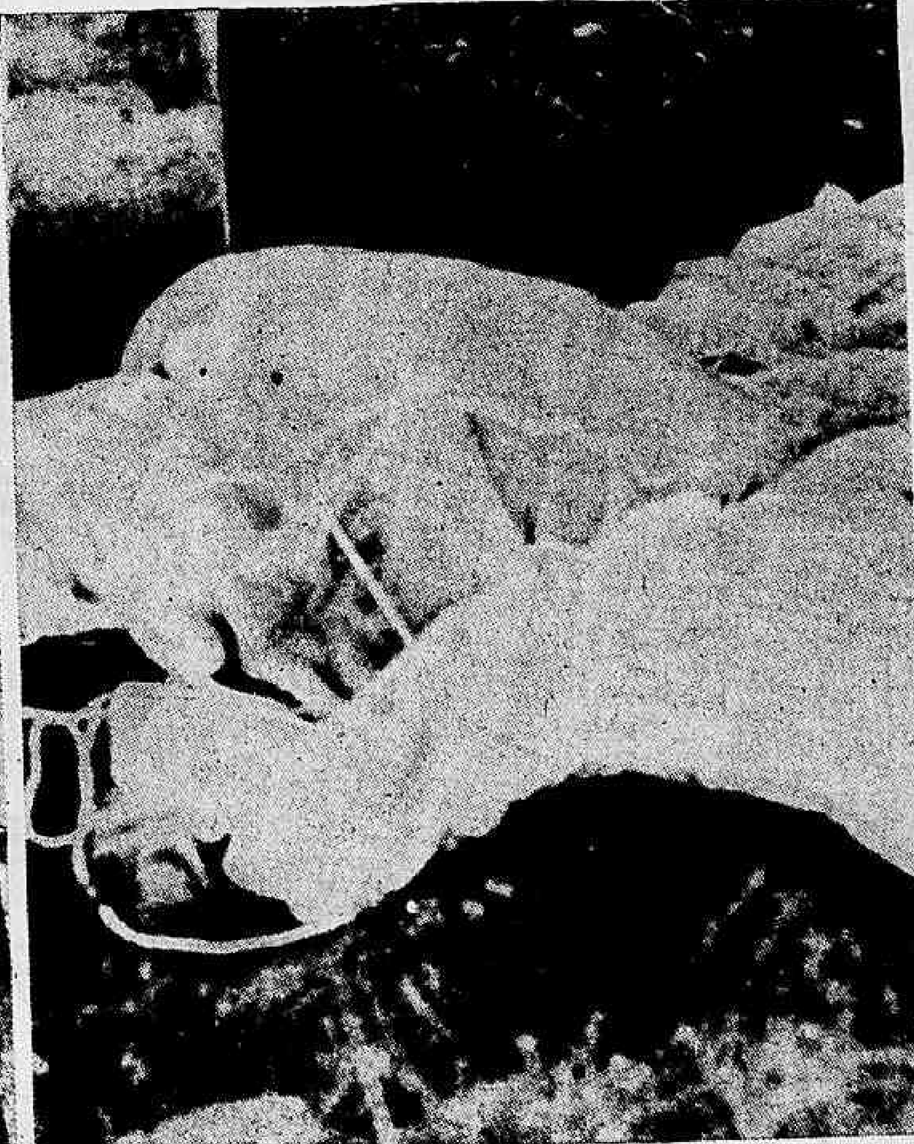




Robert Niles, de Oakland (California), ex-pára-quedista do exército, quis tentar uma perigosa experiência, que serviria de treino para o pulo de um arranha-céu de Nova York, jogando-se da "Ponte dos suicídios de Pasadena, alta quase 50 metros. Ficando seguro a uma corda amarrada no parapeito, Niles deveria ter aberto o pára-quedas

Infelizmente isso não se deu; pelo contrário, o pára-quedas escorregou para baixo, apesar dos desesperados esforços de Niles para abrí-lo com os pés. Com os movimentos, Niles largou uma das mãos da corda que o mantinha seguro à ponte: talvez espera que o pára-quedas se abra ou então que o possa puxar, aos poucos, até o alcance das mãos





A situação de Niles é desesperadora; o pára-quedas escorregou de tal maneira para baixo que tôda tentativa para puxá-lo é vã. Por outro lado a resistência do homem já está terminando. Finalmente o desgraçado pára-quedista deixa-se cair, precipitando-se sôbre o pára-quedas, que arrasta na queda, nêle ficando todo envolvido

Niles está estirado aos pés da ponte, após um vôo de 50 metros; não morreu, mas feriu-se gravemente, fraturando as pernas e a bacia, além de ferimentos diversos na cabeça. Não se conseguiu apurar se Niles abandonou a corda voluntàriamente, com a esperança de segurá-la novamente e de fazer abrir o pára-quedas, ou se as fôrças lhe faltaram



MATOU MESMO

ÊSSE assunto de eutanásia, isto é, o direito de matar que deveria ter um médico quando o paciente que está sob seu tratamento sofre de moléstia incurável e dolorosa, tem dado que falar a muita gente e à justiça nestes últimos tempos.

Segundo divulgam telegramas de Londres, um médico anônimo publicou um artigo no "Empire News", revelando haver praticado a eutanásia já por três vêzes e não sentir remorso algum por isso. Declarou ter dado a morte a um homem de 75 anos de idade que sofria de câncer incurável, a uma senhora velha atacada de infecção abdominal, bem como a um recém-nascido grotescamente deformado. Revelou que a referida mulher havia acrescentado um codicilo ao seu testamento na noite anterior à da sua morte, agradecendo-lhe pelo seu "humanitarismo". Prosseguindo em suas declarações, disse ainda o médico anônimo: "Algumas pessoas podem chamar-me de assassino e teriam razão se com isso querem dizer que, com tôda a premeditação, tirei a vida de sêres humanos".

Acrescentou ainda que escrevia aquêle artigo, não para justificar os seus atos e sim para estabelecer um precedente sôbre o que muitos médicos pensam a respeito do assunto.

Acha êle que o povo da Inglaterra deve conhecer bem o caso do ponto de vista de um médico que se encontra na situação de tomar a mais grave decisão que um homem tenha de adotar. Como vê o leitor, o caso da eutanásia está apaixonando os meios científicos e populares, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, países de elevado grau de civilização, desenvolvidos sob os ditames do cristianismo; quem estará com a razão? O médico anônimo ou as últimas sentenças dos tribunais?



UMA IDÉIA INFELIZ

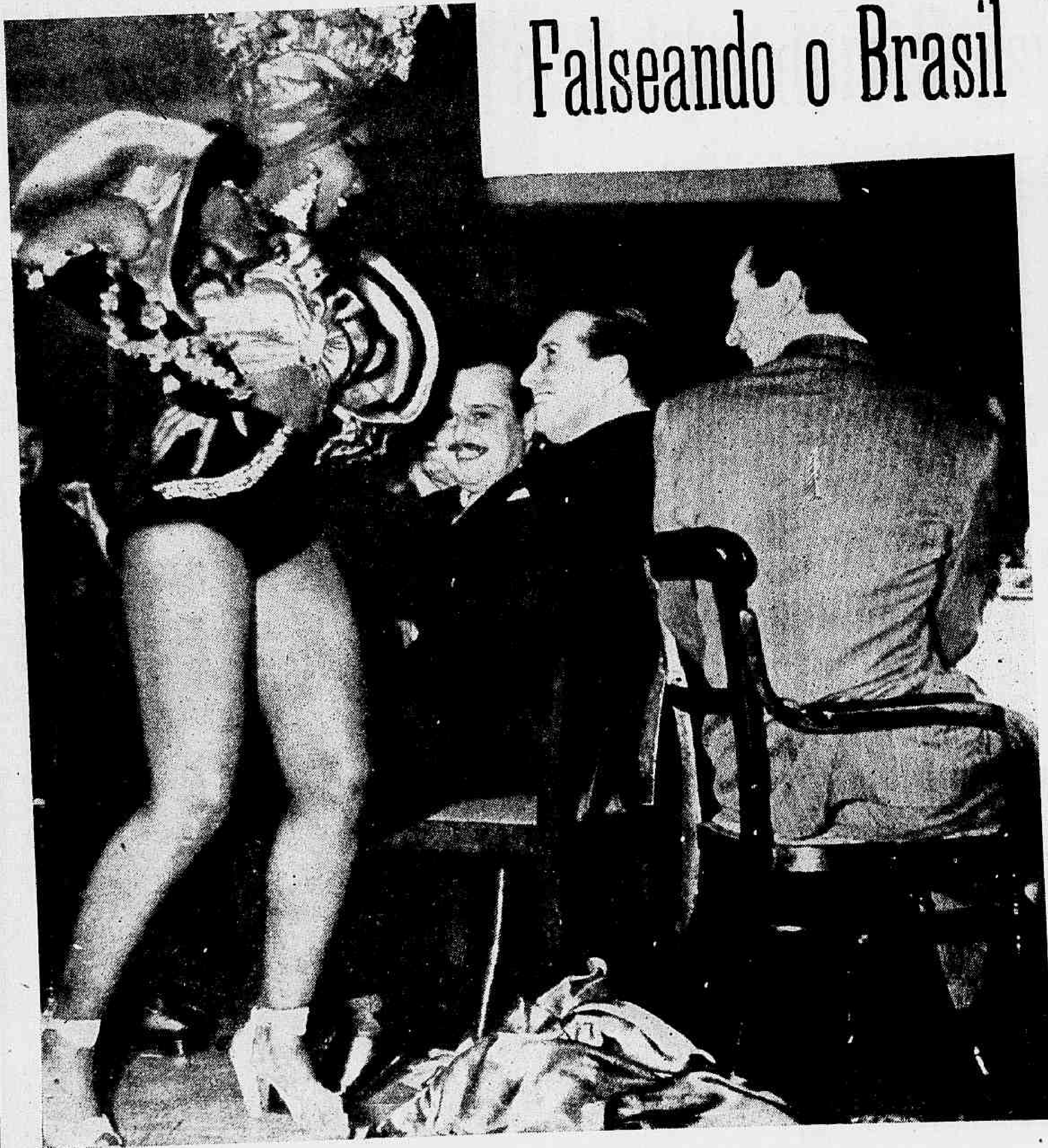
MONTGOMERY é uma cidadezinha de Alabama, nos Estados Unidos. Como sucede em tôdas as cidades do interior, os seus habitantes costumam criar seus cães, não sòmente por uma questão de defesa de seus lares nas altas horas da noite, como porque uma casa com um belo cão de raça, de qualquer tipo, dá mais distinção humana aos seus donos de afetos caninos.

Mas, infelizmente, não há cão que não goste de cantar suas ladainhas à lua cheia, com saudades, talvez, da infância de cachorro sem muitas responsabilidades ligadas à propriedade dos seus donos. E então, sem maiores contemplações nem pedidos de licença aos vizinhos que não possuem cães, começam a cantar árias terríveis com profundos dós de peito sem dó dos que os ouvem e não lhes acham graça nenhuma.

Não é possível deixar de protestar. Mas os donos dos cães trovadores replicam que os incomodados é que se mudam... Muitas vêzes uns casos assim sem nenhuma importância acabam em conflitos. Um cidadão de Montgomery, de nome Perry, não podia dormir sossegado por causa de uivos de tôdas as noites, fizesse luar ou não. Reclamou com bons modos; mas os vizinhos, que eram mais amigos dos cães do que dos direitos do homem, não atenderam Mr. Perry de jeito nenhum. Que se mudasse.

O prejudicado pensou em pagar na mesma moeda. Compraria uns cães enormes e ladradores ferozes. Ficaria sem dormir, mas também outros não dormiriam. Mas, pensando bem, isso não resolveria o caso. Além de aturar seus próprios cachorros, êstes lhe dariam despesas. Não. O melhor era outro processo. De noite, então, foi êle mesmo para o quintal e se danou a ladrar e a uivar como cachorro! Mas os vizinhos descobriram o embuste e Mr. Perry foi prêso.

Falseando o Brasil



Na Europa de após-guerra está em moda apresentarem-se músicos, bailarinas e conjuntos folclóricos, sob a máscara da origem brasileira. Antes da guerra o Brasil era pouco conhecido nas terras do velho mundo. Confundia-se a nossa capital com a da Argentina e famosas eram nessas florestas virgens, e os índios com arco e flecha. Veio a conflagração mundial, mandamos o corpo expedicionário e o Brasil foi, inclusive, para a presidência da ONU. O samba difundiu-se, diferente é verdade, com ritmo centro americano, mas levou o nome do Brasil a terras estranhas, junto com outro nosso embaixador, o café. Nossa música regionalista naturaliza-se em todos os países onde entra. São poucos nossos verdadeiros artistas que demandam nações ultramarinas. O caso Carmen Miranda não foi seguido. Mas o Brasil está na moda, seus ritmos, a batida, os balangandans, o café e principalmente o samba. Em vista disso, outros artistas se aproveitam para «difundir» o que é nosso. E' o que acontece agora na Europa sedenta de coisas novas. Qualquer coisa serve, contanto que venha com o rótulo «made in Brazil». E' o caso da bailarina da gravura. E' preta, chama-se Inês Montesino, tem 22 anos, nasceu na ilha de Fernando Poo, na África Equatorial. Vemo-la dançando uma fantasia brasileira. Dizem que aos 14 anos comeu uma cobra e desde então seus amigos acreditam que tenha o diabo no corpo. Sua dança preferida é o Quimbaba. E' por essas e por outras que até os embaixadores estrangeiros, quando daqui sáem, propalam que por aqui há muita cobra...



CAFÉ COM CACHAÇA

NO nordeste do País costumam os sertanejos dar suadouros em seus doentes com febre, misturando cachaça com café, isto é, adicionam numa xícara da bebida bem forte umas dez ou quinze gramas de geribita. Isso desenvolve no interior do enfêrmo um calor terrível, sobrevindo banho de suor e, muitas vêzes, a caída da temperatura com a salvação do doente ou sua morte, é claro...

Não sabemos se o café com cachaça já chegou lá pelos lados de Detroit, nos Estados Unidos, levado talvez por algum norte-americano que estivesse lá pelo Nordeste durante a última guerra. Entretanto, já houve ali, na citada cidade norte-americana, quem se lembrasse de fazer a mistura infernal. O diabo é que não se destinou a doentes com febre alta, e sim a gente que se entregava a festas íntimas, em grande banquete onde reinava a maior alegria. A bebida que, entre nós, é aplicada aos febris, lá passou para o domínio da elegância. E foi uma tragédia. Sôbre uma mesa entre os convivas, colocaram grande vaso contendo café forte ao qual adicionaram aguardente da boa. Mexeram, mexeram, aspiraram-lhe o perfume exótico e excitante e experimentaram. Delicioso! Todos se aproximaram para ver e beber daquele néctar extravagante. Mas, não se sabe por que motivo, quando tudo ia no melhor dos mundos, o recipiente explodiu e as chamas, de um azul agressivo, queimaram oito convivas, inclusive dois juízes e um jornalista local. Um dos queimados é o dirigente do Sindicato dos Cozinheiros. E tudo se esclareceu: um dos presentes, inadvertidamente, aproximou-se muito do vaso de prata com uma vela acesa. E... pum! Lá se foi o café com cachaça!

O CÚMULO DA COINCIDÊNCIA



LIVORNO, Itália, 3 (U.P.) — Os habitantes desta cidade que foi tão bombardeada durante a última grande guerra, ficaram em pânico quando tremeu a terra intensamente, pela segunda vez, em dezoito horas. O terremoto ocorreu às dezesseis horas de ontem, mas foi o mesmo de breve duração e não houve feridos nem danos materiais. À noite um intenso abalo derrubou vários edifícios que foram avariados durante a guerra, causando pânico, em consequência do que mais de quarenta pessoas ficaram feridas. Quase tôda a população saiu para as ruas. Juntamente com o terremoto registraram-se tremendos estrondos como os de trovões e explosões subterrâneas. Centenas de pessoas abandonaram os seus lares, vestidas com traje de dormir e se dirigiram para o campo. Uma das maiores cenas de pânico verificou-se no Teatro Moderno no qual estava sendo exibida a película "Os últimos dias de Pompéia". As pessoas saíram correndo do teatro, gritando e aos empurrões. Quase todos que ali estavam sofreram pequenas lesões. Em Pisa foi sentido o terremoto, que teve menor duração. Não houve danos, na mesma cidade.

Eis, leitor, o telegrama da United Press para jornais do Rio, trazendo-nos uma das mais curiosas coincidências entre o verdadeiro e a fantasia. Enquanto, em um teatro, milhares de espectadores assistiam à exibição de um filme retratando a tremenda catástrofe de Pompéia, a cidade em que se desenrolava a fita era prêsa de um terremoto em menores proporções, mas que deu motivo a desabamentos, a pânico e terror generalizado.

Ùltimamente se deu um fato curioso em certa cidade da América: enquanto os moradores de certa casa estavam vendo um filme de "gangsters", era sua residência assaltada! Cúmulo de coincidências!

OS CABELOS DE ROSALIE



APESAR da brutalidade dêste século que só rende homenagem ao dinheiro, e dinheiro conversível em ouro, o homem continua a ser um poeta, um emotivo, um sensível à beleza, especialmente à beleza feminina.

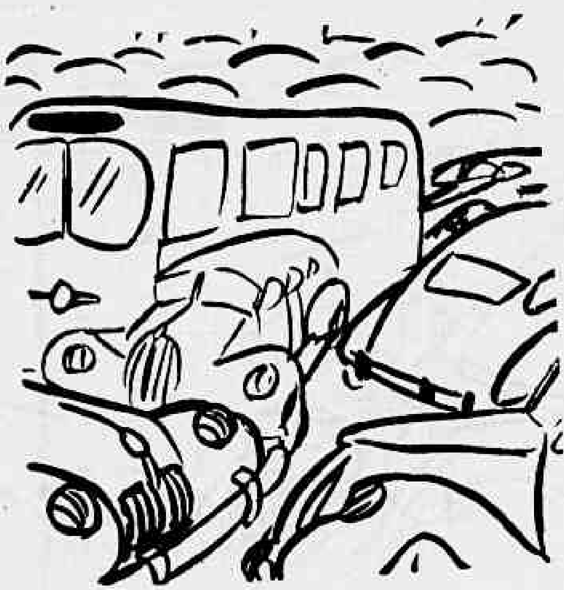
E não é sòmente no Brasil. Nos Estados Unidos, país de trabalhos intensos, de máquinas e motores por todos os lados, o homem é poeta e gosta de ver uma beleza feminina, máxime se ela possui lindos e bastos cabelos.

Foi por isso que Edward Lee Bruce se casou. Jamais se uniria a uma mulher que não fôsse linda, de belos e sedosos cabelos, uma perfeição digna dos maiores estatutários vivos e mortos. E assim sucedeu mesmo.

Bruce viu Rosalie. Possuía ela umas madeixas que o deixaram mal, sem nenhum trocadilho. Que linda era Rosalie! Se quisesse casar-se com êle!... Tentou. De comêço, como é da praxe, a jovem de vinte anos mostrou-se esquiva, manhosa e sonsinha. Mas, afinal, aceitou a mão de seu apaixonado.

Casaram-se. Punhados de arroz, parabéns, conselhos dos pais, palavras graves do juiz e frases abençoadas do sacerdote. Foram os dois viver a vida nova cheia de sonhos, castelos e planos. Rosalie acrescentou Bruce em seu nome. Mrs. Bruce. Muito bela, com seus ondeados cabelos. Veio um filho. Formosa criança de mais formosa mulher! Êsse menino era o enlêvo do casal; mas, para tristeza de Bruce, o pai, Rosalie começou a não parar em casa. Vivia na rua. Um dia, ou melhor, uma noite, não veio para casa. No dia seguinte o espôso se mostrou irritado. Discutiram. Ela não se emendou e continuou a viver fora do lar, fora do filho, ausente do espôso. E aí Mr. Bruce não teve dúvidas: com afiadíssima faca, cortou rente os cabelos de Rosalie...

CONSOLEMO-NOS CARIOCAS!



COM a crescente aglomeração de gente do interior para os grandes centros urbanos, um dos problemas que mais afligem as populações é o do tráfego.

Uma cidade congestionada de pedestres e de veículos é qualquer coisa de aflitivo, especialmente quando não há nas mesmas alguns dos modernos recursos para aliviar o trânsito: recursos para abertura de largas avenidas e a existências de "Metropolitanos" que possam desviar da superfície para o subterrâneo grande parte do tráfego. O Rio, a êste respeito, é uma cidade em permanente angústia. Não se pode abrir, todos os dias, novas ruas, novas avenidas, de maneira que seja o tráfego desafogado; e, quanto à construção do "Metro", isso é um sonho cada vez mais distante.

Pois os cariocas estão consolados com o que acaba de suceder em Paris. A capital da França tem "metropolitanos", trens subterrâneos já muito antigos; não tem o problema dos morros, nem arranha-céus a demolir para abrir novas avenidas. E' uma cidade plana, de sub-solo acessível à picareta. Gozando das simpatias do Plano Marshall, a França poderia, sem muito esfôrço, conseguir mais algumas centenas de milhões de dólares para melhorar as condições de sua capital em relação ao tráfego urbano. Mas os seus administradores decidiram atenuar os sofrimentos do povo e dos motoristas com outra providência: reduziram o número de taxis que trafegam em Paris a dez mil, mandando que uns quatro mil desocupem o beco... O mesmo com o itinerário dos ônibus, reduzido ao mínimo e proibido viajar para zonas servidas pelo "metropolitano". Foi adotada a mão única em várias ruas; mas, apesar de tudo, continua o congestionamento! Lá e cá...



NESTE APÓS GUERRA

têm proliferado na Itália os gênios precoces, especialmente no campo da música. Regentes, concertistas e agora até um soprano de apenas doze anos. Anna Maria Alberghetti, êsse é o nome da menina, nasceu em 1937 e recebeu lições de seus próprios pais. Seu primeiro concerto deu-o em 43, quando contava apenas seis anos. Morava então a família na Ilha de Rhodes, no mar Egeu. A guerra estava no ápice de sua violência. Os pais de Anna Maria queriam voltar para a Itália, mas as leis militares não o permitiam. Para comover o governador da Ilha, fizeram-no assistir ao primeiro concerto da filha. Concedida a liberdade, voltaram para a cidade de Pesaro, onde foi aperfeiçoada a educação da menina. Começaram depois as «tournées», pela Itália e no estrangeiro. A «Scalera-Filme» contratou-a para um filme em companhia de outro menino prodígio, Pierino Gamba. O famoso soprano Toti dal Monte disse que ela estudou quinze anos para cantar como Anna Maria. Porém os críticos aconselham-na a repousar e continuar estudando, pois poderá perder a voz, mesmo antes que ela se manifeste em tôda a sua amplitude.



Fôrça Pública do Estado de São Paulo

Diploma

Coronel Eleutherio Brum Ferlich
Comandante Geral, concede à
Giannella de Marco
o diploma de Capitão Maestro Honorario da Banda Sinfônica da Fôrça Pública, pela sua brilhante regencia desse conjunto musical, pondo à prova o seu genial talento artistico e prodigiosa inteligência.

São Paulo, 18 de março de 195[illegible]

Eleutherio Brum Ferlich
Coronel Comandante Geral

GIANNELLA DE MARCO

ainda está bem viva na memória dos cariocas pela brilhante atuação no comando da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, em temporada que se realizou no anno passado. Precedida de grande cartaz, constituiu, de fato, uma surpresa para os meios musicais e os aficionados dos concertos. Não nos cabe analisar agora o que há de verdade, de natural ou de ficção no caso Giannella De Marco, mesmo porque isso já constituiu assunto para uma de nossas grandes reportagens na época. A menina-regente continuou sua excursão para o sul e já está voltando, tendo atuado em São Paulo. E' de lá que nos chegam as fotos acima e a notícia de que «pela sua brilhante regência do conjunto da Banda Sinfônica da Fôrça Pública, pondo à prova o seu genial talento artístico e prodigiosa inteligência». Agraciada com o diploma de «Capitão Maestro Honorário» da banda citada, vemos, no outro flagrante a regente envergando a farda da corporação.



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

A viagem sinistra (Carlos Duarte) 2/6
Escola de profetas (Nathaniel Guimarães) 8/12
Na Tijuca mora a abnegação (Arnaldo Vieira Jr.) 16/21
A vida imita a ficção (Marcos Telles) 50/51

LITERATURA

O retrato salvou-nos (Carlindo Cerqueira) 22
Mariazinha, a louca do cais (Yolanda Carneiro Ribeiro Lorenzato) 26
Semana Literária (Edmundo Lys) 52/53

HUMORISMO

Bom Humor 13
Amor (Nicodemus) 23
Ora vejam só (Théo) 36

FEMININAS

Modas de outono 27
Quadriculado 28
Duas peças em lã 29
Outono em Hollywood 30/31
Muito em moda os botões .. 32
Em tecido de algodão 33
Para o outono 34
Três modelos originais - **Coquetterie fúnebre** (Lyse) 37
Blusas de Paris 38
Em renda 39
Modelos sem alça 40
Simplicidade e elegância ... 41
Week-End na cozinha 48/49

ATUALIDADES

Londres aplaude Mr. Fry .. 24/25

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em revista 7
Música (Roberto Lyra Fº.) 44
Puxe pelo cérebro 46
A saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 47
Tudo isto aconteceu 55/57

FOLHETIM

Eu amava outro homem 54

FOTOS

Arnaldo Vieira
Nestor Nadruz
A. Vieira Jr.
Avulsas
«O Globo»

ILUSTRAÇÃO

Oswaldo da Cunha

★

NOSSA CAPA

Myrna Dell — Foto da RKO

Puxe pelo cérebro

(Respostas ao teste da pág. 47)

1) — 1582
2) — Inglaterra (1752)
3) — Rússia (1923)
4) — Jejum dos muçulmanos
5) — Da fidelidade
6) — Cibório
7) — Introdução da tração elétrica
8) — Paulo de Frontin
9) — Uma lagoa (Santo Antônio)
10) — O capitão-mór Antônio Ramos dos Reis (Ouro Prêto)
11) — Antes de Cristo (Romanos e Hebreus)
12) — Raymundo Cella
13) — Antônio de Assis Sampaio
14) — Da proclamação da República
15) — Convento do Carmo
16) — Prudência
17) — Gil Vicente
18) — 1818 (D. João VI)
19) — Nova York
20) — Setenta e oito milhões e duzentos mil.

PARAQUEDISTAS DO EXÉRCITO

EM uma reportagem inédita, a REVISTA DA SEMANA fêz uma demorada visita à Escola de Pára-quedistas do Exército, o ninho dos nossos "pássaros de fogo", que constituem a mais nova e eficiente unidade das fôrças armadas brasileiras. Soldado para qualquer missão, especialmente as mais arriscadas, os pára-quedistas militares constituem tropa de elite nos exércitos dos países mais poderosos da terra, assim como no nosso. Os russos criaram essa arma de fabuloso poder destruidor, mas foram os alemães de Hitler que a lançaram primeiramente em combate, infligindo grandes danos às tropas inglêsas, francesas, belgas e das demais frentes de combate no último conflito, até que as nações aliadas fizeram o feitiço voltar contra o feiticeiro... Onde a infantaria não pode pisar, lá chegam as tropas pára-quedistas, despejadas do ar qual enxames de ferro e fogo, com sua extraordinária capacidade de ação por detrás das linhas inimigas, seja sabotando, desmantelando estradas e pontes, espalhando o terror entre as populações civis ou preparando as "cabeças de ponte" para as incursões da infantaria. Essa a missão da grande e nova arma da guerra moderna. Ser pára-quedista, porém, não é algo fácil. Para ser uma das águias do Exército" é preciso que se tenha muita audácia, fôrça de vontade, sangue frio, nervos de aço. Eis o que a REVISTA DA SEMANA, numa grande reportagem de Carlos Duarte e Adir Vieira, mostrará aos seus leitores no próximo número — os "PÁSSAROS DE FOGO".



Projeto e execução da
CASA NUNES

Mobiliários e Decorações

Orçamentos executados por técnicos-decoradores

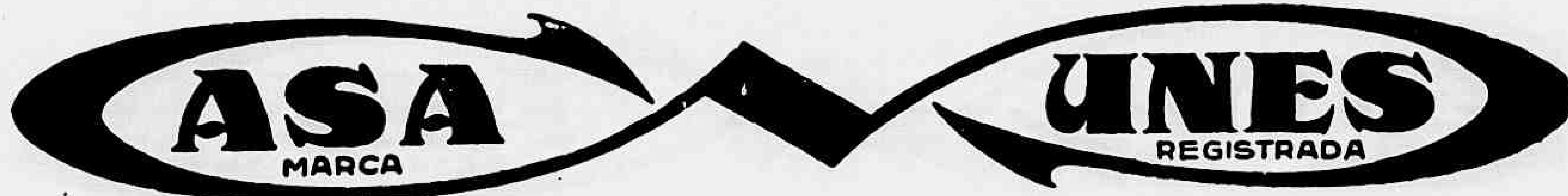
ESPECIALIDADE EM

Grupos Estofados

PARA ENTREGA IMEDIATA

Tapetes e Passadeiras

de todo o mundo fabricados especialmente para a



65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



O Iate Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca

Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hàbilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**